



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**  
**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**MARIA ANITA VIEIRA LUSTOSA KACZAN**

**O PRINCÍPIO FILOSÓFICO-EDUCATIVO DO SUJEITO NO CONTEXTO DO  
CAPITALISMO TARDIO: ABORDAGEM NA FILOSOFIA DE ŽIŽEK**

**FORTALEZA**

**2015**

MARIA ANITA VIEIRA LUSTOSA KACZAN

O PRINCÍPIO FILOSÓFICO-EDUCATIVO DO SUJEITO NO CONTEXTO DO  
CAPITALISMO TARDIO: ABORDAGEM NA FILOSOFIA DE ŽIŽEK

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de doutor. Área de concentração: Educação brasileira.

Orientador: Professor Dr. Hildemar Luiz Rech

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

L99p

Lustosa, Maria Anita Vieira.

O princípio filosófico-educativo do sujeito no contexto do capitalismo tardio: abordagem na filosofia de Žižek / Maria Anita Vieira Lustosa. – 2015.

120 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Ciências Humanas.

Orientação: Hildemar Luiz Rech.

1. Sujeito (Filosofia). 2. Educação - Filosofia. 3. Capitalismo. 4. Žižek, Slavoj, 1949-. I. Título.

---

CDD 370.1

MARIA ANITA VIEIRA LUSTOSA

O PRINCÍPIO FILOSÓFICO-EDUCATIVO DO SUJEITO NO CONTEXTO DO  
CAPITALISMO TARDIO: ABORDAGEM NA FILOSOFIA DE ŽIŽEK

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de doutor. Área de concentração: Educação brasileira.

Aprovada em: 31 / 07 / 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kátia Rodrigues Lima  
Universidade Federal do Cariri (URCA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Serra Azul Machado Bezerra (UECE)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Albuquerque da Silva (UFC)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico a elaboração  
desse trabalho  
a minha família  
(anjos da minha vida).

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, fonte de inspiração em minha vida.

Ao meu companheiro, Marcelo, pela parceria, incentivo, apoio e amor.

A minha pequena Sophia, para quem todo esforço é válido.

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará – UFC, a todos os professores e funcionários, pela oportunidade oferecida e convívio harmonioso necessário à realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro concedido, sem o qual teria sido impossível a realização desta pesquisa.

À linha de pesquisa FILOS, em especial, ao Eixo: Marxismo, Teoria Crítica e Filosofia da Educação da UFC, pelo incentivo e apoio dedicado e, especialmente, pelo compartilhamento do saber com seus alunos.

Ao meu orientador, professor doutor Hildemar Luiz Rech, pelo presente e liberdade de pesquisa, e, principalmente, por acreditar na materialidade deste trabalho. Agradeço a confiança, apoio e incentivo.

A Gardênia Lustosa, coorientadora deste trabalho, profissional e pessoa inigualável que me ensinou o quanto o saber pode ser traduzido em uma experiência rica e gratificante. Obrigada pelas incansáveis revisões nos esboços deste trabalho e pelos intensos diálogos dispensados.

Um agradecimento especial a minha mãe, Ilaíde Vieira, que, mais uma vez, soube ser paciente e esperar os frutos que podem ser colhidos de um trabalho feito com responsabilidade, dedicação e amor.

A minha irmã Geny Lustosa, incentivadora incansável desse projeto, obrigada pelas leituras e contribuições.

A meus irmãos Gessilaide Lustosa e Gilson Lustosa que, mesmo nos momentos difíceis, me ensinam todo o dia o quanto precisamos compartilhar nossos sonhos.

Uma dedicatória especial à instituição escola, especialmente à Escola Espaço Vida, pois sem esse apoio incondicional jamais teria conseguido realizar esse trabalho. Agradeço a todas as coordenadoras, professoras, auxiliares e funcionários, e, em especial, a minha amiga Amália Simonetti, por quem nutro grande admiração.

Aos professores examinadores deste trabalho, pelos diálogos frutíferos e pelas valiosas contribuições teóricas fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

A todos os colegas que fiz ao longo dessa caminhada, pelos momentos partilhados de aprendizagem, angústias e alegrias, em especial, a minha amiga Wildiana Jovino, pelo apoio nos momentos em que quase desistimos.

A todos os meus componentes familiares e aos amigos, que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Em tempos de “covardia” e medo,  
como mudar o estado das coisas?  
Como pensar em possibilidades que possam romper  
o nível de apatia que se abateu sobre os homens?  
Como fazer reviver velhos sonhos?  
Talvez pela via do amor,  
como pensara Sêneca:  
amor a toda forma de luta.  
(Anita Lustosa, 24 de fevereiro de 2015)



## RESUMO

Aborda-se nessa pesquisa a problemática sujeito e educação no contexto do capitalismo contemporâneo, sob a óptica do filósofo esloveno Slavoj Žižek, autor que se ancora na tradição da Filosofia moderna, especialmente em Hegel e na psicanálise lacaniana, para pensar a condição do sujeito na contemporaneidade em meio ao complexo de complexos da realidade atual, com suas lacunas, reificações e contradições implícitas. Ante o exposto, se delineia como objetivo geral desta pesquisa, o exame da problemática do sujeito e da educação na perspectiva zizekiana, na lógica de funcionamento do capitalismo global contemporâneo, buscando perceber as implicações das ideologias disseminadas pelas mais variadas instâncias de capturação da subjetividade no atual sistema na constituição de possíveis sujeitos agentes da transformação social. Metodologicamente, a pesquisa configura-se em um estudo do tipo bibliográfico, no qual se elegeu o aporte teórico principal - as obras descritas, a saber: “O Ano em que Sonhamos Perigosamente” (2012a); “Vivendo no Fim dos Tempos” (2012b); “Mitologia, Loucura e Riso: a subjetividade no idealismo alemão” (2012c); “Primeiro como Tragédia Depois como Farsa” (2011b); “Arriscar o Impossível: conversas com Žižek” (2006); “Como Ler Lacan” (2010) e “O Sujeito Incômodo” (2009). Apresentam-se, ainda, outras fontes de análises também utilizadas como material de consulta - conferências, palestras e entrevistas em que Žižek trabalha a problemática em foco. Dentre as conclusões desta investigação, destaca-se o fato de que o sujeito constitui experiência inacabada, não transparente e, muito menos, meramente acessível ao simples observar cotidiano; envolto em uma espécie de “loucura enigmática”, alicerçada no *cogito* e na subjetividade, o que assenta o sujeito no campo de uma experiência de interpretação difícil, inserindo-o, portanto, numa dimensão paralática.

**Palavras-chave:** Sujeito. Educação. Capitalismo Global Contemporâneo. Ato Político. Emancipação Humana.

## RÉSUMÉ

On présente dans cette recherche la problématique sujet et éducation dans le cadre du capitalisme contemporain, du point de vue du philosophe slovène Slavoj Žižek, auteur qui va de pair avec la tradition de la Philosophie moderne, particulièrement avec Hegel et avec la psychanalyse lacanienne, pour penser à la condition du sujet dans la contemporanéité au milieu du complexe de complexes de la réalité actuelle, avec ses trous, réifications et contradictions implicites. Compte tenu de ce qui précède, l'analyse de la problématique du sujet et de l'éducation sous perspective zizekienne se profile comme l'objectif général de cette recherche, dans le cadre de fonctionnement du capitalisme global contemporain, en ambitionnant apercevoir les implications des idéologies disséminées par des plusieurs instances de captations de la subjectivité sous le système actuel dans la constitution de possibles sujets agents de la transformation sociale. Méthodologiquement, la recherche est conçue comme une étude du type bibliographique, laquelle a élu la contribution théorique principale - les oeuvres ci-décrites: "O Ano em que Sonhamos Perigosamente" (2012a); "Vivre la Fin des Temps" (2012b); "Mythologie, Folie et Rire: Subjectivité dans l'idéalisme allemand" (2012c); "Après la Tragédie, la Farce!" (2011b); "Risquer l'impossible: conversations avec Žižek " (2006); "Comment Lire Lacan" (2010) et "Le Sujet qui Fâche" (2009). On présente encore d'autres sources d'analyses aussi utilisées comme matériel de consultation – conférences, exposés et entretiens où Žižek travaille cette problématique. Parmi les conclusions de cette enquête, il est convenable de souligner le fait que le sujet constitue une expérience inachevée, non transparente et, encore moins, purement accessible au moindre regard quotidien; couvert d'une sorte de "folie énigmatique", fondée sur le *cogito* et sur la subjectivité, ce qui fait le sujet reposer sur le domaine d'une expérience d'interprétation assez difficile, en l'introduisant, donc, dans une dimension parallaxique.

**Mots-clés:** Sujet, Éducation, Capitalisme Mondial Contemporain, Acte Politique, Émancipation Humaine

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	10
2	O SUJEITO NA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICO-PSICANALÍTICA E NAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS: ABORDAGEM NA FILOSOFIA DE ŽIŽEK .....	24
2.1	A Filosofia Hegeliana como Alicerce do Sujeito Zizekiano .....	24
2.2	A Teoria do Sujeito em Žižek: abordagem na Psicanálise .....	34
3	ESTRATÉGIAS IDEOLÓGICAS DO CAPITAL: DOMINAÇÃO, IDEOLOGIA DO CONSUMO E ADOECIMENTO DO SUJEITO .....	53
3.1	Sociedades capitalistas: o panorama do fim dos tempos?.....	53
3.1.1	<i>A patologia do consumo na sociabilidade do capital e os processos desubjetivizantes</i> .....	58
3.2	“Catástrofe Pseudonatural”, “Sujeito Pós-traumático” e a Emergência do “Cogito do Proletariado” .....	66
4	SOCIEDADE DO TEMPO PRESENTE: CONSTELAÇÃO IDEOLÓGICA ‘SEM MUNDO’?.....	75
4.1	Revolta sem revolução: sinais de futuro? .....	75
4.1.1	<i>Sujeito Suposto Saber: sintoma da sociedade do tempo presente? .....</i>	87
5	ATO POLÍTICO E EDUCAÇÃO: ELEMENTOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO REVOLUCIONÁRIO? .....	93
5.1	A formação dos “sujeitos agentes” em tempos de obscurantismo ideológico .....	94
5.2	Žižek: considerações sobre a educação na sociabilidade do capital ....	102
6	CONCLUSÃO .....	109
	REFERÊNCIAS.....	114
	APÊNDICE A – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	118
	ANEXO A – METÁFORAS ZIZEKIANAS .....	119

## 1 INTRODUÇÃO

Eu sou uma pergunta...  
Sou tudo que não tem explicação.  
Sou alguém em constante construção.  
(Clarice Lispector)

Examinar a problemática sujeito e educação no contexto do capitalismo contemporâneo, sob a óptica do filósofo Slavoj Žižek<sup>1</sup>, autor esloveno que nos instiga a pensar a história humana e nossa condição existencial em uma dimensão denominada por este autor de *paralaxe*<sup>2</sup>, requer compreender essas duas categorias inter-relacionadas com os diversos fatores históricos (econômicos, políticos, culturais, dentre outros) que permeiam as relações sociais e conformam a sociedade como um todo.

Empreendemos nossas análises com foco no sujeito e na educação, na busca de compreendê-los em meio às contradições implícitas da realidade atual com

---

<sup>1</sup> Em um resumo breve sobre a trajetória intelectual e biográfica do filósofo Slavoj Žižek, podemos destacar aspectos inusitados que o identificam como um dos filósofos mais intrigantes dos últimos anos. Sua proficuidade teórica costuma ser tão intensa e ao mesmo tempo assistemática, apontando para uma multiplicidade de contextos. Seu estilo de escrita, no entanto, sempre engajada, é capaz de definir esse pensador, sobretudo como um autor que toma posições que nos convidam a revisitar as próprias coordenadas simbólicas de nosso pensamento. Nascido no ano de 1949 na cidade de Liubliana, capital da Eslovênia, Žižek se formou em Filosofia, Sociologia e Psicanálise. Em 1975 apresenta sua tese sobre “A relevância prática e teórica do estruturalismo francês”. Atualmente, Žižek é professor no Instituto Columbia, Princeton e na Paris VIII, além de lecionar na universidade de Liubliana. Para saber mais ver: DUNKER, Christian Ingo Lenz. Biografia Comentada de Slavoj Žižek: Projeto Revoluções, 2011.

<sup>2</sup> O termo *paralaxe* é utilizado por Žižek com a definição-padrão, que a designa como: “o deslocamento aparente de um objeto (mudança de sua posição em relação ao fundo) causado pela mudança do ponto de observação que permite nova linha de visão”. A medida da mudança de posição aparente de um objeto em relação a um segundo plano mais distante, quando esse objeto é visto a partir de ângulos diferentes. Esse fenômeno óptico, relativamente simples, torna-se método e guia para uma das mais ousadas aventuras filosófico-psicanalíticas da contemporaneidade. É claro que o viés filosófico a ser acrescentado é que a diferença observada não é simplesmente 'subjéitiva', em razão do fato que o mesmo objeto que existe 'lá fora' é visto através diversas posturas ou pontos de vista diferentes. Mais do que isso, como diria Hegel, sujeito e objeto são inerentemente 'mediados', de modo que uma mudança 'epistemológica' do ponto de vista do sujeito sempre reflete a mudança 'ontológica' do próprio objeto. Ou, para usar o lacanês, o olhar do sujeito é sempre-já inscrito no objeto percebido em si, sob o disfarce de seu 'ponto cego', que está 'no objeto mais que o objeto em si', ponto do qual o próprio objeto devolve o olhar. 'Com certeza a imagem está no meu olho, mas eu, eu também estou na imagem': a primeira parte da afirmativa de Lacan designa a subjetivação, a dependência da realidade para com a sua constituição subjétiva; enquanto a segunda parte traz um complemento materialista e reinscreve o sujeito em sua própria imagem sob o disfarce de uma mancha (o cisco objetivizado em seu olho). O materialismo não é afirmação direta de minha inclusão na realidade objetiva (tal afirmação pressupõe que minha posição de enunciação é a do observador externo capaz de perceber a realidade como um todo); ele reside, antes, na torção reflexiva por meio da qual eu mesmo me incluo na imagem constituída por mim; é esse curto-circuito reflexivo, essa duplicação necessária de mim mesmo ao mesmo tempo fora e dentro da imagem, que dá testemunho de minha 'existência material'. O materialismo significa que a realidade que vejo nunca é 'inteira' - não porque grande parte dela me escapa, mas porque ela contém uma mancha, um ponto obscuro, que indica minha inclusão nela. (ŽIŽEK, 2008a, p. 32).

suas lacunas e reificações. De tal modo, pensar a questão do sujeito, sua condição existencial e nas cadeias de mediação que o formam, no tempo presente, requer perceber as questões que movem a história, com arrimo na compreensão da subjetividade como processualidade aberta, e em constante movimento que se faz no dia a dia em um permanente *devenir* histórico. Assim, partimos das teorizações do referido autor, quando investe no desvelamento da categoria sujeito, ante a realidade caótica que aprisiona e captura os sujeitos do “tempo presente”<sup>3</sup>. A compreensão do sujeito zizekiano está centrada de forma primordial no pensamento de Hegel e Lacan, especialmente na articulação que o Autor faz entre Filosofia e Psicanálise, por meio de uma leitura hegeliana e lacaniana do sujeito.

Suas apreensões de Žižek (2006) partem inicialmente da defesa do *cogito*, mas não apenas na perspectiva na qual se pautou o pensamento moderno que apreende o sujeito pensante, com poder de autorreflexão, capaz de questionar a própria existência. Em vista disso, situa o sujeito, demonstrando o que ele denomina de lado “obscuro, oculto”, aquele não desvelado tão-somente na perspectiva da racionalidade.

Referido autor identifica a existência do que ele conceitua como “núcleo traumático” do sujeito, que não permite a este se reconhecer como imagem pacificadora e autotransparente; ou seja, o sujeito nem de longe se restringe a um eu “racionalmente constituído” que teria condições de solucionar seus conflitos e/ou desvendar-se por completo. Embora, em suas teorizações, o autor reconheça a importância da emergência do sujeito cartesiano e de sua subjetividade - alicerces do mundo moderno - sua intenção é trazer à luz o avesso oculto do sujeito, evidenciando as amarras paradoxais às quais nossa subjetividade está atada na atualidade.

Suas contribuições teóricas permitem que se articulem as apreensões do filósofo Hegel e do psicanalista Lacan, como alicerces para estabelecer o estatuto do sujeito. Ao escolher o pensamento desses dois autores como ancoradores nucleares para suas ideias, Žižek (2006) centra, notadamente, seu interesse sobre certa “falta/excesso”, ou seja, numa lacuna característica própria do ser que tem a negatividade como um fundamento existencial.

---

<sup>3</sup> Žižek se refere a expressão “tempo presente” para caracterizar a sociedade de hoje, do agora.

Segundo o autor, em Hegel, o aspecto da existência dessa “falta/excesso” é identificado por meio de uma “loucura enigmática”, pertencente ao *cogito* e à subjetividade que alicerça o caráter de incompletude do ser, uma espécie de natureza inacabada do sujeito, que reafirma o enigma no qual se insere a vida humana.

Já em Lacan, a existência dessa mesma lacuna é apreendida, aludindo ao conceito freudiano de “pulsão de morte”<sup>4</sup>, que surge exatamente como resposta ao “aspecto inacabado do ser”, impulsionando o sujeito a uma busca incessante, pela realização dos impulsos/desejos, no intuito de suprir, mesmo que parcialmente, essa abertura abismal, ou no entender desse autor, o “furo na ordem do ser”, lacuna [esta] que aponta, ao mesmo tempo, para a autonomia do sujeito. [Este furo prenhe de negatividade radical] é algo que ameaça constantemente sabotar ou derrubar a estrutura simbólica da subjetividade.

Para o esloveno, quando Lacan aborda o sujeito, tomando como ponto de partida esse aspecto do *cogito* ligado intrinsecamente a um momento de loucura, identificado por Lacan, por meio do conceito freudiano de “pulsão de morte”, isto lhe permitiu apreender o *cogito* como a expressão do “sujeito do inconsciente”, uma vez que, para Lacan, a pulsão de morte representa a dimensão imortal da subjetividade, algo que resiste trasposto à nossa condição material e representacional simbólica de existência, caracterizando-se como uma motivação singularmente humana. (ŽIŽEK, 2009)

Žižek (2006, p. 08) recorre, especialmente, a Hegel e Lacan para embasar a formulação de sua teoria do sujeito. Nas duas perspectivas, o interesse

---

<sup>4</sup> Pulsão é um termo surgido na França em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar. Posteriormente, esse mesmo termo foi empregado por Freud, em 1905, tornando-se um grande conceito de sua doutrina psicanalítica. Dessa forma, Freud define pulsão como sendo “a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem”. Em sua teoria Freud conferiu grande importância a essa categoria que constitui um dos eixos centrais da teoria freudiana. O estabelecimento de uma relação entre as questões postas pela psicanálise freudiana e a constatação de viés filosófico de que a vida é sempre precedida por um estado de não vida, conduziu Freud a conclusão da existência de uma pulsão cuja finalidade seria a de conduzir o ser humano a um “estado de inorgânico”. (P. 631). Nesse caso, para Freud, a pulsão de morte é protótipo da pulsão, na medida em que a especificidade pulsional reside nesse movimento regressivo de retorno a um estado anterior. Para Freud a pulsão de morte não pode estar ausente de nenhum processo de vida humana. Em Lacan, essa categoria afigura destaque, se constituindo como um dos quatro conceitos fundamentais de sua psicanálise. Em sua abordagem, o autor isola a pulsão de seu campo biológico insistindo no caráter constante do movimento da pulsão que a difere de suas concepções funcionais e a insere no campo do inconsciente em termos de manifestação da falta e do não realizado, sendo nesse caso considerada como uma categoria do real, devendo inclusive ser entendida em termos mais gerais do que na teoria de Freud. ELIZABETH (1998, p. 628-632).

primordial de nosso autor centra-se no que convencionou atribuir à existência de certa “falta/excesso”, constitutiva e inerente à condição humana, e que tem como fundamento a negatividade. Tal fato pode ser explicitado no idealismo alemão como característica própria do ser humano e de sua subjetividade - a existência de certa “loucura inexplicável” inerente e constitutiva do *cogito* (como sujeito pensante) e de sua subjetividade - demonstrando que esta somente poderia se afirmar ao transpor o campo da loucura. Já para a Psicanálise esse aspecto é identificado como um deslocamento da subjetividade mediante o conceito de “pulsão de morte”, uma vez que ela é justamente a denominação dessa loucura constitutiva da razão.

Convém ressaltar o fato de que as duas abordagens de pensamento concebem a negatividade como fundamento da constituição do ser; o constante movimento do Ser de se pôr e se negar – perpassado por uma realidade caótica, traumática; esta constante insistência em ser, que é, ao mesmo tempo, uma ameaça em deixar de existir. Tal aspecto ilustra a luta das pessoas entre o que somos e o que desejamos ser.

Ao enveredarmos no campo fértil de tais reflexões, percebemos que Žižek (2012d), ao abordar a categoria sujeito, nos desperta para o fato de que é problemática a ideia de querer captar a essência do ser humano (*self*)<sup>5</sup>. E, quando a humanidade pensa estar próxima da possibilidade de desvendar esse enigma, nas condições postas por meio dos avanços científicos, no campo do cognitivismo cibernético, da Biogenética e da Neurociência, a viabilidade desse objetivo se evapora, pois se observa é que esse enigma se aprofunda, evidenciando o paradoxo no qual se insere o sujeito.

Tal aspecto, no entanto, revela um resultado paradoxal, que expõe nossos excessos e faltas, desejos e impulsos humanos, que atestam a impossibilidade de preencher esse vazio constitutivo que nos determina enquanto sujeitos, aumentando ainda mais o enigma no qual se insere a vida humana, o que remete ao que Žižek (2012d) compreende ser um abismo paradoxal intransponível. Assim, Žižek (2012d) nos instiga a repensar nosso ser em conexão com uma

---

<sup>5</sup> No entender de Žižek (2012d, p. 64), a noção de ‘*Self*’, essência do sujeito, é algo enigmático, pois o “*Self* é precisamente uma entidade sem nenhuma densidade substancial, sem qualquer núcleo duro que garantiria sua consistência [...] a consciência do *Self*, é, assim, puramente virtual, é como se ela fosse um Dentro que só aparece quando visto de Fora na tela da interface – no instante em que penetramos na interface e nos esforçamos por apreender o *Self* ‘substancialmente’, como ele é ‘em si mesmo’, ele desaparece como areia escorrendo entre os dedos”.

permanente dúvida existencial que desperta em nós um confronto imediato com a dinâmica estabelecida no atual momento histórico. Esse confronto fica evidente no momento da tensão, no enfrentamento cotidiano de autoafirmação/realização, no sentido de responder às solicitações do meio em que vivemos. Portanto, desse modo, uma negatividade tensiona os sujeitos para a realização dos seus desejos. Assim, estes encontram caminhos de ruptura com o aprisionamento do gozo do “grande Outro”<sup>6</sup> e à rede simbólica alienante<sup>7</sup>.

Evidenciamos a ideia de que a problemática na qual se insere o sujeito, tal como apreendida em Žižek (2012d), é bastante complexa. A propósito, suas teorizações alçara grande notoriedade<sup>8</sup> e despontam no cerne do debate contemporâneo<sup>9</sup> pela efervescência de suas ideias. No ambiente acadêmico e político, o autor se destaca por criticar de forma contundente a cultura dos Estados Unidos,<sup>10</sup> bem como pela forte expressão de censura à sociedade consumista, cultuadora do fetichismo da mercadoria-imagem; um modelo de sociedade que

---

<sup>6</sup> Para Žižek (2010, p. 62-63), a fantasia exerce papel fundamental que pode servir de resposta ao enigma do desejo do outro, uma vez que ela é responsável por regular ou discernir de forma clara o que eu represento de fato para os outros. Para Žižek, “ela nos ensina literalmente como desejar”. No entanto é preciso considerar, ainda que o desejo contido na fantasia não se refere ao desejo do próprio sujeito, mas ao desejo do outro, o desejo com quem me relaciono diretamente. Dessa forma, a questão original do desejo não é diretamente “Que quero eu?, mas o que querem os outros de mim? O que veem os eles em mim? “O que sou para esses outros?”.

<sup>7</sup> Convém esclarecer que, para Lacan, a substância simbólica que permeia o universo social pode ser tanto as regras explícitas (normas, leis), que regulam as interações sociais, quanto aquelas não escritas, mas que também fazem parte do jogo de condução de nossos atos e palavras.

<sup>8</sup> Considerado como um dos filósofos mais “perigosos do ocidente”, Žižek se define sem reservas como um ‘comunista atípico’ ou ainda ‘esquerdista radical. Outro chavão que tenta ilustrar a personalidade de Žižek se traduz na expressão “messias superstar da nova esquerda”. O Filósofo mais “perigoso” do mundo, O Povo online, (2013).

<sup>9</sup> O interesse na referida temática se deu em virtude de nossa formação inicial em filosofia (UECE) e, particularmente, de uma inquietação pessoal com os dilemas existenciais aos quais estamos expostos em um modelo de sociedade que tem como fundamento o lucro e exploração do homem pelo homem (MARX, 1998). Convém esclarecer ainda que o interesse também fora motivado em virtude de nossa participação em um Projeto de pesquisa - PIBIC, intitulado “*Sujeito, Ideologia, Cultura e Educação em Theodor Adorno e em Slavoj Žižek*”, voltado à investigação do pensamento filosófico de Slavoj Žižek sob a coordenação do professor Dr. Hildemar Luiz Rech, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e ao programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará – UFC no ano de 2011.

<sup>10</sup> Slavoj Žižek (2015) é um polêmico filósofo esloveno, considerado um “astro pop” do pensamento filosófico-político na atualidade, uma espécie de pensador *cult* que se destaca no debate da cultura contemporânea e profundo amante do cinema. Apresenta uma maneira singular de fazer ligações entre História da Filosofia, Crítica Cultural e Política. Especialista em Jacques Lacan, o principal seguidor de Freud, também se tornou conhecido entre os cinéfilos como especialista em Hitchcock. É um autor de apurado senso crítico e agudo conhecimento em pensadores herméticos, como é exemplo de Hegel e Lacan. Nesse sentido, orientado pelo marxismo e pela Psicanálise, o Filósofo esloveno é um dos poucos pensadores da contemporaneidade que transita por diversas áreas do conhecimento, assim como outros poucos filósofos o fizeram na história do ocidente, a saber: Aristóteles, na Filosofia Antiga e, Hegel, na Moderna.



impõe seus valores mercadológicos em escala mundial, influenciando culturas, ditando normas, valores e comportamentos.

Žižek (2012b) investe no desvelamento da categoria sujeito, ante a realidade caótica que aprisiona e captura a subjetividade no “tempo presente”, buscando compreendê-la, porquanto inserido nos meandros do capitalismo global com suas lacunas, reificações e contradições implícitas. Para tanto, aborda as principais características do sistema societário vigente, evidenciando as implicações deste sistema para a constituição/formação do sujeito contemporâneo, uma vez que as coordenadas do sistema afetam nuclearmente as condições materiais e subjetivas de existência das pessoas.

Não obstante, a compreensão dos arranjos societários no plano econômico, político, social e cultural torna-se imprescindível para a própria apreensão da subjetividade, uma vez que ela não se constitui descolada do engendramento da realidade. Para Žižek (2012a), não é possível refletir sobre a categoria sujeito fora da sociedade capitalista que o circunscreve, justamente por considerar que esse sistema possui papel preponderante na formação social dos sujeitos, em virtude de se reconhecer a relação recíproca entre objetividade e subjetividade. Isto porque, compreendemos, não há possibilidade de uma posição neutra e plenamente autônoma da subjetividade perante a lógica perversa do capitalismo globalizado, uma vez que esses sujeitos não estão isentos dos choques traumáticos externos e dos percalços da sociedade do capital.

Não oponente “as determinações objetivas da realidade, são ao mesmo tempo, determinações subjetivas do pensamento (determinações dos sujeitos presos nessa realidade).” (ŽIŽEK, 2012a, p. 10). Assim, compreender os novos arranjos societários provenientes da ordem econômica e política é imprescindível para o conhecimento desse novo sujeito do capitalismo contemporâneo, haja vista as implicações desse sistema sobre a subjetividade conjuntemente para sua constituição.

Dentre as inquietações do autor, tem ressaltado a ênfase nas questões paradoxais engendradas no cerne do capitalismo contemporâneo. Como identificado por esse mesmo autor, o capitalismo globalizado é a principal causa das desigualdades sociais. A dinâmica do capital é tão traumática e catastrófica ao ponto de ameaçar inclusive a própria sobrevivência da humanidade nos tempos correntes.

Portanto, o autor considera ser imprescindível confrontarmos a violência constitutiva do capitalismo que naturaliza a subjugação de bilhões de pessoas no mundo todo.

Em sua crítica ao momento histórico atual, Žižek (2012b) denuncia os paradoxos da realidade social, configurada no cenário caótico, quando o mundo depara inúmeras situações (crises ecológica, financeira, da dívida pública e desemprego) que sinalizam um desequilíbrio do próprio sistema e configuram um cenário de catástrofes que ameaçam a perpetuação da vida.

Neste panorama, a humanidade é tensionada por inúmeros desafios, num mundo de indecisões, no qual se evidencia uma crescente exacerbação da miséria humana, confrontada ante os acelerados avanços técnicos e científicos, não direcionados em benefício da humanidade como um todo. Em um cenário de incertezas, produzidas pelos regimes hegemônicos em um sistema global, as economias nacionais e internacionais intensificam as relações de mercado com consequências de agravamento social resultantes em mais miséria, pobreza, desemprego, dentre outras mazelas infligidas à humanidade.

Como identifica Žižek (2006, p. 25), a exclusão social, à qual estão submetidos muitos seres humanos, é exorbitante. De tal modo o “custo humano, em termos da pobreza global intrínseca e das ‘oportunidades de vida’ degradadas, não pode ser calculado dentro da lógica econômica vigente”. Ademais, as desigualdades, marginalizações e estranhamentos produzidos pelos regimes impositivos, autoritários e neoliberais capitalistas disseminados por todo o mundo, induzem a processos dessubjetivantes, visto que os sujeitos passam a ser cada vez mais capturados por dispositivos tecnológicos institucional-burocráticos, e bem assim por produtos de consumo, o que torna esses sujeitos mais espectrais do que existencialmente situados.

Na chamada “sociedade de risco” (ŽIŽEK, 2012b, p. 9) é muito comum a evidência de valores individuais e consumistas, bem como uma necessidade imperativa de “gozo” (mortífero), como fundamentos dessa Nova Era<sup>11</sup> da sociedade mercantilizada. Estes valores imaginários voltados a pequenos “pedaços de gozo” sempre substituíveis por outros, além de nortear a vida dos sujeitos, impõem

---

<sup>11</sup> Žižek (2012b, p. 23) caracteriza esse período como um momento no qual seus ideólogos defendem a fusão entre corpo e espiritualidade sob a forma de um ‘corpo espiritual incorpóreo’ virtual, capaz de experimentar todos os prazeres extremos. Um estágio que pode ser a expressão da lógica espiritual do capitalismo tardio no contexto atual, no qual se unem “espiritualidade e prazeres terrenos, transcendência e benefícios materiais, experiência divina e compras ilimitadas”.

severas consequências, que não se restringem apenas às dimensões objetivas da existência humana, mas, também, a aspectos de sua subjetividade, conformando, assim, novos modos de pensar e agir sobre a realidade.

É fato que o modo de organização social capitalista contemporâneo evidencia sinais de agravamento de suas contradições, resultando em maior precariedade das condições materiais de existência, na desregulamentação social, na destruição ambiental em larga escala e no aumento da pobreza e da miséria, dentre outras mazelas (físicas e psíquicosociais) oriundas dos antagonismos inerentes a esse modelo de acumulação de capital.

Em virtude da complexidade do tema, optamos por fazer um recorte epistemológico, no qual elegemos como núcleo principal de análise as questões que envolvem o “novo” sujeito no capitalismo hoje (destaque nosso) e a educação, por estas categorias estarem imersas na complexidade dos dispositivos tecnológicos, burocrático-coercitivos e discursivos que compõem a realidade multifacetada da sociedade contemporânea. Chamam-nos atenção, mais especialmente, aspectos da subjetividade forjada a todo o momento em uma sociedade marcada por valores mercadológicos e pelo fetichismo da mercadoria-imagem.

Ao examinar os fundamentos da realidade social, Žižek (2006, p. 7) questiona suas coordenadas de amarramento sistêmico, propondo romper com a aparente estabilidade do sistema que serve de sustento para seu perfeito funcionamento, o que ele denomina de “matriz do capitalismo liberal global”.

Não obstante, Žižek em seus pressupostos teóricos, busca estabelecer elos entre História da Filosofia, Crítica cultural, Política e Economia política, ilustrando desse modo as contradições inerentes ao sistema; tecendo análises críticas relevantes à forma como a ideologia dominante funciona atualmente, servindo para cristalizar e legitimar tanto o sistema, quanto suas formas de opressão. Notadamente a compreensão desses arranjos societários de subjetivação imaginário-simbólica, provenientes da ordem econômica, política e social, são imprescindíveis para a compreensão do sujeito e da educação, hoje.

É preciso apreender as condições de estranhamento produzidas pela lógica vigente, quando, no entender de Žižek (2012a), a sociedade contemporânea reproduz práticas inócuas que não condizem com a realidade, acarretando a produção de uma realidade fantasiosa, mediada por efeitos cibernéticos, midiáticos

(*realytes show*), que levam os indivíduos a vivenciarem pulsões e energias libidinais como expressões imaginárias, ou seja, a viver a realidade, como se essa fosse uma mera aparência, falsa aparência. E assinala que, sob este prisma, o corpo “real” do outro não é mais do que uma referência para apoiar nossas projeções fantasmáticas (ŽIŽEK, 2012a).

De acordo com Žižek (2012a), observa-se é que nesse modelo de sociedade pautado nos valores mercadológicos se vende uma cultura do ‘lojismo’ que favorece o consumismo e formas de vida performáticas atreladas a “pequenos desejos de gozo”. Em seu entender, o que predomina nesse contexto é uma lógica democratizante pautada no pensamento liberal e em uma práxis “politicamente correta”, sintonizada com a reprodução forçada das coordenadas sistêmicas dominantes, que não tem como horizonte a revolução social. Nesse sentido, as análises de Žižek evidenciam os matizes que envolvem as dimensões da condição social do sujeito na perspectiva da compleição lacunar, paradoxal e contraditória da realidade.

Situamos, portanto, com suporte nos enunciados zizekianos, as questões que emergem tanto na ordem material da existência dos sujeitos, em face ao cenário de mudanças abruptas e que implicam diretamente a formação do sujeito contemporâneo - educação - quanto àquelas que abrangem as dimensões subjetivas do ser, buscando compreender seus contornos e desdobramentos. Por isso, nos propomos analisar a abordagem feita por Žižek (2012a) sobre a categoria sujeito, pinçando elementos essenciais que norteiam suas noções de subjetividade, valores e ideais (coletivos e individuais), capturados pela ordem sistêmica, que determina nossas “escolhas” assimiladas à sociedade do capital na contemporaneidade.

Em face dessas considerações, torna-se imperativo questionar as repercussões dessa problemática no atual momento histórico, porquanto deparamos uma realidade que traz sérias implicações para a constituição da subjetividade humana. Deste modo, pensar o papel do sujeito no cenário contemporâneo requer compreender os distintos significados que envolvem a problemática da subjetividade em suas múltiplas dimensões.

Nesse contexto, emergem as seguintes indagações, questões norteadoras: quem é o sujeito idealizado pela sociedade do capitalismo

(mercantilizada, consumista)? Que tipo de homem é formado no contexto do capitalismo contemporâneo, sem fronteiras, desmedido de vínculos (no trabalho, na família, nas relações afetivas mediadas pela internet)? Que ideal de homem essa sociedade fomenta? E, ainda, quais ideais são perpassados pelas instituições que atuam na perspectiva da formação humana nesse modelo de sociedade antagônico, que tem como princípio básico a contradição inerente a sua constituição?

Ante o exposto, se delinea como objetivo geral desta pesquisa o exame da problemática do sujeito e da educação na perspectiva zizekiana, na lógica de funcionamento do capitalismo global contemporâneo, buscando perceber as implicações das ideologias disseminadas pelas mais variadas instâncias de capturação da subjetividade no atual sistema na constituição de possíveis sujeitos agentes da transformação social. Como desdobramento do objetivo geral e das questões suscitadas, temos os objetivos específicos adiante delineados.

- Investigar a concepção de sujeito no arcabouço teórico de Slavoj Žižek.
- Analisar as estratégias ideológicas do sistema capitalista global, disseminadas pela lógica do consumo em tempos de capitalismo manipulatório, ou seja, de “manipulação ideológica”.
- Apreender as possibilidades (ou não!) de processos emancipatórios do sujeito, contidos nos anunciados movimentos de resistências, evidenciados no tempo presente.
- Analisar o papel da educação na constituição de sujeitos e suas prováveis implicações para emancipação humana em tempos de capitalismo global contemporâneo.

Privilegiamos, portanto, as categorias sujeito, educação, capitalismo global, movimentos de resistência, ato político, educação e formação humana e as nuances que envolvem suas dimensões para a condição social do sujeito na contemporaneidade, por considerarmos importante refletir criticamente sobre o impacto ideológico na constituição do sujeito histórico, em um contexto em que a ciência e a tecnologia predominam como instrumento de saber/poder – como fundamentos de um paradigma globalizante – e constituem expressões (materiais e ideológicas) das relações sociais tecidas no capitalismo tardio.

Elegemos essas categorias por compreendermos que, nesse momento histórico, elas constituem uma configuração específica que pode ajudar a decifrar o engendramento da problemática na qual estão inseridos os sujeitos, contribuindo para o desenvolvimento de uma pesquisa que busque a complexidade dialética das relações entre essas categorias. Consideramos urgente perceber as implicações do sistema capitalista na vida dos sujeitos, no intuito de compreender as manifestações subjetivas alienantes do presente e, por outro lado, a emergência de uma subjetividade permeada por conteúdos emancipatórios na sociedade atual, bem como seus desdobramentos para a formação social dos sujeitos.

Metodologicamente, a pesquisa se configura em um estudo teórico-bibliográfico, no qual elegemos como aporte teórico principal as obras descritas, a saber: “O Ano em que Sonhamos Perigosamente” (2012a); “Vivendo no Fim dos Tempos” (2012b); “Mitologia, Loucura e Riso: a subjetividade no idealismo alemão” (2012c); “Primeiro como Tragédia Depois como Farsa” (2011b); “Arriscar o Impossível: conversas com Žižek” (2006); “Como Ler Lacan” (2010) e “O Sujeito Incômodo” (2009). Apontamos, ainda, outras fontes de análises também utilizadas como material de consulta, tais como conferências, palestras e entrevistas em que o autor trabalha a temática, recorte privilegiado de nossa pesquisa.

O aporte teórico de nosso estudo, além de se fundamentar no arcabouço zizekiano, também é motivado por autores que delimitam suas análises no campo marxista. Desse modo, trazemos para o diálogo as análises de autores como Marx (1998), Mézáros (2005) Bauman (2005), Arantes (2014), dentre outros teóricos que, igualmente a Žižek, se ocupam da análise crítica sobre as principais implicações do nosso modelo de sociedade na vida dos sujeitos na atual conjuntura histórica.

Referido aporte teórico constitui recorte privilegiado da temática em foco, visando a concentrar-se, prioritariamente, na perspectiva de Žižek a respeito do sujeito contemporâneo com suas formas de subjetivação e sobre suas distintas formas de representação/atuação no atual momento histórico, buscando compreender as influências dos diversos fatores (objetivos e subjetivos) incidentes sobre o sujeito no tempo presente, bem como na formação/constituição da subjetividade.

Para tanto, nosso estudo se propõe discorrer sobre o horizonte conceitual no qual Žižek expõe suas ideias, especialmente nas obras<sup>12</sup> escolhidas inicialmente como aporte teórico para nosso estudo, e que fazem parte de sua intensa produção literária, ilustrando o panorama no qual o autor desenvolve sua argumentação.

Procedemos, na sequência, a uma exposição dos capítulos que se sucedem após a introdução da tese, os quais estruturam o curso de nossa pesquisa. Assim, após o capítulo introdutório, iniciamos a discussão do segundo capítulo, fazendo uma exposição sobre a problemática do sujeito, tal como é abordado por Žižek em seu arcabouço teórico-filosófico-psicanalítico, especialmente nas análises de Hegel e na abordagem psicanalítica de Lacan (2006) e de seu retorno a Freud. Foi nosso interesse primordial compreender a construção histórica da categoria sujeito e de seus desdobramentos nesse campo de pesquisa, justamente por entendermos ser de fundamental importância o conhecimento de seus alicerces para compreender o processo de constituição do sujeito, no atual estágio da humanidade.

No capítulo seguinte, abordamos as características inerentes ao modelo atual de sociedade e suas implicações na formação/educação do sujeito no tempo presente. Assim, discorreremos sobre as implicações do tempo presente na formação da subjetividade, buscando evidenciar como esta é impactante sobre as vicissitudes dos processos de subjetivação contemporânea, bem como suas formas de manifestação no modelo societário vigente; em tempos que podem ser caracterizados como um momento de crise do “núcleo orgânico” (ALVES, 2012, p. 31) do capital, e que nos impõe uma reflexão mais detida sobre esse cenário mundial no qual se expressa uma situação de esfacelamento, fragmentação e desordem.

Ainda neste ponto, nos debruçamos na apresentação do panorama social estruturado em um modelo mercantilizado da vida, discorrendo sobre as experiências de conflito que configuram um novo cenário de luta, em meio às mais recentes condições de exploração do humano, bem como acerca de possíveis condições de emancipação. O engendramento das múltiplas faces do enfrentamento

---

<sup>12</sup> Žižek possui cerca de 60 livros, traduzidos no mundo todo, além de várias publicações de artigos em revistas e na internet, fato que evidencia como ele mesmo afirma, sua compulsão pela escrita. Escolhemos conforme exposto na metodologia as obras descritas, a saber, como aporte privilegiado de nossas análises: “Vivendo no Fim dos Tempos” (2012b); “Mitologia, Loucura e Riso: a subjetividade no idealismo alemão” (2012c), “O Ano em que Sonhamos Perigosamente” (2012a); “Arriscar o impossível” (2006); “O sujeito Incômodo” (2009); “Primeiro como Tragédia depois como Farsa” (2011b) e “Como Ler Lacan” (2010).

coletivo que se expressam na atualidade é posto como um dos desafios urgentes à práxis coletiva hoje. Sob este aspecto, abordar, neste debate, o papel do sujeito na realidade contemporânea, requer compreender os distintos significados que envolvem essa problemática, à luz dos variados contextos e das múltiplas dimensões da realidade social e cultural contemporânea.

No quarto capítulo de nossa pesquisa, nos debruçamos sobre a análise dos movimentos de resistência que configuram um novo panorama de luta, bem como a respeito da condição histórica dos “sujeitos agentes” (Žižek, 2003, p. 180), em tempos que podem ser considerados como um período singular na história e que servem para marcar a reconquista do espaço público; uma fase caracterizada por situações de esfacelamento, fragmentação e desordem em meio às possíveis condições de emancipação.

Dando continuidade à discussão encetada no quinto capítulo de nossa tese, nos ocupamos de problematizar as possibilidades efetivas de uma mudança na forma de organização social pela via de uma ação educativa que esteja de fato comprometida com o viés crítico, ou seja, um ato educativo em consonância com ato político verdadeiramente revolucionário, aquele de fato comprometido com a possibilidade de romper com rigores da ordem vigente, promovendo assim a verdadeira transformação.

Convém ressaltar o fato de que nossa exposição temática não tem a intenção de resumir a obra de um dos mais fecundos pensadores da atualidade, mas situar ao leitor os caminhos de nossa investigação, que tem como principal objetivo pinçar nas obras desse autor aspectos centrais que contribuam para o desvelamento da problemática do sujeito hoje, foco primordial de análise desta pesquisa, bem como a compreensão da realidade contemporânea.

O esforço teórico aqui empreendido se justifica no sentido de fomentar o debate acerca da condição do sujeito do tempo presente, à luz dos *insights* contidos nas teorizações de Žižek (2009), e sobre os processos de alienação e de resistência emancipante que se assenta sobre o sujeito, evidenciando os paradoxos com os quais ele está a se debater no atual momento histórico.

Em suma, as reflexões aqui tecidas buscam evidenciar o paradoxo no qual o sujeito do “tempo presente” se enreda - nas teias ou nas tramas da realidade, nas condições postas pelo contexto social recente, uma vez que concluímos não



haver possibilidade de uma posição neutra ou plenamente autônoma dessa subjetividade, perante a lógica perversa do capitalismo contemporâneo.

As conclusões de nossa investigação situam a constituição do sujeito como experiência inacabada, não transparente, não acessível ao simples observar cotidiano; envolto em uma espécie de “loucura enigmática”, alicerçada ao *cogito* e à subjetividade, o que assenta esse sujeito no campo de uma experiência de interpretação difícil, inserindo, portanto, numa dimensão paralática.

## **2 O SUJEITO NA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICO-PSICANALÍTICA E NAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS: ABORDAGEM NA FILOSOFIA DE ŽIŽEK**

Iniciamos nossa exposição temática retomando o problema que nos interessa - a investigação da categoria sujeito, tal como é abordado por Žižek (2010) em seu arcabouço teórico-filosófico, especificamente nas análises de Hegel e na abordagem psicanalítica de Freud e Lacan. Tomando como ponto de partida uma análise teórica do conceito de sujeito, buscamos compreender sua construção histórica e seus desdobramentos nesse campo de pesquisa, uma vez que o conhecimento de seus alicerces é de fundamental importância para o entendimento do processo de constituição do sujeito, no atual estágio da humanidade.

### **2.1 A Filosofia Hegeliana como Alicerce do Sujeito Zizekiano**

Falar do sujeito no tempo presente, apreendido na perspectiva zizekiana, remete à compreensão desse sujeito como um ser em processo que se constitui com origem nas suas relações consigo e com os outros, ante a objetificação da materialidade histórica. Nesse viés, é imprescindível pensar esse sujeito dentro de uma ordem universal, ou, como assevera Žižek (2012c, p. 205), na textura de uma 'Grande Cadeia do Ser', da qual ele necessariamente faz parte. Dessa forma, como pensar o sujeito no interior dessa cadeia de significação? Quais os elementos que o determinam e o constituem?

No esclarecimento de tais reflexões, encontramos no arcabouço teórico de Žižek um horizonte conceitual que aponta para uma perspectiva nova de análise fundamentada no viés filosófico anelado ao psicanalítico<sup>13</sup>. Para uma melhor compreensão do pensamento zizekiano em torno desse tema é imprescindível partir dos pressupostos fundamentais na histórica relação homem/mundo. Assim, para essa investigação importa destacar que o estudo do Ser sempre esteve no cerne das questões filosóficas, se consolidando como uma prerrogativa da filosofia.

---

<sup>13</sup> Cabe destacar que a problematização acerca do sujeito, operada no conjunto da obra zizekiana, não se encontra compilada em um único livro. Sua narrativa sobre esse conceito se evidencia em diversos escritos, não sendo tarefa fácil pinçar com certa linearidade de pensamento essa categoria, nem tampouco tomá-la como algo acabado.

Nessa perspectiva de análise é interessante perceber como as narrativas filosóficas sobre o ‘nascimento do homem’ foram obrigadas a pressupor um período na “(pré)história humana” - um momento de transição, no qual, o homem mesmo não sendo concebido enquanto tal, também não poderia ser visto como um mero animal, mesmo que este ainda não tivesse se constituído como um ser de linguagem contido pelo registro simbólico. Ou seja, fora preciso conceber um estado de natureza completamente “pervertida, desnaturalizada, descontrolada, que ainda não é a cultura” (ŽIŽEK, 2012c, p. 171).

É necessário ressaltar a complexidade do pensamento desse filósofo contemporâneo no constructo de suas elaborações teóricas, em busca dos elementos fundamentais de constituição do Ser<sup>14</sup>. Conduzindo o debate por essa via, Žižek reporta-se a Kant quando este sublinha a ideia da existência de um elemento inerentemente desagregador próprio da natureza humana<sup>15</sup>, um “desregramento [...] uma propensão selvagem e incontrolável para insistir estupidamente em seu próprio desejo, a qualquer preço” (ŽIŽEK, 2012c, p. 172).

É possível perceber nos escritos antropológicos de Kant, a defesa da necessidade de uma pressão disciplinar para conter esse inquietante desregramento inerente ao ser. Por isso Kant defende a necessidade de um Mestre para disciplinar os nossos desejos/impulsos que se impõe arbitrariamente (ŽIŽEK, 2012c).

O retorno à tese kantiana torna-se importante no sentido de se esclarecer dois elementos, a saber: disciplina e educação, os quais não são tomados por Kant como instrumentos que pudessem agir sobre a natureza animal, moldando-a como

---

<sup>14</sup> Cabe destacar que uma das primeiras perguntas feitas pela filosofia foi sem dúvida aquela relativa à origem do mundo, do ser humano e sobre seu destino no universo. Seguindo esse percurso identificamos que uma das primeiras tentativas para elucidar esse tema foi através do princípio unificador e originário – *arké*, amplamente difundido por pensadores do período pré-socrático. Essas apreensões povoaram o imaginário filosófico, consolidando formas próprias de conceber a realidade. Os modos como as narrativas historiográficas relativa à origem foram sendo desenvolvidas e interpretadas, principalmente a partir dos filósofos, conferiam significativa importância aos pré-socráticos: Heráclito e Parmênides. As apreensões de Heráclito, sobre o princípio originário, bem como as descobertas de Parmênides sobre a questão do Ser, assinalando que independente das coisas possuírem características próprias, elas existiam e nesses termos seriam reais, indicavam uma forma própria de conceber a realidade. No entanto, as noções que norteavam o pensamento destes filósofos, centravam-se na ideia de que não poderíamos confiar apenas na realidade aparente, já que a realidade concreta somente poderia ser revelada pela razão – *logos*. Ainda que esses dois pensadores compartilhassem significados distintos para a palavra *logos* e não reconhecessem os mesmos princípios originários, consideravam que não deveríamos confiar plenamente nos saberes e nos sentidos. As apreensões de Heráclito além conferir significativa importância ao Ser estabelecendo seu existir como algo móvel; puro movimento; Já Parmênides caracterizava o Ser para além das aparências, sendo este imóvel e eternamente idêntico a si mesmo. Para saber mais ler: PAULO, 2010.

<sup>15</sup> Para saber mais ler: Kant, 1997.

individualidade humana. Pois, como assinala Kant, os animais por possuírem uma “conduta” própria de seus instintos herdados não nos permite educá-los.

Para Kant (1999) somente após um longo processo de amadurecimento vivenciado pelos sujeitos, com muita disciplina e educação<sup>16</sup>, como algo imposto à sua liberdade, ou seja, como uma coerção exterior é que esse sujeito se torna efetivamente maduro. Portanto, defende a necessidade de rigorosa disciplina e educação para conter esse inquietante desregramento, de modo que não se trata de um simples regramento da natureza humana. Mesmo reconhecendo que a emergência do sujeito não ocorra de forma espontânea enquanto um agente livre e maduro.

Isto nos leva à prospecção de que em Kant (1999) essa questão se circunscreve a um âmbito bem mais complexo, envolvendo ainda a análise do conceito de liberdade. A propósito, Žižek considera que a própria noção de liberdade em Kant já é complexa, porquanto esse conceito guarda em si uma contradição. Em Kant, ela é um momento que atende a um propósito muito mais elevado. De modo que, paradoxalmente, para Žižek (2012c, p 171)

[...] para ser educado para a liberdade (*qua autonomia moral e autorresponsabilidade*), *tenho já que ser livre* num sentido muito mais radical, ‘numênico’ até mesmo monstruoso. O nome freudiano para essa liberdade monstruosa, claro, é pulsão de morte.

Nesses termos, assevera Žižek, a noção de liberdade em Kant está paradoxalmente muito mais imbricada ao seu oposto do que possa parecer, pois é algo que somente pode passar a existir por meio da submissão e da dependência.

Para o filósofo esloveno, a promoção da autonomia do sujeito não está fixamente vinculada, de modo dependente, à existência de um agente externo, ou mesmo uma ‘autoridade natural’ que possa demarcar um limite, uma vez que eu sou o único responsável por impor esse limite a mim mesmo, ou até de conter esse

---

<sup>16</sup> Como assinala Kant (1999, p. p. 441-447) “a educação é uma arte, cuja prática precisa ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos precedentes, está sempre aparelhada para receber uma melhor educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade, com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino”. No entender desse filósofo, o homem, é a única criatura que precisa ser educada, entendendo desse modo educação como sendo o cuidado de sua infância, no entender de Kant esta se daria através da “conservação, do trato, da disciplina e da instrução com a formação”. Ou seja, ele não pode se tornar um verdadeiro homem, senão pela via da educação, uma vez que ele se torna “aquilo que a educação dele faz” compreendendo este autor que disciplina e educação são dois princípios essenciais ao processo de torna-se homem.

desregramento próprio da minha natureza. Nesse sentido, “um ser humano ‘maduro’ e verdadeiramente esclarecido é um sujeito que *já não precisa de um mestre*, que pode assumir plenamente a dura tarefa de definir suas próprias limitações” (ŽIŽEK, 2012c, p.174).

Em sua perspectiva, essa questão foi descrita pelo filósofo hegeliano Chesterton<sup>17</sup> de forma bem elucidativa, quando este assevera que “cada ato de vontade é um ato de autolimitação. Desejar uma ação é desejar uma limitação. Nesse sentido, todas as ações são ações de sacrifício de si mesmo”. Žižek assevera que tanto em Kant, quanto em Rousseau, “o maior bem moral é viver uma vida plenamente autônoma, como agente livre e racional e o pior mal é a sujeição à vontade de outrem” (ŽIŽEK, 2012c, p. 169-174).

O debate sobre uma oposição externa entre o conceito de liberdade e de escravidão, também fora abordado pelo próprio Hegel, que é tomado por Žižek como um dos principais fundamentos para suas análises. Para Hegel, em um sentido mais conciso, a oposição entre esses dois conceitos: liberdade e escravidão - mesmo que ela seja uma sujeição aos próprios instintos inumanos ou como algo exercido por coerção externa, “tem que ser transposta para a própria liberdade, como o mais ‘alto’ antagonismo entre a liberdade monstruosa, enquanto ‘desregramento’ e a verdadeira liberdade moral” (ŽIŽEK, 2012c, p. 175). Pois, eles são promovidos como resultado do excesso fugidio que visam combater, uma vez que são efeitos retroativos dos próprios mecanismos de regulação. Ou seja, a mesma força que tenta conter esse excesso, acaba sendo responsável por criar aquilo que deseja controlar.

Note-se que liberdade também é uma categoria que perpassa constantemente as reflexões de Žižek, sendo tomada em alguns casos como fio condutor para se pensar a constituição social do sujeito no tempo presente, ante o cenário caótico e apocalíptico no qual este está imerso. Nesse sentido, torna-se imprescindível compreendê-lo na sua histórica relação homem/mundo, que produz implicações para a subjetividade humana.

Dessa forma, como explicar o posicionamento do sujeito frente à realidade caótica? Como determinar a relação desse sujeito com o real

---

<sup>17</sup> Para saber mais ver. CHESTERTON, (2010).

problemático? Como esse sujeito age com seus condicionantes externos, que ao mesmo tempo é movido por impulsos internos e reações instintivas?

Importa sublinhar que Hegel constitui um importante pilar na constituição do pensamento zizekiano, quando ancorado pelo viés filosófico. Nessa linha de pensamento, podemos inferir que a reflexão de Hegel sobre a relação sujeito/objeto é totalmente oposta à percepção da Filosofia transcendental - posição na qual, a “reflexividade retorna do objeto para suas condições de possibilidades subjetivas”. (ŽIŽEK, 2012c, p. 224).

Partindo de um ponto de vista hegeliano, não existe um elemento médium que separe sujeito e objeto-substância, visto que o sujeito é a própria automeadiação da objetividade. Pois do ponto de vista hegeliano, a unidade de ambos não é entendida como um terceiro, mas pela representação de um desses elementos.

Situamos aqui as reflexões feitas por Žižek (2008a), quando este assevera que a atividade do sujeito, em seu aspecto mais fundamental é a atividade de sujeitar-se ao inevitável: “o objeto paralítico”. Posto que, em um viés hegeliano, podemos destacar que essa relação entre sujeito e objeto é sempre mediada, de tal modo, que uma mudança epistemológica do ponto de vista do sujeito, sempre reflete uma mudança ontológica do próprio objeto. Em Hegel essa relação é entendida por meio da reflexão dialética, no qual a aparência não se restringe a mera expressão da realidade, mas o processo, o próprio aparecer, é percebido como forma de conceber essa realidade.

Para Žižek (2012c, p. 224), o que a reflexão dialética traz de inovação é uma torção reflexiva que pauta a própria posição de “enunciação subjetivo-transcendental no ‘automovimento’ da Coisa em si”. Tal aspecto, para este filósofo, evidencia que nesse caso “o significado é englobado pelo significante, o ato de enunciação é englobado pelo enunciado, o signo da coisa pela própria coisa [...] o termo se torna parte de sua própria definição” (ŽIŽEK, 2012c, p. 224-225). Em sua compreensão a inversão dialética hegeliana demonstra em última instância, a passagem do predicado à posição de sujeito. Nesse caso, a estrutura formal do sujeito passa a ser o próprio predicado subjetivizado, uma vez que, além de ser sempre deslocado, ele se configura no próprio deslocamento.

No entender do autor, para se alcançar o âmago especulativo da dialética hegeliana, precisamos compreender que não é apenas a ideia universal que

aparece de forma deslocada, mas que ela mesma é o próprio deslocamento, uma auto-inadequação em relação a si mesma. Nesses termos, para Žižek (2012c, p. 228) “[...] a substância aparece nos fenômenos, ao passo que um sujeito não é nada além de sua própria aparência. [...] a essência *não é nada além* da inadequação da aparência a si mesma”.

É por meio dessa torção paradoxal que Žižek descreve esse sujeito como sendo apenas sua própria aparência. Em Hegel a inversão, o retorno em direção a si mesmo, é momento dialético imprescindível que ilustra o posicionamento hegeliano. Pois, segundo Žižek (2012c, p. 228), em Hegel se “a Ideia não pode representar adequadamente a si mesma, se sua representação é distorcida/deficiente, então essa distorção assinala simultaneamente uma limitação/deficiência da própria Ideia”.

Portanto, Žižek (2012c, p. 228-229) assevera que para se compreender a essência do movimento dialético hegeliano, é imprescindível o entendimento mais amplo sobre a representação do conceito, uma vez que para o filósofo esloveno, a partir desse viés, não é apenas a ideia universal que se mostra de forma distorcida/deslocada, uma “autoinadequação, particularmente com relação a si mesma – em estrita homologia com o movimento que vai do sujeito suposto fazer... ao próprio sujeito como suposição”, o que conduz o autor a afirmar que essa inversão é responsável por definir o núcleo da subjetividade. Nesses termos, o próprio sujeito se define pela mais pura expressão de seu próprio aparecer. O sujeito na definição do autor não é nada além do seu “aparecer refletido-sobre-si-mesmo, a torção paradoxal na qual algo começa a funcionar como um substituto para si mesmo”.

Conforme o entendimento de Žižek (2013, p. 25), “O sujeito, para Hegel é [...] nada mais que a relação ativa consigo mesmo. No sujeito não há nada subjacente à sua autorreferência, há somente a autorreferência”. O autor endossa a concepção do sujeito em Hegel, e se refere a defini-lo como, “o simples movimento de autodecepção unilateral, da *hubris* de pôr-se em particularidade exclusiva que necessariamente volta-se contra si mesma e termina em autogeração”. (ŽIŽEK, 1991, p. 77).

Na visão do filósofo esloveno, o sujeito é apenas sua imagem refletida sobre si mesmo, um processo no qual algo começa a funcionar como substituto para

si mesmo, ou seja, uma autorreferência. Uma reflexividade de *autopoieses* do Eu que é a imagem do absoluto como ser autofundado.

Nesses termos, questiona Žižek (2012c, p. 227): o que é precisamente o sujeito?

[...] o sujeito é uma suposição, i.e., nunca está ‘dado’ diretamente como uma entidade positiva substancial, nunca o encontramos diretamente, ele é apenas um vazio cintilando, ‘suposto estar’ entre dois significantes. [...] O sujeito é o X ausente que deve ser suposto para dar conta dessa torção reflexiva, dessa distorção [...] o sujeito é não somente suposto pelo observador-ouvinte externo de uma cadeia significativa, *mas é em si mesmo uma suposição*.

Esta citação nos permite afirmar que, para esse autor, o sujeito se constitui como algo “inacessível a si mesmo como Coisa, em sua entidade numênica, e como tal, está eternamente assombrado por si mesmo como objeto”. (ŽIŽEK, 2012c, p. 227). Ou seja, somos incapazes de conhecermos nossa essência, pois, além dos outros a quem me refiro serem para mim uma suposição, eu mesmo sou uma suposição, uma coisa que pensa, mas que nunca é diretamente alcançada. É essa impossibilidade de alcançar a si mesmo enquanto objeto específico que demarca o processo de constituição de um ser ‘eu’.

Desse modo, portanto, para o filósofo esloveno, o que incomoda o sujeito é seu Eu numênico, que é, portanto, inacessível, a ‘Coisa que pensa’, mas ao mesmo tempo inalcançado. Ou seja, sou incapaz de conhecer a mim mesmo enquanto uma experiência numênica. Pois, no caso do sujeito, este é incapaz de experimentar-se a si mesmo enquanto objeto, pois se essa experiência fosse possível, o sujeito teria acesso a si mesmo enquanto Coisa, afirma Žižek. Essa impossibilidade do sujeito de se objetivar a si mesmo marca o núcleo da subjetividade, além de ser constitutiva do processo de construção do ser.

Na apreensão de Žižek (ŽIŽEK, 2012c, 191-192),

[...] o sujeito é singular e é a moldura universal de ‘seu mundo’, ou seja, todo conteúdo que percebe é ‘seu próprio’; assim, como pode incluir a si mesmo (computar a si mesmo) na série de seus objetos? O sujeito observa a realidade a partir de uma posição externa e é simultaneamente parte dessa realidade, jamais sendo capaz de alcançar uma visão objetiva da realidade consigo mesmo dentro. A coisa que assombra o sujeito é *ele próprio* em seu contraponto objetual, *qua* objeto.



Sob outro ângulo, esse sujeito idealizado por Hegel se funda em uma negatividade absoluta que somente poderá se constituir a si mesmo em um momento a *posteriori*. Portanto, o sujeito a que Hegel se refere é constituído por essa extemporalidade, ou seja, por esse após. O que permite a Žižek (2012c, p. 17) afirmar o seguinte:

Sem sua manifestação, i.e., sem o finito, ele [o sujeito] nada seria. O 'Absoluto', portanto, nada mais é do que o nome dado a esse extemporâneo constitutivo de qualquer espaço lógico: nossa habilidade conceitual para nos referirmos a algo determinado no mundo só pode ocorrer a *posteriori*, após o fato consumado. O fato é constituído por esse 'após', pela extemporaneidade do sujeito.

Nesse ponto, Žižek postula que em sua definição formal, o sujeito é o fracasso de sua representação como significante. Ou seja, na tentativa de expressar a si mesmo dentro da cadeia de significantes o sujeito acaba fracassando, porém é por meio desse fracasso que emerge o sujeito. É por isso que para Lacan esse sujeito passa a ser representado como “sujeito barrado/\$”, justamente por essa tentativa irrealizável do sujeito de se expressar na cadeia de significantes.

Para Žižek (2012c, p. 225), O indivíduo 'iluminado' estilo *new age*, que exorta a expressar/realizar nosso eu verdadeiro, aparece inevitavelmente como seu oposto “um sujeito mecânico, raso, que repete cegamente seu mantra”. Muito embora isto não nos permita afirmar que o sujeito seja, apenas uma mera reprodução do real, uma tautologia sem sentido do Real.

Žižek (2012c, p. 200) se utiliza das apreensões hegelianas para fundamentar o que seria a compreensão do sujeito, na passagem descrita abaixo.

O ser humano é essa noite, esse nada vazio, que em sua simplicidade tudo contém – uma riqueza sem fim de muitas representações e imagens, nenhuma das quais lhe pertence ou lhe vem efetivamente ao espírito. Essa noite, o interior da natureza, que existe aqui – puro Si – em representações fantasmagóricas, é a noite por toda parte: surge então, aqui, repentinamente, uma cabeça ensanguentada; lá, outra aparição branca; e ambas desaparecem de modo igualmente repentino. Quando olhamos nos olhos de um homem, é essa noite que descobrimos, uma noite que se torna terrível.

Essa formulação remete à questão inicial de nossa discussão, à existência de um aspecto inumano intrínseco à natureza humana que forma o cerne

da concepção de sujeito em Hegel. Em sua leitura hegeliana, o autor apreende que o momento de ruptura com a natureza, ou seja, a quebra de vínculos com o mundo exterior representa o fim da imersão do sujeito em seu ambiente natural, podendo ser vista acima de tudo como um elemento fundador da humanização. E acrescenta, esse aspecto também fora percebido por Descartes ao estabelecer essa ‘retirada-para-dentro-de-si’, como elemento fundamental para sua dúvida universal e redução ao *cogito*. Aspecto percebido também pelo filósofo Derrida, uma vez que, para ele, o *cogito* está envolto em um momento de loucura intrínseca. A propósito Žižek (2012c, p.192-193) assinala que a loucura para Hegel,

[...] não é um lapso acidental, uma distorção ou uma ‘doença’ do espírito humano, mas algo inscrito na constituição ontológica básica do espírito do indivíduo: ser humano significa ser potencialmente louco. [...] apesar de não ser factual, a loucura é uma possibilidade formal constitutiva da mente humana: é algo cuja ameaça deve ser superada para emergirmos como sujeitos normais, o que significa que a normalidade só pode emergir como superação dessa ameaça.

Nesses termos, como afirma Žižek (2006) o que o idealismo alemão promove é um deslocamento da oposição habitual entre a ideia do eu pré-humano e da subjetividade humana civilizada (idealizada pela tradição iluminista). Em vez disso, o que se afirma é uma visão da subjetividade como algo que somente é capaz de existir numa passagem pela loucura. Numa tentativa de impor à integridade simbólica a constante ameaça de desintegração e negatividade. No entender de Žižek (2006, p. 81) tal aspecto é identificado em Hegel como a existência de

[...] uma tensão entre o lado racionalista e o lado da contradição e da conflituosidade [...] Essa tensão é inerente à própria razão, que, ao combater esse excesso de violência e contradição, a razão luta contra seu próprio excesso.

No entanto, não se trata de um movimento racional para combater uma agressividade irracional, inculta, mas de uma ação coerente contra o próprio excesso de loucura do sujeito, pois essa contradição, na filosofia hegeliana, é explicitada no instante em que, “[...] ao combater seu oposto, a razão combate seu próprio excesso” que é inerente à razão em si. Desse modo, o autor defende que “a razão não se confronta com algo externo a ela mesma; ao contrário, confronta-se com sua própria loucura constitutiva”. (ŽIŽEK, 2006, p. 81).

Podemos aqui retomar as apreensões de Hegel quando traz reflexões sobre o processo de transição da natureza para o espírito, que em seu entender não ocorre como “suprassunção, mas como uma duplicação, um processo pelo qual o espírito se constitui como “segunda natureza”<sup>18</sup>. No entender de Žižek (2012c, p. 176), o nome dessa segunda natureza é *hábito*”.

Para o filósofo esloveno, a noção hegeliana de hábito se aproxima ao que Derrida designou de “*pharmakon*”<sup>19</sup>, força de morte e força de vida. Visto que na apreensão de Žižek (2006, p. 177) para Hegel o hábito, também se caracteriza por conter um suprimento dúbio que pode representar por um lado, tanto “um embotamento de vida, sua mecanização”, quanto uma possibilidade ao exercício da liberdade, posto que, para Hegel não pode haver liberdade sem hábito. Quando algo se torna um hábito ele perde sua vitalidade, se tornando um ato meramente repetitivo, sem nenhuma reflexão prévia sobre sua necessidade. No entanto, não podemos determinar qual a origem e as determinações de um hábito, pois, este ao ocorrer, oblitera as causas de sua origem fazendo transparecer como se este já existisse.

Žižek (2012c, p.182) toma como referência a noção de hábito hegeliano para traçar um paralelo com sua concepção de sujeito, e conclui que o homem por não possuir

[...] uma substância permanente ou essencial universal; ele é, em seu próprio núcleo, um homem de hábitos, um ser cuja identidade é formada pela elevação de acidentes/encontros externos e contingentes em um hábito universal interno (internalizado).

Para Žižek (2012c, p.181), se pela perspectiva hegeliana, o homem se constitui fundamentalmente como um ser de hábitos, sendo que estes hábitos são atualizados automaticamente, em consequência de decisões irrefletidas, ou mesmo se localizarmos o núcleo da subjetividade na habilidade de realizarmos atos intencionais e conscientes, paradoxalmente o sujeito humano é em seu aspecto mais fundamental, um “sujeito evanescente”. Uma espécie de sujeito efêmero, fugaz, facilmente convencido, cuja vontade individual não se oporia à efetividade do

---

<sup>18</sup> Para Žižek (2012c, p. 183), em Hegel a natureza é sempre *segunda natureza*. Todo organismo natural tem que regular a troca com seu ambiente, assimilação do ambiente, através de procedimentos habituais que ‘refletem’ essas interações externas em uma disposição interna do próprio organismo.

<sup>19</sup> Para saber mais ver: DERRIDA, (2000).

mundo exterior, uma vez que internalizaria de forma automática uma disposição externa, mesmo que esta não aconteça de forma espontânea.

Dessa forma, a “espontaneidade irrefletida do hábito” para Žižek (2012c) explicaria o paradoxo de se escolher subjetivamente uma necessidade objetiva, ou melhor, dizendo, de escolher inevitavelmente o que já estava evidente que iria acontecer. Uma escolha do tipo determinada por condicionantes externos, imposto a mim e internalizado como algo automático espontâneo a partir “de dentro”.

Ao tomarmos como pressuposto essa compreensão do sujeito hegeliano fundamentada no hábito, isto nos conduz diretamente as inflexões dos pós-hegelianos Fichte, Schelling, quando nos instigam a pensar no sujeito como resultado de um processo de automeadiação que ele não controla, nem tampouco inicia. O sujeito revela-se como resultado de uma “inversão que o aliena de sua suposta capacidade de comandar a si mesmo de forma transparente” (ŽIŽEK, 2012c, p.15-16).

Tal reflexão conduz as discussões para o campo do saber psicanalítico, no qual o sujeito se constitui como *locus* privilegiado de debate, e para o qual Žižek também recorre para fundamentar suas análises sobre o sujeito do inconsciente.

Referido autor, se utiliza da abordagem psicanalista lacaniana e de sua inflexão ao pensamento de Freud, para afirmar que em Lacan, a psicanálise não se destina apenas ao desenvolvimento de um tratamento clínico, visando o bem estar do paciente, ou sua ascensão a uma vida bem sucedida socialmente, mas justamente para ajudar os indivíduos a confrontarem a dimensão mais radical de sua existência, ou seja, o de enfrentar as coordenadas essenciais de seus desejos incontroláveis. Portanto, consideramos oportuno, no ponto subsequente discorreremos sobre a categoria sujeito apresentando as diferentes abordagens nos diversos campos do conhecimento, especialmente na abordagem psicanalítica, principal aporte teórico do filósofo Žižek.

## **2.2 A teoria do sujeito em Žižek: abordagem na psicanálise**

As diferentes análises da categoria sujeito e seus desdobramentos nos diversos campos do conhecimento revelam a não existência de uma única compreensão para o termo, devido à pluralidade de significações que envolvem essa temática, quando tecida a partir de distintas perspectivas teóricas e com base

em diferentes contextualizações. As questões que envolvem essas diversas abordagens sobre a categoria sujeito e a forma como este se constitui na sociedade não estão circunscritas a uma única área do saber. Podemos asseverar que o estudo dessa questão se expressa em vários campos, tais como filosofia, psicologia, sociologia, dentre outras áreas do conhecimento e em diferentes tempos históricos.

Se, por um lado, a filosofia (gnosilogia), as concepções religiosas (dogmas) e a ciência com seus princípios pautados em procedimentos fundados na comprovação da lógica empírica dos fatos, procuram dar respostas a essa questão, por outro lado, a psicanálise, centrada no saber sobre o inconsciente, também ensaia suas respostas.

Para a Psicanálise, o sujeito é um *locus* privilegiado de discussão desse campo do saber do inconsciente a partir da modernidade, por considerar que a busca por conhecer este substrato da constituição psíquica e subjetiva deve fazer parte de toda forma de pensamento crítica mais consistente.

Podemos asseverar que com o aparecimento da psicanálise, emerge a percepção da diferença entre o discurso da enunciação do sujeito do inconsciente e o discurso dos enunciados e significações conscientes. Ou seja, os processos simbólicos e psíquicos do sujeito devem ser apanhados tanto em termos da rede de significantes e das leis da castração que afetam os sujeitos, quanto em termos das injunções pulsionais, libidinais e corporais que o impactam e o constitui. Para a psicanálise o sujeito não nasce, mas se constitui através de processos simbólicos e psíquicos que apresentam uma lógica diferente da razão, pois, a categoria sujeito no entender de Elia (2007, p. 16) a partir do viés psicanalítico é “antes, do tipo que mais se impõe ao trabalho teórico do psicanalista do que dele decorre como construção”.

Ademais, deve-se ter presente que o sujeito da psicanálise é um sujeito clivado e dividido entre as formações do inconsciente, e das leis da castração, envolvendo inclusive o recalque originário e os recalques propriamente ditos e os retornos do recalado e o sujeito enquanto o eu situado no campo do consciente e dos significados imaginário-simbólicos por ele representados.

Observações como essas nos ajudam a compreender que para se fazer uma abordagem mais minuciosa do termo sujeito, em psicanálise, é imperativo que primeiro se retome o conceito de sujeito lacaniano. Tal imposição ocorre pela influência de Lacan ao introduzir na psicanálise aspectos não encontrados nos

textos de Freud, posto que este não faz referência a essa categoria, e muito menos ela fora utilizada em estudos pós-freudianos.

Na esteira de Lacan podemos asseverar que o marco da emergência do sujeito - o surgimento do sujeito, sendo uma criação igualmente moderna e conseqüentemente contemporânea ao surgimento da ciência – coincide com o aparecimento do conceito de angústia, da incerteza em relação aos acontecimentos incompreensíveis do novo mundo “desencantado” para o homem. Não foi por acaso que tal compreensão tenha passado a existir, na compreensão de Elia (2007, p. 13), em um momento o qual poderíamos classificar de “momento de angústia na história do pensamento”, no qual podemos assinalar uma relação de equivalência entre essas duas formas de emergência: a do sujeito e a da angústia. O chamado momento cartesiano, pelo menos inicialmente, fez coincidir dois estágios do processo de constituição do sujeito – a subjetivação e a racionalização. O que nos leva à compreensão de que a crise do sujeito pode se confundir ao mesmo tempo com a crise da modernidade.

Descartes inaugura o debate sobre a emergência de um sujeito pensante, mediante o qual ele se refere à descoberta do *cogito* (a certeza que o sujeito pensante apresenta de sua própria existência), sendo ainda imprescindível para suas análises a transposição de dois desafios: o primeiro seria a incredibilidade da razão e, o segundo está expresso na extensão dos corpos como critério de verdade. O ideal de um sujeito autônomo e independente, consciente de si e do mundo, dotado de uma incondicional racionalidade é um dos alicerces de seu pensamento e do mundo moderno.

É notório que a antiguidade clássica não trabalhou com a noção de sujeito tal como a conhecemos hoje, uma vez que buscava se afastar das explicações míticas centrando seus estudos na produção do pensamento racional, como essências metafísicas sobrepostas à explicação da realidade (*physis*). Por outro lado, as narrativas contemporâneas se diferenciam dessa perspectiva filosófica por uma abordagem crítica da noção do sujeito e de sua subjetividade.

A direção percorrida pela filosofia moderna centra-se principalmente na epistemologia ou teoria do conhecimento, considerando a subjetividade como instância capaz de solucionar o problema da verdade, ou seja, da possibilidade de afirmarmos com veemência uma fundamentada e comprovada verdade dos fatos.

Assim, a filosofia moderna inaugura essa questão quando apreende a subjetividade como uma composição das formas de consciência. Essa consciência refere-se a um conhecimento de si e das coisas e, ao mesmo tempo, da reflexão sobre o que venha a ser o conhecimento do conhecimento. Trata-se de centrar o foco das discussões não mais apenas no conhecimento do real (*kosmos*), ou da própria natureza, mas sobre o sujeito do conhecimento, como foco primordial de análise e, sob este prisma, trata-se de questionar sobre como é possível o conhecimento das coisas.

O pensamento difundido na modernidade ao elevar o sujeito cognoscente como problema fundamental da filosofia moderna inicia uma reflexão sobre o próprio sujeito como um agente do saber. No movimento do ato de conhecer o sujeito se desdobra, agora, não mais como um mero correspondente do objeto conhecido. Trata-se não mais apenas de ontologizar o sujeito, ou mesmo de tentar compreendê-lo através de conceitos metafísicos, mas de pôr em questão o pensar sobre o ser, ou seja, de questioná-lo como sujeito do saber.

No decurso dessas análises situamos também as apreensões de Kant sobre a categoria sujeito, uma vez que suas exposições sobre o tema impactam sobre a leitura filosófico-psicanalítica desse conceito, pois suas apreensões sobre o “sujeito transcendental” se aproximam muito mais de um conceito de sujeito não empirista e fenomenologicamente concebido, mas que ao mesmo tempo ultrapassa a ideia de ciência no contexto da modernidade.

Assim, ao partirmos do fundamento da ciência como protocolo de emergência da categoria sujeito, estamos ao mesmo tempo, estabelecendo uma correlação entre essas duas categorias (sujeito e ciência). Porém, ao mesmo tempo em que a ciência estabelece as condições propícias para o surgimento do sujeito, podemos asseverar que esta não opera com ele, muito menos sobre ele, mas o exclui do seu campo operatório. Ou seja, para Elia (2007) ao mesmo tempo em que é suposto pela ciência este acaba sendo excluído do seu campo de operação.

Desta feita, a abordagem sobre o sujeito, no âmbito desta reflexão, remete ainda à compreensão de Lacan, quando reconhece que o sujeito com o qual a psicanálise opera não pode ser outro, senão o da ciência moderna, mesmo considerando que psicanálise e ciência se encontram em campos distintos de análise.

Feitas essas considerações podemos inferir que se instaura aqui um campo fértil de debate, notadamente em relação ao sujeito privilegiado pela ciência moderna, uma vez que estão postas aí as condições para que a psicanálise possa agir sobre esse sujeito e com ele.

Convém esclarecer que por uma questão didática iremos tomar como ponto de partida de nossa exposição as análises sobre a noção de sujeito na experiência psicanalítica, mais notadamente na abordagem de Lacan e de sua inflexão a Freud, quando este elege a “palavra/linguagem” como um conceito fundamental. Está aí o ponto central da experiência psicanalítica ao operar por meio de dispositivos que convencionou chamar de “associação livre”<sup>20</sup>. Mas o que vem a ser esse dispositivo da “associação livre”, para Freud?

A resposta a esse questionamento encontra fundamento quando considera que tal instrumento, na Psicanálise freudiana, consiste em propor ao sujeito que fale sem pensar sobre o que vier à sua mente, sem esbarros ou entraves, promovendo, assim, uma espécie de emergência do sujeito do inconsciente por meio da fala. Pois, se para Freud o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a palavra seria, portanto, seu campo de acesso.

Para ilustrar o privilégio que Freud atribui à fala, ao conceder a esta papel preponderante para a emergência do sujeito do inconsciente, recorreremos aqui a uma passagem que revela seu posicionamento. Nas palavras de Elia (2007, p. 19).

Desqualificar a fala do sujeito equivale, portanto, a criar as condições de desqualificação, de ausência de qualidades, que pavimentam as vias de acesso do inconsciente à fala, ao discurso concreto do sujeito. Desqualificar a fala do sujeito é o equivalente a ‘qualificar’ o sujeito do inconsciente como ‘um sujeito sem qualidades’ e é a única forma de criar um acesso precisamente pela via da fala assim proposta a que o sujeito do inconsciente possa emergir nessa fala.

Evidenciamos que nessa experiência de emergência do inconsciente pela fala, proposta por Freud, o foco de análise não é a pessoa que fala, mas sim o que se fala e como se fala, fazendo com que a própria fala se torne uma via de acesso a

---

<sup>20</sup> Também denominada de regra fundamental ou constitutiva da situação psicanalítica, o método das associações livres, ou livre associação, segundo Freud permite que se alcance com mais facilidade os elementos que estão em condições de serem liberados como afetos, lembranças e representações. Por meio desse artifício linguístico “os pacientes são convidados a ‘se deixarem levar’ e ‘exigir’ deles ‘que não [deixassem] de revelar um só pensamento ou ideia, a pretexto de o acharem vergonhoso ou doloroso”. ELIZABETH, (1998, p. 649).



campos desconhecidos, inclusive pelo próprio autor da fala, atribuindo assim, todo o mérito à palavra do sujeito que fala. Convém ressaltar que se para Freud a fala seria a única via de acesso ao inconsciente do sujeito, na qual, seguindo seu rigor e método poderá emergir um sujeito 'sem qualidades', mas, carregado de valores, crenças, ideais e sintomas, que podem obscurecer a matriz na qual o sujeito se estrutura.

Nesse contexto, o sujeito da experiência psicanalítica é o sujeito mortificado pela linguagem, uma vez que para Lacan estamos cotidianamente frente às chagas de uma tortura permanente que marca a distância irremediável entre sujeito e linguagem. Por essa razão, a vertente atormentadora da linguagem e a face obscura do ser designada, principalmente pelo desejo, que se repetem infinitamente, impulsionando o sujeito para uma busca incessante, foi isto que no entender do esloveno, o filósofo Heidegger desconsiderou.

Um aspecto bastante relevante a ser destacado para a compreensão do sujeito zizekiano, pode ser notado quando Žižek (2006) ao problematizar o tema do sujeito do inconsciente e de sua subjetividade, tomando como ponto de partida - o *cogito* cartesiano faz uma referência ao filósofo Heidegger, uma vez que este é um dos expressivos críticos da subjetividade, sendo também um dos teóricos que contribuíram, em um determinado período, para os estudos de Lacan sobre essa problemática. Muito embora, para Žižek (2006), Lacan posteriormente se utilize paradoxalmente da crítica que Heidegger remete à subjetividade cartesiana, como argumento para sua defesa da emergência da subjetividade como expressão do inconsciente.

Lacan se utiliza desse argumento para asseverar que Heidegger, ao tomar a linguagem como residência do ser, ignora a forma obscura e traumática de habitar a linguagem. O que de fato, Žižek (2006) deseja sublinhar ao retomar Heidegger é que o autor falha em um aspecto essencial, ao desconsiderar a passividade do sujeito, enquanto um ser enredado pela linguagem, ao mesmo tempo em que o filósofo alemão deixa de evidenciar uma tensão entre sujeito e linguagem, uma interdependência, que impede o sujeito de se adequar a essa linguagem. O propósito da análise de Lacan é demonstrar que por sermos sujeitos de linguagem, esta por sua vez não é uma invenção e/ou ferramenta humana, mas uma casa de tortura, no qual o homem é todo momento, torturado, mutilado por ela.

Em uma leitura lacaniana, as análises do inconsciente não consideram apenas a linguagem como um conceito fundamental de análise. Lacan opera um desvio da inflexão heideggeriana, quando este autor considera a linguagem como uma condição inerentemente humana, ou seja, como morada do ser. Para Lacan a linguagem não seria uma criação exclusivamente humana, por considerar o ser como habitante da linguagem, no qual esse sujeito é a todo instante atormentado pela linguagem, sendo inclusive incapaz de comandar sua própria casa. (ŽIŽEK, 2009).

No entanto, para Elia (2007, p. 16) quando Freud se refere ao inconsciente (*Unbewusste*)<sup>21</sup> como sendo um conceito fundamental, o qual ele intitula de “conceito de base, conceito-pilar”, e considera que é através dele que a experiência psicanalítica se estabelece. Nesse sentido, a experiência psicanalítica sobrevém por meio de instrumentos que auxiliam e determinam as condições ideais de manifestação do sujeito do inconsciente. Mas não há no entender de Elia (2007) como falar de manifestação do inconsciente, mediado pela linguagem, em Freud, sem nos referirmos a duas coisas essenciais à experiência psicanalítica: a resistência<sup>22</sup> e a transferência.

Assim, é preciso acrescentar, a transferência<sup>23</sup> no entender de Freud, pois ela constitui “a própria presentificação do inconsciente sob a forma de uma relação de objeto, ou seja, o modo pelo qual o inconsciente se atualiza” (ELIA, 2007, p. 31). No que diz respeito à resistência, esta se constitui como um ato de defesa do sujeito, no qual se estabelece um nível de redução da consciência (o

---

<sup>21</sup> Em uma linguagem corrente o termo inconsciente é utilizado como adjetivo para designar “o conjunto dos processos mentais que não são conscientemente pensados. [...] Pelo viés psicanalítico o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência: uma ‘outra cena’. Na primeira tópica elaborada por Sigmund Freud, trata-se de uma instância ou sistema (*ics*) constituídos por conteúdos recalçados que escapam às outras instâncias, o pré-consciente o consciente. Na segunda tópica, deixa de ser uma instância, passando a servir para qualificar o isso e, em grande parte, o eu e o super eu”. ELIZABETH, (1998, p. 375).

<sup>22</sup> A utilização desse vocabulário em psicanálise se destina para caracterizar “o conjunto das reações de um analisando cujas manifestações, no contexto do tratamento, criam obstáculos ao desenrolar da análise”. Com Freud esse termo aparece de acordo com três modalidades, a saber: a primeira é inspirada na “reflexão sobre a técnica e práticas analíticas”, cuja evolução determinaria o estatuto das formas de resistência do paciente. A segunda modalidade de ordem teórica sofreu grande influência da segunda tópica freudiana. Já a terceira de ordem interpretativa tornou-se imutável durante toda a vida de Freud. Dicionário de Psicanálise. (*Id., Ibid.*; p. 659).

<sup>23</sup> O termo transferência não é próprio do vocabulário psicanalítico, mas foi introduzido e utilizado por Freud para nomear uma etapa essencial do tratamento psicanalítico, utilizado em diversos campos esse termo indica a ideia de deslocamento, de transporte. Freud usou esse termo para designar um processo “mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos”. (*Id., Ibid.*; p. 766-767).

subconsciente), um ponto de fuga, em que o sujeito se permite não conhecer os seus traumas, no qual o sujeito nega inclusive seus desejos. No que concerne à transferência, Freud demorou a atribuir significado as suas manifestações e em alguns casos, chegou até a considerá-la como sendo uma espécie de “forma particular de resistência”. (ELIA, 2007, p. 28-31).

Instaura-se aqui um dilema posto pela psicanálise, quando esta indaga esse sujeito, que na ciência moderna aparece como dono do saber, por meio da autonomia da razão – que favorece a ascese humana pelo uso das faculdades intelectuais. Isto parece cair por terra quando se apresentam as questões postas pela psicanálise, posto que ela irá questionar, indagar esse sujeito, esse domínio da razão, esse saber, instaurando a dúvida no campo das possibilidades do sujeito, ou melhor dizendo, sobre a capacidade do conhecimento pleno do sujeito desse campo de operação.

O debate sobre a categoria sujeito, quando tomado por esta linha de raciocínio, impõe situar, no entender de Žižek, a abordagem feita por Lacan sobre a emergência do sujeito do inconsciente. Posto que, para Lacan, (*apud* ŽIŽEK, 2009, p. 73).

[...] o ‘Inconsciente’ é antes a máquina racional desencarnada que segue seu caminho sem respeitar as demandas do mundo vivido do sujeito; ocupa o lugar do sujeito racional na medida em que está originalmente (dis-junto), em ruptura com a sua situação contextualizada: o ‘Inconsciente’ é a brecha que faz da postura primordial do sujeito qualquer coisa diferente de um simples ‘estar no mundo’.

Essa forma de emergência do sujeito, pela via da psicanálise, engendra uma forma própria de conceber o sujeito, que se opõe de modo radical a outras formas conceituais de formulação. Principalmente, se diferenciando do campo específico da psicologia, que é plural, comportando, portanto, várias denominações para o termo.

Consideramos oportuno para este debate situarmos o pensamento de Žižek, visto que referido teórico privilegia em suas análises o papel do inconsciente na constituição do sujeito, enveredando, porém, pela via lacaniana e hegeliana de análise. As teorizações de Žižek (2010, p. 9) sobre essa temática revelam que:

O inconsciente não é terreno exclusivo de pulsões violentas que devem ser domadas pelo eu, mas o lugar onde uma verdade traumática fala abertamente. [...], não 'o eu deveria conquistar isso', o lugar das pulsões inconscientes, mas 'Eu deveria ousar me aproximar do lugar de minha verdade'. O que me espera 'ali' não é uma Verdade profunda com a qual devo me identificar, mas uma verdade insuportável com a qual devo aprender a viver.

O propósito dessas análises é reconhecer a importância de demorar-se diante daquilo que resiste à simbolização reflexiva produzida pelo diálogo analítico, não desprezando, portanto, nessa relação “aquilo que escapa” ao diálogo analítico. Lacan é aquele que critica a “transparência autorreflexiva da consciência e do *telos* regulador da comunicação, ao insistir na especificidade do campo do inconsciente.” (ŽIŽEK, 2003, p. 182.).

E, portanto, não há como defender do ponto de vista lacaniano, o retorno a imediaticidade de uma experiência de origem. Assim, em sintonia com Lacan, o sujeito se define por resistir continuamente aos processos de autorreflexão. A interpretação de Žižek sobre o sujeito lacaniano enfatiza a perspectiva da negatividade. Melhor dizendo, o autor traz uma alternativa para a “razão centrada na consciência que não implicaria necessariamente abandono do princípio de subjetividade”. (ŽIŽEK, 2003, p. 182)

Na psicanálise, a noção de subjetividade está entrelaçada com o conceito freudiano de “pulsão de morte” que emerge como resultado da lacuna constitutiva na ordem do ser, da busca incessante do ser em suprir sua “falta/excesso”. Essa lacuna, portanto, é inerente à condição humana, pois ao mesmo tempo em que aponta para uma autonomia do sujeito, ela é algo que constantemente ameaça sua existência.

Podemos evidenciar na perspectiva zizekiana, o conceito de “pulsão de morte”, proposto por Lacan, que está inextricavelmente implicado como resposta a essa lacuna inerente e constitutiva do ser, (proposta pelo idealismo alemão). Porém, se por um lado, ela contribui efetivamente para a autonomia do sujeito, ela tende, por outro lado, a corromper a estrutura peculiar da subjetividade. Pois, para Freud a categoria morte “não é uma simples anulação, mas se refere, antes, à dimensão (imortal) da subjetividade que persiste para além da mera existência ou da vida biológica” (ŽIŽEK, 2006, p. 10). Nesse caso, o autor defende a existência de uma lacuna/ruptura pré-transcendental, que pode ser traduzida ao que Freud denominou de “pulsão de morte”, como uma dimensão que marca o núcleo de nossa

subjetividade. Uma lacuna irremediavelmente existente entre os corpos realmente existentes e corpos realmente representados que acabam expondo a interioridade do ser humano em uma dimensão espectral.

Como afirma mencionado autor, “a vida humana nunca é ‘apenas vida’, mas é sempre sustentada por um excesso de vida [...] esse excesso de vida é a pulsão de morte”. Ou seja, a vida humana não é apenas a expressão dela mesma, mas um excesso de vida – “pulsão de morte” - que surge como resultado da loucura constitutiva e inexplicável do ser. É isso que marca a condição humana - esse momento de “loucura” inerente e constitutivo de todo ser, no qual o desejo é utilizado não apenas para suprir as carências/necessidades individuais, mas para tentar suturar, pelo menos parcialmente, “a ferida na ordem do ser”. (ŽIŽEK, 2006, p.10).

Em Freud e, sobretudo em Lacan, as categorias do desejo e do gozo funcionam como um tipo de motivação singularmente humana, mesmo que Freud não tenha trabalhado especificamente com a categoria do gozo em seus estudos. Já para Lacan, esse tipo de objeto denominado de “*objeto a*” que é objeto “causa do desejo” <sup>24</sup>, envolve uma dinâmica pulsional que se entrelaça a certos objetos parciais, como um prenúncio de preenchimento, mas que jamais poderá ser concretizado em virtude de sua compulsão e deslocamento do lugar de origem. Žižek (2010, p. 87), ancorado em Lacan considera o *objeto a* uma espécie de entidade que:

[...] não tem nenhuma consistência substancial, que em si mesma não é ‘nada senão confusão’, e que só adquire uma forma definida quando olhada de um ponto de vista enviesado pelos desejos e medos do sujeito – como tal, uma mera sombra que não é (*‘shadow of what is not’*). Objeto *a* é o estranho objeto que não é nada senão a inscrição do próprio objeto no campo dos objetos, sob a aparência de um borrão que só ganha forma quando parte desse campo é anamorficamente distorcida pelo desejo do sujeito.

Esses objetos de desejo para Lacan (apud ŽIŽEK, 2006) existem como uma espécie de compulsão básica para a satisfação de nossos desejos que, contudo, jamais poderão ser preenchidos, dado o caráter de sua incompletude e infinitude.. Conforme Lacan afirma em seus escritos, a insatisfação é como um

---

<sup>24</sup> Em Lacan (apud ŽIŽEK, 2010, p. 86), a definição do objeto-causa do desejo é mais radical, compreendendo-o como algo que, visto de frente não pode ser coisa alguma, mas apenas um vazio constitutivo que só adquire contornos quando visto de esguelha.

estatuto do gozo. Portanto, o gozo, não supre carências, pois ele persiste em uma dimensão eterna da falta.

Conforme destacado anteriormente, a definição de sujeito em Žižek (2006) está articulada com a designação que Lacan atribui à categoria gozo, muito embora nessa perspectiva o sujeito se apresente de forma irrealizável. Pois conforme assinala Lacan o sujeito nunca é mais do que suposto. Menos ainda ele se define como uma ordem positiva consciente e inconsciente. Portanto, o autor nos adverte que é preciso, no entanto, considerar o sujeito lacaniano como “real”, definindo a Coisa Real como o estatuto do núcleo do impossível, no qual o próprio sujeito carece de significante.

O sujeito nessa perspectiva de análise é carente de substância (conteúdo), aquele que não é identificado como princípio originário, uma vez que o sujeito é antes de tudo, um vazio constitutivo que se configura como fonte impulsionadora para qualquer mudança de perspectiva, mas que, é preenchido de forma ilusória pelas aparências, fato que acaba adiando o encontro com a realidade irrepresentável do trauma. Ou seja, o sujeito é desprovido de substância, ou de um eu que existe como alicerce da subjetividade, ou de um fundamento que o determine em um momento inicial ou em seu devir – vir-a-ser. O que nos leva a pensar que o sujeito é a personificação dessa falta/ excesso em todas as formas de subjetivação, dada a sua infinitude e incompletude.

Assim, nesse viés de análise, o sujeito é envolvido em sua “falta/excesso”, em suas aspirações, em seus fetiches e desejos, na busca incessante procurando, ao mesmo tempo evitar, em meio a uma realidade fantasmagórica o que não lhe permita suportar o encontro com esse Real traumático e impossível. Essa percepção de nossos restos constitutivos é que confere o caráter irrealizável e enigmático do sujeito.

Podemos destacar que para Žižek (2006, p. 13),

[...] é precisamente nesse ponto de revelação total que o mistério se aprofunda, e somos mais e mais arrastados para o confronto com a própria impossibilidade de representar ou resolver a lacuna entre a subjetivação e aquilo que a engolfa: a pulsão de morte e suas formas características de animosidade, impulso, desejo e assim por diante. Longe de captar a essência do ser humano, um resultado paradoxal da biogenética é que ela nos leva a uma proximidade crescente dos excessos sumamente ‘desumanos’ que são constitutivos da humanidade como tal.

É nesse sentido, que o autor insiste em uma leitura lacaniana do sujeito, já que o sujeito não pode encontrar sua inscrição na ordem simbólica, muito menos chegar a uma identidade ontológica absoluta. Usando suas palavras, o sujeito para Žižek (2006, p. 11) é como um,

[...] ‘espinho na garganta do significante’. E, na medida em que se liga à negatividade radical da pulsão de morte, o sujeito também reflete o mesmo tipo de tensão identificado no idealismo alemão. Assim, o sujeito tanto é o movimento de distanciamento da subjetivação – o excesso que engolfa a coerência simbólica numa noite entrópica do mundo - quanto o próprio impulso para a subjetivação, como maneira de escapar desse estado.

Desse modo, para o autor, o sujeito não é uma “identidade cartesiana unificada, ou uma espécie de centro da subjetividade”. Ou seja, o sujeito não se traduz “nem em uma entidade substancial nem em um *locus* específico” (Žižek, 2006, p. 11), pois, ele existe como uma espécie de resistência-excesso em relação a todas as formas de subjetividade.

O sujeito pode ser definido, por um “excedente ontológico”, ou seja, aquilo que sobra da aparência, do que é produzido sobre sua representação, um resto que resiste ao processo de totalização-atraves-da-representação. Dessa forma, no entender de Žižek, (1990, p. 254)

O sujeito já existe, antes, como uma dimensão eterna de resistência-excesso em relação a todas formas de subjetivação [...]. O sujeito é um vazio constitutivo básico que impulsiona a subjetivação, mas que não pode, em última instância, ser preenchido por ela. Ele é simultaneamente, a falta e a sobra em todas as formas de subjetivação.

Essa inferência faz alusão ao constante movimento de constituição do sujeito, (numa articulação entre sujeito e negação), que pode contribuir com certo ideal emancipatório para o sujeito do mundo contemporâneo. Nesse viés, tal empreitada de Žižek revela o que Safatle (2003, p. 183) identificou como uma “ontologia negativa”.

A leitura dialética do sujeito lacaniano fornece instrumentos para que Žižek indique a marca da “negatividade” como uma categoria essencial tanto à compreensão da noção de sujeito quanto à promoção de certos ideais

emancipatórios. Por esse viés de análise, podemos asseverar que a articulação entre sujeito e negação só é possível, em virtude do sujeito zizekiano não ter alicerçado suas origens em uma substância rígida, mas pelo fato do mesmo encontrar-se em uma situação aberta, ou seja, em um campo de possibilidades infinitas.

Emblemática, neste sentido, é a categoria de “sujeito incômodo” (ŽIŽEK, 2009), uma vez que tal articulação entre sujeito e negação (constitutiva do ser) é imperativa no sentido de despertar nos sujeitos certas aspirações emancipatórias para o mundo moderno.

Grosso modo, no entender de Safatle (2003) de Žižek é o sujeito é inerentemente político, pois denota uma partícula de liberdade que não fundamenta suas raízes em uma substância firme qualquer, mas que se encontra em uma situação aberta. Visto que, no entender de mencionado autor, a compreensão do sujeito Žižekiano, ser “aquilo que nunca é totalmente idêntico a seus papéis e identificações sociais”. (SAFATLE, 2003, p. 183).

Podemos assegurar que, embora o sujeito não seja simplesmente a representação simbólica da reprodução social instituída pela ordem vigente, pela via imaginário-simbólica somos, a todo o momento, influenciados por ideologias – sobretudo, aquelas de apelo hegemônico reproduzidas e entranhadas no âmbito social - que podem abalar nossas concepções e, em certa medida, acabam reproduzindo conceitos previamente expressos pela realidade social na qual estamos inseridos. Nesse sentido, Žižek (2012b) percebe traços da ideologia dominante em determinadas aspectos da vida cotidiana, influenciando inclusive nossa forma de encarar a realidade.

Seguindo as coordenadas zizekianas, podemos acrescentar que a ideologia só se apresenta em seu estado puro, no momento em que os sujeitos tomam uma atitude de distanciamento sábio e crítico de suas crenças e concepções, ou seja, daquilo no qual estão dispostos a acreditar. Somente no momento de singular de “riso libertador” no qual nos dispomos a enxergar a realidade “nua e crua” na qual estamos imersos, é que nos tornamos de fato sujeitos de ideologias, sendo inclusive, nesse ponto exato, que a ideologia exerce seu fascínio sobre nós. Assim, como assegura Žižek (1996, p. 07), podemos “afirmar a existência da ideologia *qua* matriz geradora que regula a relação entre o visível e o invisível, o imaginável e o inimaginável, bem como as mudanças nessa relação”. Especialmente



no tocante à importância do que venha a ser uma ação verdadeiramente ideológica e de como ela se apresenta no atual estágio social, cumpre esclarecer que Žižek repensa a categoria ideologia, a partir da categoria interpelação, porém acrescentando inovações a esse conceito.

Dessa forma, o autor situa o fenômeno ideológico não apenas no *imaginário* como fez Althusser, mas a partir das formas de manifestação do *real*. No entender do filósofo esloveno o papel que a ideologia proporciona é o desvelamento da realidade, desvelando a construção fantasiosa da realidade, “a fantasia suprema – como forma de escapar dos efeitos traumáticos do Real”. Segundo Žižek (2006, p. 18), a ideologia, portanto, “nem oculta e nem distorce uma realidade subjacente (natureza humana, os interesses sociais, etc.), mas a própria realidade é que não pode ser reproduzida sem a mistificação ideológica”. Desse modo, ao refletirmos sobre como nossa realidade é idealizada, uma vez que ela é constantemente transformada, somos conduzidos à aceitação tácita do conceito de ideologia como algo pertinente.

Nesse sentido, a ideologia não apenas constrói uma imagem ideal e perfeitamente possível – uma determinada situação ideal ou um mundo perfeito, mas também é responsável por regular certo distanciamento desse mundo, garantindo assim, sua integridade. Se de um lado mantemos o sonho de alcançar determinada coisa, por outro somos obrigados a manter certa distância dessa coisa para que ela não venha deixar de existir.

No entender de Žižek (2012, p. 19), ao nos depararmos com uma afirmação ideológica abstrata, não a vivenciamos integralmente, uma vez que para que isso aconteça é necessário inseri-la no contexto social real, visto que a ideologia não se “constitui de proposições abstratas em si mesmas [...], porque ela é antes essa própria textura de vida no mundo que ‘esquematiza’ as afirmações tornando-as visíveis.”

Por isso, ao posicionar-se por meio de uma crítica radical da aparência, o autor acima mencionado busca descortinar o caráter traumático do Real em si, impossível de ser simbolizado e representado, ou seja, “a coisa real”. Nesses termos o autor se propõe a trabalhar a categoria do “Real”, que, segundo seu entendimento, se traduz como um “real traumático”, avesso a uma configuração pacificante. Dentro do quadro geral das ponderações deste autor percebemos que ele envereda no

exame do registro do Real, porém deixando claro que tal empreitada, no plano das reflexões filosóficas, ata a categoria do “Real” às coordenadas ocultas do poder sistêmico, que em si mesmo são violentas e, portanto, traumáticas.

Assinalamos, portanto, que em seus primeiros escritos sobre o conceito de real, este conceito tendia a ser caracterizado como uma espécie de força de negação, mas posteriormente, em seus escritos futuros, este mesmo autor esclarece que o real não deve funcionar apenas como força de negatividade, mas como algo inatingível, um “ponto de fuga”, ou seja, aquilo que não pode ser representado, mas mesmo assim é constituído inerente as formas de representação da realidade. Nesse ponto podemos objetar que para Žižek (2006, p. 15),

[...] Embora, por definição, o Real não possa ser diretamente representado, ainda assim é possível aludir a ele em certas encarnações figuradas do horror-excesso [...] a própria realidade é sempre construída como uma tentativa de estabelecer uma coerência básica contra os efeitos desintegradores do Real. Toda forma de realidade (simbólica/imaginária) existe como uma tentativa impossível de escapar às várias manifestações do real, que ameaça um ou outro tipo de desintegração: trauma, perda, angústia etc.

O autor identifica que, mesmo quando o “Real” ocorre ainda não estamos na dimensão desse “real” em termos de revelação e/ou verdade, pois somente quando algo sai terrivelmente errado é que tomamos consciência, ou seja, nos damos conta da “dimensão mais terrível do real” daí a necessidade da simbolização. De acordo com as reflexões do filósofo esloveno é para lidarmos com essas situações traumáticas que simbolizamos.

Podemos assegurar que para Žižek (2012a, p. 32),

O Real é ao mesmo tempo a Coisa a que é impossível termos acesso direto e o obstáculo que impede esse acesso direto; a Coisa que escapa a nossa apreensão e a tela deformadora que nos faz perder a Coisa. Em termos mais precisos, o Real é, em última análise, a própria mudança de perspectiva do primeiro para o segundo ponto de vista: o Real lacaniano não é apenas deformado, *mas é o próprio princípio de distorção da realidade.*

Žižek, ao fazer referência às dimensões mais sutis do registro do “real”, abordando-as a partir dos estudos de Lacan, considera ser necessária uma análise ampla do conceito da “pulsão de morte” e dos vários aspectos da negatividade – inerentes à constituição de todo ser – para que se possa estabelecer uma permanente reformulação dessa categoria.

Nesses termos o referido autor esboça suas análises mediante a desconstrução dos registros da tríade<sup>25</sup>, Real – Simbólico – Imaginário, que são, em seu entender, considerados como entrelaçadamente integrados ou enodados uns nos outros. Por isso, Žižek (2006) propõe uma releitura radical do conceito de “Real”, desconstruindo a tríade (real, simbólico e imaginário) proposta por Lacan. Já que Lacan situa a noção de “Real” entre duas outras dimensões fundamentais para a sua compreensão, “o Simbólico e o Imaginário”, dimensões estas que, juntamente com o “Real”, constituem a estrutura triádica (*borromeneana*) de todo o Ser.

Outrossim, apoiando-se em Lacan, Žižek (2010) apreende que convencionalmente o que chamamos de “realidade”, articula-se através de uma significação (O Simbólico) e da padronização característica das imagens – (O Imaginário) personificação. Ou seja, o simbólico e o imaginário, funcionam, em sentido estrito, dentro da ordem de significação. Na qual o imaginário pode ser visto como um caso especial na cadeia de significação, sendo diferenciado apenas pelo fato de que o simbólico é aberto, em princípio, e o imaginário procura controlar essa abertura pela imposição fantasística. É como se o simbólico pertencesse a uma ordem maior, mais ampla e aberta, e como se imaginário fosse algo mais específico e peculiar a cada indivíduo. O que Žižek (2006) tenta especificar é que o imaginário prende o simbólico em torno de certas fantasias basilares. Ou seja, ainda somos narrados em uma visão mítica do ser, mesmo compreendendo que na visão zizekiana, “o real” não faz parte dos registros simbólico e imaginário, mas é justamente aquilo que se nega ou o que é impossível de ser inscrito nestes registros linguísticos imagéticos e culturais de representação da realidade social e natural.

E isto denota que, no entender de Žižek (2006, p.14-15):

O Real persiste como uma dimensão eterna de falta, e toda construção simbólico-imaginária existe como uma certa resposta histórica a essa falta básica. O Real sempre funciona de modo a impor limites de negação a qualquer ordem significante (discursiva),

---

<sup>25</sup> Segundo Žižek (2006), tais categorias podem ser assim definidas: o real real – esse pode ser representado pela experiência dilacerante da negação (monstros, meteoros e os turbilhões do trauma); O real simbólico – que pode ser representado pelos códigos e/ou estruturas anônimos como (os pontos de fuga, fórmulas científicas, curvatura do espaço) que não tem sentido em si mesmo mas funcionam como textura abstrata básica da qual a realidade é constituída. Žižek afirma que esse ponto pode ser ilustrado pelo próprio capital, que cria o pano de fundo essencial da realidade e que pode ser visto como o real simbólico de nossa época; E o real imaginário – há uma ênfase num toque invisível-imanente que dá estrutura e especificidade ao campo do imaginário – algo peculiar de cada indivíduo.

mas - pela própria imposição desses limites - serve, simultaneamente, para constituir tal ordem.

O “real” para esse autor não pertence à ordem (simbólico-imaginária) da significação, sendo inclusive responsável por negar tal ordem, mas ao tempo em que a nega, não podendo fazer parte dela, está, contudo na base das condições de estruturação de sua simbolização. Ele faz parte desse jogo - essa condição de possibilidade. Sendo assim, inerente ao campo da significação o “real”, é paradoxalmente, de modo simultâneo, o inultrapassável horizonte de negatividade, quanto a própria condição de possibilidade de significação da realidade. Especificamente na psicanálise esse aspecto de obstacularização é denominado de “recalcamento primário” ou de real da castração que tem sua fundamentação na negatividade.

Žižek (2006, pg. 16) considera ainda que,

[...] o Real não deve ser exclusivamente identificado como uma força explícita de negação; ele também desempenha um grande papel implícito e evanescente na construção de nossas formas cotidianas de realidade social.

Depreende-se, portanto, que na acepção desse autor, somos identificados como “seres propensos à falha e à distorção negativa”. E isso é que de fato demarca nossa condição de ser humano: o conhecimento traumático de ainda não termos conseguido resolver “a questão do ‘quem sou eu?’” de preencher por completo esse vazio que nos constitui ou até mesmo de solucionar o enigma humano. (ŽIŽEK, 2006, p. 12)

Nesse viés, Žižek situa o argumento de Singer quando este afirma que não nos tornamos homens apenas pelo simples fato de sermos racionais ou termos dignidade, mas pela nossa capacidade de sofrer, sendo esse um fator incontornável que determina o ser humano.

Em seu entender, tal aspecto, na atualidade pode se configurar em uma estratégia deliberada para traçar as coordenadas nas quais se fundamenta a sociedade atual e sua cultura da vitimização. A “ideologia da vitimização” (ŽIŽEK, 2006, p. 174) para ele impregna o ideário intelectual e político, quando potencialmente estabelece as coordenadas nas quais afirma ser necessário o olhar do Outro, ou seja, eu preciso de alguma forma apresentar-me como vitimado em algum sentido para adquirir reconhecimento e aceitação. Essa forma de ideologia é

tão marcante para os intelectuais que acabamos nos sujeitando a ela, no intuito de conseguirmos a expressividade, ou como ele mesmo afirma um “certo prestígio ético” para nossas produções, garantindo assim o almejado prestígio.

Desse modo, Žižek (2006, p. 174) também se reporta ao filósofo Rorty, quando este observa ser um aspecto essencial do ser humano a capacidade de “sentir dor e, narrar essa dor”. Ou seja, essa é uma capacidade constitutiva do ser. A propósito, a própria angústia é uma nódoa característica que marca em si a história de nosso sofrimento como uma condição inerente a nós mesmos, conferindo-nos, assim o *status* de ser humano. Isso nos é atribuído, justamente, por sermos animais simbólicos e, portanto, capazes de narrar nossa própria dor.

Essa é nossa condição pós-moderna – “vítimas em potencial”, situação pela qual nosso direito essencial, passa a ser - o de narrar nossa própria história. Muito embora, esse comportamento caracterizado pelo autor de “pluralização narrativa” não nos forneça o direito à verdade, ela apenas conforma o direito à narrativa. (ŽIŽEK, 2006)

Nesse ponto de vista este mesmo autor, assevera que a soberana “dimensão ética é construir um espaço em que cada grupo/indivíduo tenha o direito de narrar sua ficção, sua versão dos acontecimentos. Portanto, a dimensão da verdade fica em suspenso” (ŽIŽEK, 2006, p. 174). Ou seja, mesmo com tanta evolução em termos de ciência, nosso limite do tempo histórico não nos permitiu decifrar o horizonte da verdade. A humanidade não concebe que nossas experiências não possam ser consideradas como dimensões da verdade, ou mesmo, inscritas nesse campo, em termos de revelação.

Por isso, no entender de Žižek (2006, p. 82):

No nível mais radical da subjetividade e da experiência, há um momento inicial de loucura: as dimensões de gozo, de negatividade, de pulsão de morte e assim por diante, mas não a dimensão da verdade.

Para Žižek (2006) somente no momento em que Freud se utilizou do conceito de pulsão de morte, é que se abriu espaço, em termos filosóficos, para essa dimensão. Mas, essa abertura é apenas um ponto de partida para se chegar à verdade, ela é a condição de possibilidade para se chegar a esse campo. Uma vez

que, este autor, considera a psicanálise, especialmente a psicanálise<sup>26</sup> lacaniana, uma teoria capaz de mostrar aos indivíduos a dimensão mais radical da existência humana, (nossas mazelas, tanto sociais quanto libidinais), sendo inclusive adequada ao desvelamento da realidade na qual estamos imersos no atual estágio social.

Žižek (2012a) ao empreender sua crítica ao capitalismo no atual estágio da vida em sociedade nos oferece subsídios teóricos que nos permitem confrontar a cultura do capitalismo globalizado e suas implicações objetivas e subjetivas na vida desses sujeitos. Não obstante, o autor busca compreender esse sujeito, porquanto, inserido nos meandros do capitalismo global com suas lacunas, reificações e contradições implícitas.

Feitas essas considerações podemos concluir que buscar compreender a constituição do sujeito, no contexto mais atual, impõe considerar as implicações da lógica de funcionamento da grande fábrica de sonhos e de ilusões vendidas no projeto societário vigente, na formação desse sujeito. Nesse sentido, investimos no desvelamento do sujeito, considerando as implicações da realidade caótica na qual estão imersos esses sujeitos e seus processos de subjetivação e desubjetivação no “tempo presente”.

Dessa forma, torna-se oportuno, abordar as apreensões de Žižek sobre as principais características do capitalismo no seu atual estágio de desenvolvimento, evidenciando as implicações deste sistema para o processo de constituição/formação do sujeito contemporâneo, uma vez que elas afetam significativamente suas condições materiais e subjetivas de existência. Sendo, imprescindível reconhecer as estratégias do modo de organização social hegemônico, uma vez que ele se utiliza das ideologias do tempo presente para obscurecer e/ou naturalizar as formas de opressão consolidadas como única alternativa viável ao convívio social mais digno e igualitário.

---

<sup>26</sup> Segundo Žižek (2010), a psicanálise é uma teoria capaz de nos fornecer fundamentos para uma nova práxis política que seja comprometida com a transformação social.

### 3 ESTRATÉGIAS IDEOLÓGICAS DO CAPITAL: DOMINAÇÃO, IDEOLOGIA DO CONSUMO E ADOECIMENTO DO SUJEITO

Aduzimos, neste capítulo, as características inerentes à sociabilidade do capital, destacando elementos considerados importantes e/ou até mesmo determinantes para a constituição do “novo” sujeito, no contexto de um capitalismo que tanto é mais perverso, quanto mais se encontra imerso em uma crise sistêmica do processo de valorização do capital; pois, é nesse modelo de sociedade, os sujeitos estão cada vez mais capturados por dispositivos tecnológicos institucional-burocráticos, bem como por produtos de consumo, fato este que os torna mais espectrais do que existencialmente situados. Assim, privilegamos aqui elementos importantes da obra de Žižek que contribuem para refletir sobre as condições históricas nas quais se efetiva a constituição do “novo” sujeito no capitalismo, imerso no contexto turbulento, frenético e fragmentado do tempo presente.

#### 3.1 Sociedades capitalistas: o panorama do fim dos tempos?

Dentre os inúmeros acontecimentos que configuram a realidade de catástrofes da sociedade contemporânea, os desastres ambientais<sup>27</sup>, por exemplo, constituem reflexos de um desequilíbrio desmedido, que tende a desestabilizar o próprio arcabouço de nossa existência ordinária, consolidando assim, para alguns, um cenário “apocalíptico”.

Para Žižek (2012b, p. 228), estamos vivendo no fim dos tempos, quando a humanidade parece caminhar rumo ao que o autor denomina de “ponto zero de transmutação radical”. Nesse chão histórico, não nos distanciamos da possibilidade de uma situação nefasta que ameaça inclusive o fim da própria natureza humana<sup>28</sup>.

Autores como Mészáros (2009), Antunes (2005), Alves (2010), dentre outros estudiosos que dirigem uma crítica severa ao “sistema sociometabólico do

---

<sup>27</sup> Podemos citar como exemplo eventos tais como: derretimento de geleiras, terremotos, tsunâmis, desmatamentos em larga escala, vazamento de petróleo no Golfo do México, o desmatamento da região do Himalaia, dentre outros episódios que tornam ainda mais evidente uma situação de catástrofe ambiental em escala mundial (ŽIŽEK, 2012b).

<sup>28</sup> A sociedade hodierna padece de constantes ameaças, de ordem e natureza diversas, como guerras, epidemias, levantes populares, que engendram um momento singular no desenrolar histórico do capitalismo, em seu viés contemporâneo, que produz efeitos perversos e catastróficos para humanidade.

capital” (MÉSZÁROS, 2009, p. 101), consideram que estamos em uma época em que se vive sob a iminência de uma falência expressa do capitalismo, em esfera global. Žižek (2012b), imbuído do mesmo espírito de crítica a esse sistema, mas sob outra óptica, destaca com base no viés filosófico e psicanalítico, um olhar mais específico da realidade mundial do “fim dos tempos”. De forma análoga às narrativas bíblicas, Žižek (2012b, p. 11-12) aponta como quatro “Cavaleiros do Apocalipse”:

[...] a crise ecológica, as consequências da revolução biogenética, os desequilíbrios do próprio sistema (problemas de propriedade intelectual, a luta vindoura por matéria-prima, comida e água) e o crescimento explosivo de divisões e exclusões sociais.

A descrição apocalíptica do autor sobre a realidade atual expressa uma clara possibilidade da ocorrência, em um futuro não muito distante, de uma catástrofe mundial. De forma paradoxal, no entanto, ele adverte para o cuidado que se deve ter com “catastrofismos” exacerbados, por perceber a história como um caminho que pode ser revertido, melhor exprimindo, reinventado<sup>29</sup>. Assim, tais reflexões nos instigam a lançar olhar mais detido sobre as particularidades do “tempo presente”, quando, ante a selvageria da dinâmica do capital, a própria sobrevivência da humanidade parece estar em jogo.

Na tessitura de uma sociedade contraditória e desumana, na qual se nega ao sujeito sua condição de agente da história, em que se vende um reino de “possibilidades”, de benesses, facilidades, no cerne de um contexto societário no qual tudo é fictício, e onde, inclusive, a própria condição humana<sup>30</sup> é incerta; assim, o próprio sujeito, ou seja, o futuro humano também é constantemente ameaçado.

Dentre as reflexões de Žižek, emerge nossa maior motivação: a de pensar a condição do sujeito que floresce no cenário inóspito do tempo presente. Notadamente, a época atual produz em seu âmago diversos males sociais e calamidades, além dos recorrentes desastres ambientais e do esvaziamento do

---

<sup>29</sup> Importa esclarecer que, diferentemente de Fukuyama, que compreende esse período, como evidenciando o “fim da história”, Žižek prefere preservar sua crença na história, sendo esta, inclusive, um lugar onde os acontecimentos ainda são possíveis.

<sup>30</sup> No livro “A condição humana”, a escritora Hannah (2007) se ocupa de forma central sobre a análise da condição humana, que, em seu entender, se refere aos meios e formas de vida que os homens impõem a si mesmo para sobreviverem e assim suprirem suas carências materiais e existenciais. Estas, portanto, podem mudar de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem é parte integrante. Por isso, no entender da autora, somos condicionados de duas formas: condicionamento interno - nossos atos, pensamentos, sentimentos, e por um condicionamento externo, ou seja, o contexto histórico em que vivemos - a cultura, os amigos, a família. Para saber mais ver: ARENDT, Hannah, (2007).



espaço público que contribuem para agravar ainda mais a condição humana. Assim, é preciso esforço teórico na apreensão da dinâmica contraditória das relações sociais tecidas em um modelo de organização social que floresce com supote numa dinâmica autopropulsora e cumulativamente ampliada, que empurra suas contradições para frente, sem resolvê-las.

Cumprido esclarecer que o panorama catastrófico identificado por Žižek é fruto do poder sistêmico do capital que impera, moldando vidas e destinos. Sob esse aspecto, Bauman identifica a produção das chamadas ‘zonas de refugio’,<sup>31</sup> expressões de grande parcela da sociedade exposta à condição de miséria absoluta<sup>32</sup>, condição esta acirrada pelas intensas crises do sistema capitalista na já configurada realidade de catástrofes.

No apreender de Bauman (2005, p.12), a criação dessas ‘zonas de refugio’,

[...] ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os ‘excessivos’ e ‘redundantes’), [...] é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da *construção da ordem* (cada ordem define algumas parcelas da população como ‘deslocadas’, ‘inaptas’ ou ‘indesejáveis’) e do *progresso econômico* (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de ‘ganhar a vida’ e, que, portanto, não consegue senão privar seus participantes dos meios de subsistência).

Ainda sobre o caos instaurado no contexto contemporâneo, Arantes (2014) identifica o que ele conceitua como “zonas de espera”,<sup>33</sup> para designar a parcela da população que vivencia condições subumanas de existência, que vão de encontro ao momento histórico no qual o desenvolvimento das forças produtivas, bem como a produção dos bens de consumo necessários à satisfação das

<sup>31</sup> As zonas de refugio estão associadas aos espaços reservados para remoção do “lixo humano” produzido no processo de modernização da humanidade. Para saber mais ver: BAUMAN, (2005).

<sup>32</sup> Dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apontam que o número de pessoas em situação de miséria no Brasil em 2013, perfaz um total de 10.452.383. WELLTON, (2014).

<sup>33</sup> Arantes (2014, p.186) se utiliza do termo para designar uma parcela da população que vegeta em presídios, campos de refugiados, agências de assistência social para desempregados em busca de trabalho. Situações como estas são encontradas na Faixa de Gaza, na Cisjordânia ocupada, os denominados *checkpoints*, espaços espalhados pela Europa e demais países que são utilizados para conter a entrada de imigrantes ilegais. Podemos acrescentar ainda a esse quadro um quantitativo expressivo de ocupações de operários, “Sem Teto” e “Sem Terra”, vivendo no que Arantes denomina como “zonas de suspensão de tempo”, submetidos a condições aviltantes de vida e trabalho.

necessidades humanas (materiais e espirituais), se encontra em pleno vigor, possuindo inclusive condições que permitiriam a humanidade eliminar a miséria da face da terra.

Torna-se evidente, portanto, é que o desenvolvimento social favorecido pelo avanço das forças produtivas, na dinâmica do capitalismo contemporâneo, caminha na contramão dos progressos evidenciados (no campo da ciência, da técnica e das riquezas produzidas), conduzindo a um agravamento cada vez mais intenso dos problemas da humanidade, não operando, portanto, como solução das contradições sociais ou na superação de tal ordem.

Pode-se considerar que, em meio às antinomias do sistema capitalista, nota-se que, se por um lado o processo de desenvolvimento da vida moderna, em escala global, possibilitou uma melhoria na qualidade de vida das pessoas, de outra parte também fez circular uma quantidade enorme e contínua de pessoas totalmente desprovidas dos meios de sobrevivência, ou seja, destituídos de toda sorte material e espiritual<sup>34</sup>. Estes, por sua vez, são obrigados a se assujeitarem a novas formas de existência, por meio da realização de trabalhos degradantes na tentativa de sobreviverem.

A dinâmica contraditória do capitalismo não consegue resolver os seus antagonismos e sanar seus problemas, uma vez que eles são a força motriz que a sustentam. No entender de Žižek (2011b), as contradições desse modo de organização, além de serem elemento fundante da ordem vigente, estão intrinsecamente entrelaçadas com as desigualdades sociais produzidas no âmbito do próprio sistema, sendo estas o pilar de sustentação do próprio sistema.

Essa problemática, quando tomada na perspectiva da crítica elaborada por Mészáros (2009, p. 101-114), quando este se refere aos defeitos estruturais de controle do novo sistema “sociometabólico do capital”, em seu momento atual de desenvolvimento histórico, é apreendida pelo autor como uma fase de “incontrolabilidade” do sistema que, em meio as suas constantes crises, atinge todo o complexo social e conforma a própria natureza. Isto significa dizer que é impossível se imprimir ao capital uma lógica distinta da que se arquiteta para sua

---

<sup>34</sup> Segundo o relatório Tendências Mundiais de Desemprego 2014, o número de desempregados em nível mundial aumentou cinco milhões em 2013 e superou 202 milhões de pessoas, o que representa uma taxa de desemprego mundial de seis por cento. Ainda segundo referido relatório, cerca de 23 milhões de trabalhadores abandonaram o mercado em 2013. Estima-se que o número de pessoas em busca de trabalho aumentará em mais de 13 milhões até 2018. DANIELA, (2015).

reprodução, já que ela funciona como um arcabouço, ou seja, uma matriz estruturante na qual se ergue todo este edifício social.

A atual fase de desenvolvimento global do sistema capitalista, no entender de Mészáros (2009, p. 47), é um período em que se observa a “perda inevitável do controle sobre o conjunto do sistema reprodutivo social”. Este fato faz conotar certa incapacidade da razão humana em compreender o mundo em sua integralidade, ou até mesmo significando uma impotência para instaurar uma mudança significativa no modelo social produtivo, por meio da ação humana.

Nesse sentido, para os apologistas<sup>35</sup> que visualizam um projeto de humanização do capitalismo, como se isso fosse possível, cabe apenas viabilizar o convívio social justo e igualitário, sem uma transformação revolucionária do sistema capitalista. Para esses pensadores que advogam o aperfeiçoamento da ordem capitalista, ou seja, a possibilidade de controlar o sistema por meio dos organismos da sociedade civil e do “cognitariado” atado às tecnologias da automação, essa seria a alternativa mais viável. Segundo Žižek (2012b, p. 09), esses mesmos defensores, no entanto, se esquecem de catalogar as intrínsecas consequências de se viver na ‘sociedade de risco’, uma sociedade na qual, seus problemas produzidos em virtude de seus defeitos estruturais, se agravam crescentemente, de modo que sua superação é cada vez mais urgente.

Do ponto de vista deste estudo, e em sintonia com o que assevera Mészáros (2009), não há possibilidade de controle das calamidades produzidas no cerne do sistema capitalista, ou melhor, não há possibilidade de estabelecer relações humanas solidárias sob a lógica brutal desse sistema. Dessa forma, os muitos esforços empreendidos na tentativa de tornar indestrutível o sistema, apenas o reinventam, o recriam, estabelecendo alternativas viáveis para sua recuperação, dentro da mesma lógica dominante.

Corroboramos com Žižek (2011a, p. 12) quando este assinala que qualquer

[...] esforço para arrancar das rebarbas da reprodução capitalista algo um pouco diferente dentro do mesmo todo só demonstra que o possível tem sido utilizado, na verdade, como uma contenção das plenas possibilidades.

---

<sup>35</sup> Žižek (2012a) considera os autores Negri e Hardt como os legítimos representantes dos autores que fazem apologia do capital.

Em tempos de capitalismo globalizado, os problemas se estendem por todo o Planeta. E as pseudo-soluções pensadas, para sanar seus pontos mais agravados de saturação, só conseguem administrar medianamente os perigos que se tornam cada vez mais complicados. Dessa forma, os novos modos de constituição da vida, nesse grande mosaico que compõe a complexa realidade do mundo moderno/fragmentado, conduzem os indivíduos a um contexto vital que expressa carências múltiplas, tanto materiais quanto espirituais, evidenciadas em consequentes insatisfações e doenças existenciais no quadro das situações catastróficas que enfrentamos atualmente.

Reiteramos, portanto, para esse estudo, a necessidade de se proceder ao exame, nesse contexto histórico, de aspectos determinantes de momentos específicos - como o que estamos vivendo – na constituição da subjetividade humana, visto que objetividade e subjetividade mantêm uma articulação umbilical e recíproca no estabelecimento das possibilidades de reinvenção da história da humanidade; um momento social efervescente, que instiga reflexões diversas sobre as possibilidades do sujeito de criar as próprias condições objetivas e subjetivas de existência, sob determinadas circunstâncias, dadas e postas<sup>36</sup>.

### ***3.1.1 A patologia do consumo na sociabilidade do capital e os processos desubjetivantes***

Em um modelo social em que os sujeitos estão cada vez mais submetidos a condições de precariedade, de abandono e de marginalização social, torna-se importante pensar os distintos modos de subjetivação dos seres humanos, quando inseridos numa cultura geradora de um quadro compulsivo, fortemente marcado por incertezas e ameaças próprias do nosso tempo histórico.

A ordem social vigente produz um ambiente favorável a adoecimentos e desrealizações, expressos em situações como depressões, isolamento social, suicídios, dentre outros adoecimentos psicossociais<sup>37</sup>. Para Bauman, tais

---

<sup>36</sup> Para saber mais ver: MARX, (2004).

<sup>37</sup> Segundo o primeiro relatório global sobre a prevenção do suicídio da Organização Mundial de Saúde – OMS, publicado em 2014, mais de 800 mil pessoas cometem suicídio todos os anos. O relatório aponta ainda que a cada 40 segundos uma pessoa se suicida no mundo. De acordo com o referido relatório 75% dos suicídios ocorre em países de baixa e média renda. A maioria das mortes ocorre por envenenamentos, enforcamentos e armas de fogo. Organização Mundial de Saúde – OMS, (2015).

aspectos revelam-se como sintomas de uma sociedade marcada por promessas de futuro não concretizadas, que enredam os sujeitos em suas teias produtoras “de um novo tipo de mal-estar e aflições, especificamente, líquido-modernos”<sup>38</sup> marcas da sociedade pós-moderna.

Harvey (1996) distingue a chamada sociedade pós-moderna em um contexto de mudanças bruscas, frenéticas, que tende a caracterizar como “transitório”, “fugidio”, “contingente”<sup>39</sup>. Embora esse período tenha em seu arcabouço a marca da mudança, suas oscilações de significados representam uma conjuntura que pode associar tanto a noção de poder quanto a ideia de fracasso, um panorama que, ao combinar fatores diversos, torna essa mesma sociedade um espaço propício ao imperialismo do gosto que tende a recriar, sob novos aspectos, uma hierarquia própria de valores e significados, sinais e estilos.

Um modelo de sociedade na qual os indivíduos encarnando papéis diversos, representam uma multiplicidade de identidades fluídas e interminavelmente abertas, caracterizando essa sociedade com a marca da aparência social, da valorização pessoal, do desejo de status (BOTTON, 2005) e pela via do consumo. No entender de Alves, esse modelo de sociedade evidencia a cisão existente entre sujeito e mundo, exibindo a constante angústia dos indivíduos entre sua interioridade e o mundo exterior<sup>40</sup>, ou seja, o conflito entre o desejo de realização e o processo de reificação<sup>41</sup> da sociedade do capital.

Ancoramo-nos em Freud (2011) quando este assevera que o mal-estar social<sup>42</sup> é uma fase intrínseca ao processo civilizatório e que, conseqüentemente, traz renúncia e insatisfações, um processo no qual os sujeitos buscam se afastar das experiências negativas, uma vez que a felicidade na perspectiva civilizada é, justamente, a condição de possibilidade de afastamento desses momentos que ensejam insatisfações, mas, mesmo assim, ainda se sentem frustrados. No entender de Freud (2011), mesmo que a humanidade alcance um patamar elevado de desenvolvimento social, por meio do processo civilizatório, ainda assim, as pessoas

---

<sup>38</sup> Para saber mais ver: BAUMAM, (2005, p. 18).

<sup>39</sup> Para saber mais ver: HARVEY, (1996).

<sup>40</sup> Para saber mais ver: ALVES, (2010, p. 21).

<sup>41</sup> Para Žižek (2011, p.120), a ‘reificação’ das relações sociais entre pessoas (o fato de assumirem a forma de relações fantasmagóricas “entre coisas”) é sempre duplicada pelo processo aparentemente oposto, pela falsa ‘personalização’ (‘psicologização’) do que, efetivamente, são processos sociais objetivos.

<sup>42</sup> Para saber mais ver: FREUD, (2011).

não conseguirão resolver o conflito entre as exigências “pulsionais” - satisfação dos desejos - e as restrições da civilização.

De modo similar, traçando um paralelo da época de Freud (IBIDEM) aos dias atuais, podemos asseverar que, hoje, esse tipo de insatisfação pode ser associado às situações de instabilidade social, às quais os sujeitos estão expostos hodiernamente, circunstância denominada por Žižek (2012b, p. 199) de “catástrofe pseudonatural”, ou seja, espécie de traumas e intromissões externas, que podem ser descritas na perda súbita de empregos, nas condições de miséria ou, até mesmo, por doenças específicas da nossa época, como depressões, síndrome do pânico, baixa autoestima, dentre outras ocorrências que ensejam inseguranças peculiares da chamada sociedade pós-moderna, também nomeada “sociedade do espetáculo”, para lembramos Debord<sup>43</sup>.

É igualmente relevante notar que, neste contexto, no qual estão inseridos os sujeitos, a realização dos desejos e/ou das necessidades mais prementes está cada vez mais subordinada ao modo de produção e consumo, dentro do atual estágio de expansão capitalista, que se configura como mais uma forma de manutenção do próprio sistema vigente.

Segundo Žižek (2012b, p. 09), o desejo das pessoas que compõem o corpo social no tempo presente é contraditório e ao mesmo tempo incoerente, pois estes querem usufruir da abundância e da liberdade democrática capitalista, sem ter que pagar o alto preço de se viver em uma ‘sociedade de risco’.

No entender de Bauman (2005), o mundo humano na contemporaneidade está repleto de falsas promessas de realização, cheio “de *sollen* (‘deves’)”; ou seja, prevalece hoje um tipo de ideia que cultiva em seu íntimo o desejo de tornar realidade aquilo que podemos até considerar como um impulso inato. O que se observa, no entanto, é que esse mundo humano, por possuir a marca da irrealização intrínseca ao seu modo de ser, deixa esses ‘deves’ em aberto, de modo que essa sociedade se caracteriza com a marca da insatisfação e das falsas promessas de futuro, que, portanto, não podem ser concretizadas<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Guy Debord (1990) se utiliza da metáfora “sociedade do espetáculo” fazendo alusão à forma como a sociedade se apresenta no atual contexto histórico. O autor concebe que na forma de organização social na qual reina as produções modernas prevalece uma grande acumulação de espetáculos. Para saber mais ver. [[www.geocities.com/projetoperiferia4/sefa.htm](http://www.geocities.com/projetoperiferia4/sefa.htm)].

<sup>44</sup> Para saber mais ver: BAUMAM, (2005, p. 19).

Podemos considerar que o capitalismo anuncia, portanto, um reino de possibilidades, no qual as pessoas poderão, em tese, obter, por meio de falsas promessas de realização, todas as benesses e riquezas, favorecidas pelo atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas e amplamente disseminadas pela ideologia do mercado e do consumo. A incomensurável produção de mercadorias<sup>45</sup>, bem como as invenções tecnológicas, se tornam responsáveis não só por manipular o imaginário individual dos sujeitos, mas, também, por forjarem, no ideário social coletivo, uma necessidade imanente.

No palco de ilusões atua o sujeito do “tempo presente”, que, ao internalizar a ideologia do consumo operada pela lógica dominante, acredita que ele só poderá se realizar pela via do consumo de bens e mercadorias, passando a ser manipulado<sup>46</sup> pelos valores-fetiches inseridos nesse projeto societário. Por esse viés de análise é possível perceber o atributo manipulatório<sup>47</sup>, como uma marca característica da sociedade de mercado. Notadamente, é possível perceber, que no plano concreto, as possibilidades anunciadas não se efetivam de fato, se configurando em mais artimanhas engendradas pelo capitalismo. No que se refere à manipulação, esta aparece como elemento essencial de manutenção e de reprodução capitalista, solidificando-se como um dos elementos estruturantes da alienação.

Ainda com relação ao aspecto da manipulação, verifica-se que a “manipulação da consciência”<sup>48</sup> se exprime como decorrência própria do sistema de produção e reprodução capitalista, o que exacerba ainda mais as contradições sistêmicas, ampliando a catástrofe social, contribuindo, assim, para a não-concretização do ser humano.

O paradoxo estabelecido nessa conjuntura social mediatizada pelas mercadorias - na qual o próprio sujeito, conseqüentemente, se torna também

---

<sup>45</sup> Para saber mais ver: MARX, (1983).

<sup>46</sup> Conforme assevera Coutinho (2010, capa), “uma análise *humanista* de nossa época coloca a nu a mutilação da práxis pela manipulação, a necessária irracionalidade de uma vida voltada para o consumo supérfluo e humanamente insensato. Uma visão concretamente *historicista* revela as possibilidades de mudança e transformação latentes, embora dissimuladas pelas aparências fetichizadas que se pretendem imutáveis. A *dialética*, finalmente, denunciaria a contradição entre mundo aparentemente ‘organizado’ (com os meios de uma razão burocrática) e a irracionalidade objetiva do conjunto da sociedade, superando assim os limites de uma ‘razão’ que se concentra nas regras, nos meios, enquanto abandona como incognoscível o conteúdo e a finalidade da vida e da sociedade”.

<sup>47</sup> Sobre a problemática do “capitalismo manipulatório” ver: ALVES, (2010).

<sup>48</sup> Para saber mais, ver: *Id. Ibid.*

mercadoria – é que o criador dessa riqueza aparece, aos olhos da humanidade, apenas como um mero produtor de ilusões que não conseguiria sequer satisfazer-se em suas necessidades mais prementes<sup>49</sup>.

Sob a óptica da sociedade de mercado, a apropriação do potencial intelectual/subjetivo no plano espiritual tornou-se essencial para o sistema de reprodução do capital, pois, se pode perceber que, nesse modelo de sociedade, se produz uma cultura que elege preferencialmente um tipo de ‘logismo’ facilmente sustentado pelas formas pós-modernas de consumismo e estilo de vida. Em nome da ideologia do consumo e dos “valores-fetiches”<sup>50</sup> do mercado, se impõe uma dinâmica que tensiona o metabolismo social à exaustão, produzida pelo próprio movimento do sistema capitalista.

No cerne dessa discussão, é possível perceber que os sujeitos são instigados a suprir suas carências múltiplas, como forma de responder aos seus impulsos libidinais, as suas frustrações humanas, quando se referem à satisfação das necessidades e carências materiais. Assim, em um modelo social utilitarista hedonista, é possível perceber que a fruição da vida fica reduzida à satisfação dos danosos-excessos, permeados pela permissividade, por pequenos pedaços de gozo, sempre substituíveis, tornando a vida um simples momento de consumo alienado.

Na medida em que a vida se reduz a um momento de consumo alienado, abre-se no interior dos sujeitos uma profunda frustração pela não possibilidade de realização de seus desejos, realidade esta confrontada imediatamente à necessidade de suprir suas carências materiais, que não podem ser providas pelo processo civilizatório.

Segundo Žižek, os “objetos *plus*” de consumo provocam um deslumbramento nos sujeitos, com base na intensa produção de mercadorias voláteis de consumo ou ancorados nas novas invenções tecnológicas; ou seja, a ciência e a tecnologia funcionam como uma espécie de catalizador, ampliando e

---

<sup>49</sup> Para saber mais, ver: MARX, (2004).

<sup>50</sup> A apreensão de Marx (1983) sobre o *fetichismo* da mercadoria revela que, nas sociedades capitalistas, a produção de mercadorias assume o caráter enigmático. Nessa perspectiva, pode-se perceber, portanto, que a produção de mercadorias, fruto do trabalho humano, constitui um marco para a história do capitalismo, pois a riqueza desse modo de produção aparece a ele como um imenso acúmulo de mercadorias.



melhorando os objetos. Estes “objetos *plus*” foram denominados por Lacan (2012a, p. 61) como:

[...] *les lathouses, objetos-gadgets* [dispositivos objetos] de consumo que atraem a libido com a promessa de proporcionar prazer excessivo, mas que, na verdade, reproduzem somente a própria falta.

Esses objetos de consumo, na verdade, funcionam como dispositivos que criam uma falsa necessidade e induzem os sujeitos a corresponderem de forma excessiva às suas fantasias. Estes objetos *lathouses* exercem um fascínio desmedido sobre as pessoas, o que se traduz na forma de sintomas de uma sociedade hedonista e consumista.

Consideramos oportuno, neste debate, exprimir que essas estratégias de cooptação dos sujeitos correspondem ao processo denominado, por Žižek (2012b, p. 181), de “mistificação”. Este ocorre, no entender desse autor, em dois momentos distintos: inicialmente, ele se manifesta por meio de suas “minúcias teológicas”, travestidas nas suas formas mais sutis de manifestação. Posteriormente, esse processo ocorre por meio da “mistificação da consciência cotidiana”, atendendo a um movimento imanente do capital.

Para Žižek (2012b), as pessoas são induzidas a um tipo de consumo exacerbado que tem como motivação original preencher a falta ontológica do sujeito. Entretanto, esta lacuna inerente e fundante, por sua essência, não poderá ser suprida na plenitude, pois, o próprio sujeito é apreendido em seu arcabouço originário, como um ser de falta, desejoso e incompleto na leitura filosófico-psicanalítica de Žižek.

Retomada aqui a reflexão sobre o gozo (*jouissance*), bem como a respeito dos impasses do consumismo na sociedade contemporânea, torna-se imprescindível apontar a distinção feita por Lacan (apud ŽIŽEK, 2012a, p. 53) entre prazer e gozo (*jouissance*), pois, no que confere ao gozo, esse está associado a

[...] um excesso mortal sobre o prazer, isto é, seu lugar está além do princípio de prazer. Em outras palavras, o termo *plus-de-jouir* (mais gozar ou excesso de gozo) é um pleonasma, porque o gozo em si é excessivo, em oposição ao prazer, que, por definição, é moderado, regulado por uma medida apropriada. Portanto, temos dois extremos: de um lado, o hedonista iluminado, que calcula com cuidado os seus prazeres para prolongar a diversão e evitar danos; de outro, o *jouisseur* propriamente dito, pronto para consumir sua própria

existência no excesso mortal do gozo – ou, nos termos de nossa sociedade, há, de um lado, o consumista que calcula seus prazeres, protegido de todos os tipos de tormentos e ameaças à saúde [...]. O gozo é aquilo que não serve para nada.

Para ilustrar seu pensamento, o autor se refere à figura do viciado em drogas, disposto a se destruir, como sendo o verdadeiro representante desse novo estágio da sociedade utilitarista hedonista contemporânea; um sujeito que é capaz de consumir a própria vida e o espírito, em prol de seu gozo frenético e desenfreado. No nível do consumo e de sua lógica perpassada, os sujeitos consomem produtos não somente pela sua serventia, mas pelo poder (*status*) que eles possam proporcionar, ou seja, pela possibilidade de uma realização que seja capaz de tornar sua vida mais permeada pelo excesso de gozo.

Importa destacar, aqui neste caso, as reflexões de Žižek sobre a categoria fantasia, como muito pertinente à caracterização do sujeito do tempo presente, uma vez que, no entender de referido autor, a fantasia conforma um elemento importante à configuração do cenário social, sendo capaz inclusive de estruturar a realidade.

No entender do autor, a fantasia guarda em si uma oposição entre os campos do “objetivo e do subjetivo”, uma vez que não se configura apenas como algo subjetivo, redutível às intuições vivenciadas conscientemente pelos sujeitos, mas existe como algo pertencente à categoria do objetivamente subjetivo. Dessa forma, é possível asseverar que, por esse viés de análise, a fantasia guarda em si uma contradição: quando uma fantasia passa a existir de fato, ela perde a essência.

Nesse caso, a fantasia funciona como um caso “fantasmático virtual”, ou seja, um objeto parcial, que ao ser acessado já não pode representar fielmente o que era. Para Žižek (2008a, p. 172), “o supremo objeto fantasístico da fantasia não é propriamente o que se vê, mas o próprio olhar [...] o olhar em si é o objeto supremo da fantasia”. Ao adotar esse pressuposto, apreende-se que o fascínio recíproco da fantasia, se configura na forma como a estrutura da fantasia é arquitetada nesse modelo de sociedade.

É enveredando por este prisma que o sistema capitalista adota na atualidade, estratégias ideológicas que possam mistificar ou obscurecer a violência<sup>51</sup> que o sustenta. Nesse sentido, a crítica ao sistema capitalista, às suas formas de violência, bem como ao consumo exacerbado que se expressa em um nível elevado de manifestação, ou até mesmo, a certa incapacidade de dar respostas satisfatórias às questões que levam homens e mulheres ao adoecimento sob múltiplas formas, tornam-se tarefas urgentes de nosso tempo histórico.

Assim, faz-se imperativo que os sujeitos reflitam criticamente sobre a realidade a sua volta, questionando problemas tais como: as consequências dos avanços científicos; a degradação ambiental; os desdobramentos dos avanços da Neurociência: de Biotecnologia e do cognitivismo; a precarização das condições de vida e trabalho, dentre outras questões expressas na atualidade, pois, somente desse modo, pode ser constituída uma ação coletiva na perspectiva da transformação social.

Dessa forma, torna-se oportuno, no ponto subsequente, discorrer sobre as situações traumáticas de natureza e ordem diversas (social, natural, biológica ou simbólica) vivenciadas pelos sujeitos no contexto societário recente, e que são, em sua maioria, ampliadas em decorrência do desenvolvimento do sistema capitalista em escala global.

---

<sup>51</sup> Sobre essas formas de violência que constituem o modo próprio de ser do sistema no atual estágio do capitalismo contemporâneo, Žižek (2012c) destaca as três dimensões que a constituem: a violência subjetiva, a discursiva - que se dá por meio dos dispositivos discursivos e da linguagem e a violência sistêmica. No campo específico da violência sistêmica, o autor destaca um antagonismo oculto, que é a luta de classe, elemento este implícito na própria estrutura sistêmica do capitalismo como um componente dinamizador de contradições sociais, de processos de deslocamentos sociais.

### 3.2. “Catástrofe Pseudonatural”, “Sujeito Pós-traumático” e a Emergência do “Cogito do Proletariado”

Em meio a esse contexto permeado por situações de instabilidade social e da perda de empregos, por atentados terroristas, pela barbárie, pela fome, a miséria, dentre outras mazelas. Žižek destaca a emergência de três sujeitos que podem representar as figuras emblemáticas no tempo presente. Nesse sentido, Žižek (2012b, p. 219) destaca as representações desses sujeitos, ao descrever que

**A primeira figura**, que corresponde ao cercamento da natureza externa, é, talvez inesperadamente, a noção de **proletário de Marx**, o trabalhador explorado cujo produto é tomado dele, reduzindo-o a uma subjetividade sem substância, ao vazio da pura potencialidade subjetiva, cuja realização no processo de trabalho se iguala à sua desrealização. **A segunda figura**, que corresponde ao cercamento da ‘segunda natureza’ simbólica, é a do **sujeito totalmente ‘mediatizado’**, totalmente mergulhado na realidade virtual: embora ele pense ‘espontaneamente’ que está em contato direto com a realidade sua relação com a realidade é sustentada por uma complexa maquinaria digital. Podemos citar aqui Neo, o herói de *Matrix*, que descobre de repente que aquilo que ele percebe como realidade cotidiana é construído e manipulado por um supercomputador; sua posição não é precisamente a da vítima do *malin génie* cartesiano? **A terceira figura**, que corresponde ao cercamento de nossa natureza ‘interior’ é o **sujeito pós-traumático**: se quisermos ter uma ideia do *cogito* em seu aspecto mais puro, de seu ‘grau zero’ temos de dar uma olhada nos ‘monstros’ autistas, um espetáculo extremamente doloroso e perturbador. É por isso que resistimos tão firmemente à visão do *cogito*. (grifos nossos)

Na perspectiva de análise desse autor, nosso atual tempo histórico é um momento propício à produção desses três de tipos sujeitos, vítimas dessa realidade social perversa e desumana. Portanto, o autor reconhece o caráter traumático do *cogito* associado a estas catástrofes ambientais e sociais na figura dos refugiados dos campos de concentração, nas vítimas do terrorismo, ou mesmo nos sobreviventes de catástrofes naturais ou biológicas, além dos que sofrem situações de violência familiar a expressão desses sujeitos.

Diante disso, Žižek ao fazer referência a Malabou (apud ŽIŽEK, 2012b, p. 202), assinala:

[...] hoje, as vítimas de traumas sociopolíticos apresentam o mesmo perfil das vítimas de catástrofes naturais (tsunamis, terremotos, inundações) ou acidentes graves (acidentes domésticos sérios, explosões, incêndios). Começamos uma nova época de violência

política, em que a política tira recursos da renúncia do sentido político da violência. [...] Todos os eventos traumatizantes tendem a neutralizar sua intenção e assumir a falta de motivação propriamente dita dos incidentes do acaso, característica essa que não pode ser interpretada. *Hoje, o inimigo é a hermenêutica.* [...] esse apagamento do sentido não só é perceptível nos países em guerra, como está presente *em toda parte*, como nova face do social que confirme uma patologia psíquica desconhecida, idêntica em todos os casos e em todos os contextos, *globalizada*.

Descrições como estas nos permitem concordar com Žižek (2012b, p. 200), quando este assevera que a humanidade atualmente enfrenta situações que nos obrigam a um encontro rotineiro com “intromissões externas, traumas que são apenas interrupções brutais e sem sentido”. Na visão desse autor, nossa estrutura sociopolítica, além de nos impor um encontro rotineiro com esses “choques e traumas externos”, nos exprime múltiplas formas desse tipo de interferência, descritas em situações violentas, capazes, inclusive, de destruir o tecido simbólico da identidade dos sujeitos.

Para tanto, referido autor recorre a Freud e a Lacan (apud ŽIŽEK, 2012b, p. 200) para situar que

[...] os choques externos, os encontros ou intromissões inesperados e brutais devem seu impacto propriamente traumático à maneira como atingem a ‘realidade psíquica’ traumática preexistente. [...] Todo trauma externo é ‘suprassumido’, interiorizado, e seu impacto se deve à maneira como o real preexistente da ‘realidade psíquica’ é despertado por intermédio do trauma.

É Possível asseverar que, pelo viés psicanalítico de análise, a natureza desse tipo de trauma inesperado, além de ser uma intromissão violenta, se conforma em uma situação para a qual o sujeito não estava preparado, sendo inclusive impossível de reintegrá-la a sua psique.

Na visão desse autor, esses traumas externos, por sua vez, podem ser representados, na tessitura simbólica da realidade atual, de três formas distintas: como violência física propriamente dita, quando somos surpreendidos por ataques terroristas, em situações de violência nas ruas, estupros etc.; ao modo de uma violência “irracional (sem sentido) da base material de nossa realidade interior (tumores cerebrais, mal de Alzheimer, lesões no cérebro, etc.)” (ŽIŽEK, 2012b, p. 200). Nesses casos, para o autor, as intromissões podem ser tão violentas e

catastróficas ao ponto de devastar o sujeito, mudando inclusive sua personalidade. Isto também ocorre na forma da violência simbólica, expressa na exclusão social, que atinge bilhões de pessoas, aqueles sujeitos obrigados a vivenciarem um estado persistente do trauma e para quem este se tornou um modo de viver.

Seguindo esse viés de análise, Žižek (2012b, p. 201) destaca a ideia de que um sujeito que vivencia um desses encontros traumáticos de natureza diversa (social, natural, biológica ou simbólica) passa por uma transformação tão significativa, ao ponto de poder ser assemelhada a uma experiência de “morte”. E por vivenciarem esse tipo de experiência, os sujeitos saem do seu “domínio psíquico propriamente dito”, restando-lhes somente duas escolhas: ou reintegram o choque à sua estrutura libidinal, ou sucumbem à experiência do novo, fato que destrói sua identidade ao ponto de não sobrar dela nenhum resquício.

Essas situações traumáticas, de qualquer natureza, conduzem os sujeitos a consequências, que podem ser descritas na emergência de um novo sujeito que resiste à própria morte, entendendo aqui o termo morte como uma espécie de aniquilamento da identidade simbólica. Dessa experiência, de um sujeito que sofreu esse tipo de trauma, denominado pelo autor de “sujeito pós-traumático” (ŽIŽEK, 2012b, p. 201) emerge outro sujeito que não tem ligação com o sujeito anterior ao trauma.

Portanto, o autor afirma não haver relação de continuidade entre o sujeito que sofreu esse tipo de trauma, “o sujeito ‘pós-traumático’ (a vítima de Alzheimer ou de outras lesões cerebrais etc.)” e sua antiga identidade, uma vez que esse novo tipo de sujeito surge com características bem específicas que podem ser descritas, no entender desse mesmo autor, pela “ausência de envolvimento emocional, profunda indiferença e desapego; trata-se, de um sujeito que não está mais no mundo”. (ŽIŽEK, 2012b, p. 201)

Portanto, para Žižek (2012b, p. 213), o sujeito que sobra desse processo é

[...] o sobrevivente de sua própria morte, a casca que sobra depois que ele é privado de sua substância; por isso, o matema de Lacan para o sujeito é o \$, o sujeito barrado. Não é que Lacan *pode* pensar o surgimento de um novo sujeito que sobrevive a sua morte/desintegração; para Lacan, o sujeito como tal é um ‘segundo sujeito’, um sobrevivente formal (a forma sobrevivente) da perda de

sua substância, do X numenal que Kant chamou de ‘eu ou ele ou isso (a coisa) que pensa’.

Podemos considerar, portanto, que esse novo sujeito surgente após a ferida traumática em meio a esse caos existencial, não se limita apenas à mera reprodução/mutação do antigo sujeito, produto de uma *tabula rasa*, uma vez que nesse processo estão inscritos resquícios de sua antiga forma de vida que sobrevive, mas que, é reintegrada e reinserida no novo contexto. É preciso levar em consideração, porém, inclusive a forma como cada pessoa reage à impossibilidade de lidar com essas feridas biológicas, uma vez que, pelo viés psicanalítico, a própria perda é constitutiva da dimensão da subjetividade, não um horizonte de ameaça destrutiva, mas como algo que está sempre acontecendo.

O sujeito da experiência psicanalítica, ao deparar essa perda, tem sensação angustiante, pois nesse momento ele vivencia uma sensação de ausência, de estranheza, que não é gerada apenas pelo momento de separação do objeto, mas, justamente, pela aproximação demasiada desse mesmo objeto (causa do desejo), sendo, este momento, por assim dizer, ocasião constitutiva da subjetividade.

Žižek (2012b, p. 217), ao analisar a dimensão filosófica do sujeito “pós-traumático”, ou seja, de um sujeito que sobrevive à própria morte, o faz para esclarecer que esse momento no qual o sujeito parece vivenciar uma “destruição de sua identidade (narrativa)” configura, na verdade, o momento de seu nascimento.

Para Žižek (2012b, p. 217), as apreensões de Lacan conduzem para caracterizar o sujeito freudiano como a expressão do *cogito*, uma vez que este não se configura como:

[...] uma ‘abstração’ da realidade dos indivíduos vivos reais, com sua riqueza de propriedades, emoções, capacidades e relações; ao contrário, ele é essa ‘riqueza de personalidade’ que funciona como a imaginária ‘matéria-prima’ do ‘eu’, [...] o *cogito* é uma ‘abstração’ muito real, uma ‘abstração’ que funciona como atitude subjetiva concreta. O sujeito pós-traumático, o sujeito reduzido a uma forma de subjetividade vazia e sem substância, é a ‘realização’ histórica do *cogito*. [...] para Descartes, o *cogito* é o ponto zero da superposição de pensar e ser, no qual o sujeito, de certo modo, nem ‘é’ (está privado de todo conteúdo substancial positivo) nem ‘pensa’ (seu pensamento se reduz a tautologia vazia de pensar que pensa).

Ao seguir as coordenadas da leitura lacaniana sobre o “sujeito pós-traumático”, Žižek (2012b, p. 218) apreende a noção de que, sendo o sujeito submetido rotineiramente a um trauma externo, o que resta desse sujeito é “a forma vazia do sujeito ‘morto-vivo’ [...], é a forma pura da subjetividade, a forma que devia estar lá”; um tipo de sujeito que não está em lugar nenhum e, nem tampouco, pode ser representado, pois, o sujeito, em seu aspecto mais elementar, está, na realidade, ‘além do inconsciente’: pois é, “a forma vazia, privada até mesmo das formações inconscientes que englobam uma variedade de investimentos libidinais”. (2012b, p. 217-218).

Para explicar suas ideias, Žižek (2012b, p. 218) faz referência ao “sujeito autista” como “um sujeito em seu nível zero: uma casa vazia, onde ‘não há ninguém’. Fazendo-nos repensar o enigma do *‘che vuoi’*, ou seja, quem é esse sujeito, se ele de fato existe, ou mesmo, em qual local podemos encontrar a figura emblemática de um sujeito que sobrevive à própria morte. No entender de Žižek (2012b, p.196)., essas circunstâncias existenciais exigem, em virtude da complexidade do tema, que se reflita mais diretamente sobre a condição desses sujeitos que vivem na atual conjuntura histórica, “[...] reduzidos a uma casca pós-traumática”.

Como destaca Žižek (2012b, p. 199), o capitalismo global conforma-se, na atualidade, como o principal produtor de novas formas de adoecimentos, que produzem ansiedades, perda de autoconfiança e autoestima, aflições próprias dessa realidade de incertezas a que estamos submetidos no tempo presente. O autor considera, portanto, a perda súbita de empregos um tipo de “catástrofe pseudonatural”, que na atualidade causa uma violência psicológica, trazendo múltiplas implicações para a vida dos sujeitos.

Žižek nos convida a pensar no próprio sentido do possível, quando denuncia a violência constitutiva do poder sistêmico do capital, em sua abordagem, as diversas formas de intromissões externas, ou seja, violências próprias do modelo social hegemônico.

Nesse caso, para Žižek (2012b, p. 199) torna-se imprescindível desvelar essa nova forma de “violência abstrata” que atinge bilhões de pessoas como uma espécie de tsunâmi, expondo os novos feridos a formas de subjugação, dominação e/ou proletarização próprias do sistema capitalista. Portanto, o “desemprego



estrutural” se configura, na atualidade, como uma situação que agudiza a precarização da condição material de vida e trabalho. Na análise de Žižek (2012a, p. 14), o desemprego constitui o próprio sucesso do capitalismo:

[...] ‘o desemprego é estruturalmente inseparável da dinâmica do acúmulo e da expansão que constitui a natureza em si do capitalismo como tal’. No que podemos considerar, o ponto extremo da ‘unidade dos opostos’ na esfera da economia, é o próprio sucesso do capitalismo (a alta produtividade etc.) que causa o desemprego (torna inútil uma quantidade cada vez maior de trabalhadores).

Com base nessas análises, é a própria lógica do mercado que enseja o desemprego e torna supérflua a massa desvalida de trabalhadores: e o que deveria ser uma benção, contra o trabalho penoso e a favor da redução da jornada de trabalho se torna uma maldição, quando submete bilhões de pessoas a formas traumáticas de luta pela sua sobrevivência<sup>52</sup>.

Podemos considerar que sob o jugo do capitalismo contemporâneo, o trabalho se realiza como experiência negativa para aqueles que trabalham. Mesmo com a incorporação do trabalho no reino das necessidades inalienáveis, este não se caracteriza por uma experiência rica de sentido. Desse modo, o trabalho, dentro do modo de produção capitalista, priva o homem de suas atividades criadoras, ou seja, do tornar-se humano, criando nele uma frustração e dependência dentro e fora do seu trabalho; o que, de fato, realiza os objetivos de consolidação da ordem econômica vigente.

Com efeito, as reais condições de vida e trabalho, nas quais estão inseridos todos os sujeitos na sociedade capitalista, denotam um contexto em que muitos sujeitos “padecem as vicissitudes da precarização do trabalho, dos quais milhões de trabalhadores têm seu cotidiano moldado pelo desemprego estrutural”<sup>53</sup>.

Esse aspecto é expresso pela realidade vivenciada por muitos trabalhadores na atualidade, quando são forçados a se dobrar às coordenadas sistêmicas, que leva a estes trabalhadores a se submeterem às precárias e

---

<sup>52</sup> Aqui podemos nos referir às análises de Antunes, (2005) quando este situa que uma grande parcela dos trabalhadores da atualidade “perambulam pelo mundo, como *prometeus* modernos, à cata de algo para sobreviver”. No entender desse mesmo autor, o contexto no qual estão imersos muitos dos trabalhadores evidencia que estes “padecem as vicissitudes da precarização do trabalho, dos quais centenas têm seu cotidiano moldado pelo o desemprego estrutural”. Para saber mais ver: ANTUNES, (2005, p. 12-13).

<sup>53</sup> Para saber mais ver: ANTUNES, (2005, p. 13).

degradantes condições de realização de suas atividades laborais, vendendo de modo degradante sua força de trabalho, tornando-se reféns de um modelo de produção social cada vez mais excludente. Com efeito, essa dinâmica imanente do mercado mundial capitalista configura espaço no qual todos já foram trabalhadores produtivos, ao passo que hoje eles são trabalhadores descartáveis, subprodutos do sistema de mercadorias.

Com o continuum de globalização capitalista, os trabalhadores desempregados assumiram nova denominação, que não se limita à noção clássica de “exército industrial de reserva”. Como assevera Žižek (2012a, p. 11-15), estes compõem o grupo dos denominados “inempregáveis”.

Portanto, o autor considera ser necessário ampliar a compreensão do termo desempregados para que se possa, assim, absorver em sua denominação as “populações maciças ao redor do mundo inteiro, que foram por assim dizer desligadas da história”. Percebemos, em termos conceituais, a necessidade dessa ampliação do termo para que ele possa abranger toda uma massa de desvalidos que foram esquecidos e/ou rejeitados como casos perdidos ou terminais em todo o mundo nos projetos de modernização capitalista.

Essa recategorização do desemprego, para o autor, passa a abranger toda uma população que vive em cortiços e/ou países inteiros, subordinados, marginal e periféricamente, ao processo capitalista global, (como aqueles espaços vazios dos mapas antigos), e isto inclui até mesmo o “lumpemproletariado”<sup>54</sup>. Essa nova reconfiguração abrange desde as denominações - os trabalhadores, o exército de reserva dos temporariamente desempregados, os permanentemente inempregáveis e os anteriormente empregados, mas agora inempregáveis, pois, para Žižek (2012a, p. 14), o quarto termo, inempregáveis, deveria ser ilegalmente empregáveis, pois aí estão as categorias dos que trabalham nas favelas, incluindo também distintas formas de escravidão, de trabalhadores excluídos, mas que precariamente são reincluídos no mercado mundial.

Sendo assim, adverte esse mesmo autor, o não trabalho é uma qualidade positiva que sustenta o próprio sistema como tal, pois o que se revela é que o sistema, além de necessitar de trabalhadores, ele produz um excedente, ou seja, um ‘exército de reservas’ garantido pela circulação do não trabalho, o que permite a

---

<sup>54</sup> Termo utilizado por Marx (2009) no livro *Ideologia Alemã* para designar uma parcela da população que vive sob as condições de trabalho escravo.

Žižek (2012b) caracterizar esse “novo” desemprego estrutural como forma de exploração, uma vez que somente no capitalismo a exploração aparece de forma naturalizada.

Outra observação pertinente a ser destacada é a necessidade de se repensar o conceito de exploração, com suporte numa leitura dialética. Nesse sentido, nosso autor propõe uma reviravolta nesse conceito, incluindo assim a própria negação, uma vez que explorados não são apenas aqueles que produzem ou “criam” meios para a exploração, como os trabalhadores empregados que produzem a mais-valia apropriada pelo capital, mas também os que são condenados a não criar, ou seja, os desempregados e inempregáveis. Dessa forma, adverte Žižek (2012a, p. 16), explorados não são apenas aqueles trabalhadores que produzem mais-valia, mas todo aquele que é impedido de “cair no vórtice capitalista do trabalho assalariado explorado”.

Por isso, para mencionado autor, é preciso dar ênfase à exploração, e refletir de que forma a centralidade da exploração é manifesta hoje, pois, sem uma referência à economia, todas as lutas por uma mudança representam apenas reformas contingentes e atos de resistência que em nada servem para avançar na perspectiva da transformação social.

Com efeito, o autor, no entanto, reconhece as estratégias do modo de organização social hegemônico, uma vez que este sistema se utiliza das ideologias do tempo presente para obscurecer e/ou naturalizar as formas de opressão consolidadas como alternativa viável ao convívio social.

Em um modelo de sociedade que se proclama pós-ideológica, a negação do conceito de ideologia nos remete inevitavelmente à aceitação tácita de que estamos mais do que nunca capturados/imbuídos, enredados por ela. No contexto do capitalismo global, a naturalização ideológica atingiu um nível sem precedentes de aceitação, fato que nos permite concordar com Žižek (2012a, p. 71), quando este acentua que “são raros os que ousam até *sonhar* sonhos utópicos sobre alternativas possíveis”. Nesse sentido, reconhecemos que nunca foi tão urgente o pensamento de viés crítico comprometido com ideais revolucionários autênticos.

Ademais, a luta hoje por uma nova forma de sociabilidade, fora dos marcos do capitalismo, ainda prima com aquelas lutas de ontem - pela certeza e possibilidade de um mundo mais igualitário e justo, ou seja, sob este aspecto, não

houve mudanças significativas. Não devemos abandonar o ideal que se opõe tanto às formas de desumanização quanto à degradação da vida, formas estas que produzem todo tipo de injustiças atreladas ao discurso do grande mestre capital. Por essa razão, torna-se oportuno discorrer no capítulo seguinte sobre os movimentos sociais e políticos que ocorrem na atualidade e que marcam a realidade social, apontando para mudanças revolucionárias.

## **4 SOCIEDADE DO TEMPO PRESENTE: CONSTELAÇÃO IDEOLÓGICA ‘SEM MUNDO’?**

Nesse capítulo nos debruçamos sobre os movimentos de resistência que configuram um novo quadro de luta, bem como a respeito da condição histórica dos “sujeitos agentes” (ŽIŽEK, 2003, p. 180), em tempos que podem ser considerados como um período singular na história e que servem para marcar a reconquista do espaço público, um período caracterizado por situações de esfacelamento, fragmentação e desordem em meio às possíveis condições de emancipação. Tomamos de Badiou (apud Žižek, 2012b, p. 59) a conceituação elaborada por ele, quando considera a sociedade em que vivemos um espaço social experimentado como “sem mundo”. Tal referência remete ao tempo presente, como um tempo em que a humanidade vivencia um quadro socioeconômico e político conflitivo e marginalizador para vastas parcelas populacionais, conduzindo a estes setores sociais a manifestações de indignações que envolvem atos de violência.

Cotidianamente, assistimos ao despertar de conflitos diversos que se espalham pelo mundo inteiro, caracterizando o alvorecer do século XXI como um período de grande efervescência social. Tais atos são analisados por Žižek (2012a), como desprovidos de sentido e incapazes de promover o estabelecimento de uma nova forma de sociabilidade.

Nos limites deste escrito, não é intenção do estudo investigar de maneira mais detida os movimentos que ocorreram recentemente no mundo, por estes não estarem contemplados como nuclear dessa investigação. Importa destacar o fato de que a atenção aqui dispensada decorre da importância que estes eventos assumem na dinâmica contraditória do real, uma vez que tais acontecimentos tangenciam o debate em foco, e pelo fato de receberem atenção privilegiada de Žižek, mais recentemente<sup>55</sup>.

### **4.1. Revolta sem revolução: sinais de futuro?**

O irromper desse século se ergue em meio à eclosão de muitos levantes populares, expressos em momentos singulares que negam as teses dos

---

<sup>55</sup> Discussão constante nas obras: “Em Defesa das Causas Perdidas” (2011); “O Ano em que Sonhamos Perigosamente” (2012a); “Occupy: o violento silêncio de um novo começo”. (2012); “Problemas no Paraíso” (2013); “Um mapa da Ideologia” (1999); “Vivendo no Fim dos Tempos” (2012b).

determinismos históricos<sup>56</sup>: sinais de futuro? Por certo, essa não é uma questão fácil de ser respondida.

Na esteira de Badiou, Žižek (2012a, p. 59) caracteriza a sociedade do atual momento histórico como uma “constelação ideológica sem mundo”, por entender essa sociedade como um espaço no qual os sujeitos estão privados de um mapeamento cognitivo significativo da real situação em que se encontram.

Nas últimas décadas de nossa história, fomos surpreendidos por acontecimentos inusitados, a exemplo dos casos de protestos, manifestações, dentre outras situações de instabilidade social que se agravam pelo mundo inteiro, consolidando um quadro de aparente caos. Para Žižek (2012a), vivemos ‘tempos interessantes’! Tempos em que todos os acontecimentos do presente merecem ser analisados minuciosamente. Momentos caracterizados por períodos de grande agitação, guerras e lutas pelo poder, nos quais muitos inocentes acabam sofrendo as consequências desses atos. Os eventos ocorridos são de ordens diversas: políticos, econômicos, sociais dentre outros. Assim, ancorada nas apreensões de Žižek (2012a), compreendemos ser preciso detectar as especificidades de cada movimento, em meio à totalidade das situações que configuram o que o autor considera como um cenário apocalíptico.

Aproximando alguns dos muitos episódios<sup>57</sup> acontecidos na contextura mundial, mais recentemente, destacamos a Primavera Árabe, o movimento Occupy, as revoltas dos “indignados” no Reino Unido e ainda os movimentos conhecidos como Manifestações de Junho, ocorridas no Brasil<sup>58</sup>.

No que diz respeito aos protestos ocorridos no Reino Unido em agosto de 2011, Žižek (2012a) considera que eles se dirigiram contra a lógica brutal do sistema, sendo considerados, portanto, como um carnaval consumista da destruição, ou mesmo, revolta dos excluídos do consumo no País. Com relação aos

---

<sup>56</sup> Doutrina filosófica que implica a negação do livre-arbítrio e segundo qual tudo, no universo inclusive a vontade humana está submetida à necessidade. O termo determinismo envolve uma teoria segundo a qual tudo está determinado, isto é, submetido a condições necessárias e suficientes, elas próprias também determinadas. O Princípio do determinismo universal é aquele segundo o qual todos os fenômenos naturais estão ligados uns aos outros por relações invariáveis ou leis. Para saber mais ver: HILTON; MARCONDES, (2006, p. 71).

<sup>57</sup> A Primavera Árabe, que derrubou governos totalitários na Tunísia, Turquia e no Egito; Movimento 12 de Março ou Geração à Rasca, em Portugal; Movimento 15 de Março ou Movimento dos Indignados da Puerta del Sol, na Espanha; o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos.

<sup>58</sup> No Brasil as manifestações que invadiram as ruas de 4380 cidades brasileiras com 2,5 milhões de pessoas em marcha por ruas e avenidas de todo o País, ficaram conhecidas por despertarem “o gigante adormecido”. MESQUITA, (2013).

protestos no Egito, uma característica marcante destacadas nesse movimento é que ele, inicialmente, pode ser comparado a uma revolta da burguesia assalariada, mas, posteriormente, essa rebelião se transformou em um protesto contra o regime opressor no País. Já no caso da Grécia, o autor considera ser este um evento particular que pode ser interpretado como uma reação da “burguesia assalariada” contra o processo de proletarização e a perda de privilégios no País.

No caso do Brasil, as manifestações e protestos de massa conhecidos como "Jornadas de Junho", ocorridas no ano de 2013, são fruto diretamente dos antagonismos de classe da ordem do capital, em sua fase de crise estrutural, que no entender de Žižek (2012b) se aproxima de um ponto zero apocalíptico.

Narrativas como as de Azevedo (2013, p. 20-21) expressam a dimensão tomada por esses movimentos.

[...] as manifestações em todo o Brasil, que tiveram seu auge no mês de junho, mas que prosseguem em vários estados, resultaram em mais de duas mil pessoas detidas em todo o País, sendo 700 somente no Rio de Janeiro; oito cegos por balas de borracha e estilhaços de bomba [...]. A ação policial também causou vítimas fatais [...] até o dia 12 de outubro [2013], seis pessoas morreram durante os protestos; outros 12 moradores do Complexo da Maré (RJ) foram assassinados pela Polícia Militar [...]. Ainda em junho, entre três protestos — do dia 13 a 20 —, foram lançadas quatro mil bombas contra manifestantes na capital carioca — metade delas com prazo de validade vencido. O governo do Rio chegou a adquirir nos dias subsequentes, em regime de urgência, um lote de dois mil artefatos [...] que têm uma concentração de lacrimogêneo (CS) de 20%, o dobro do permitido na legislação brasileira e ao custo de R\$ 1,6 milhão, ou R\$ 800,00 cada. O auge da truculência no Rio foi no dia 15 de outubro [2013], em uma passeata que contou com cerca de 50 mil participantes nas ruas do centro em apoio aos professores estaduais e municipais, que completavam quase 70 dias de greve. A maioria dos presos naquele dia estava sentada na escadaria da Cinelândia. O saldo foi de 200 detidos. Em São Paulo, também no dia 15 de outubro [2013], 70 pessoas foram detidas. Também chamou a atenção na reação do Estado no mês de outubro o uso da Lei de Segurança Nacional, sancionada em 1983, durante a ditadura militar, por um delegado de São Paulo para acusar um casal que estava nas manifestações do dia 7 [de outubro de 2013], e da nova Lei Orgânica Criminosa (Lei nº 12.850, de 2 de agosto de 2013) criada para combater milícias e organizações transnacionais, mas que também serve para tipificar os jovens cariocas selecionados pela polícia nas mídias eletrônicas.

Para o autor, essas manifestações massivas têm motivação comum, pois elas têm vinculação com a totalidade do capitalismo senil e suas contradições

estruturantes, ainda que denotem caráter difuso em suas motivações iniciais. “Assim, os movimentos sociais têm um conjunto de causas estruturais e motivos individuais para se erguer contra uma ou várias dimensões da dominação social”<sup>59</sup>.

Com relação aos protestos anteriormente mencionados, é preciso ter clareza das estratégias utilizadas pela ideologia dominante, quando, por exemplo, se verifica que a *mídia* tenta encobrir a verdadeira dimensão dos fatos, e assim neutralizar possíveis desdobramentos que possam culminar em levantes orientados por uma perspectiva emancipatória.

Žižek (2013, p. 185) reporta-se à interpretação que envolve os protestos:

[...] a luta pela interpretação dos protestos não é apenas ‘epistemológica’; a luta dos jornalistas e teóricos sobre o verdadeiro teor dos protestos é também uma luta “ontológica”, que diz respeito à coisa em si, que ocorre no centro dos próprios protestos. Há uma batalha acontecendo dentro dos protestos sobre o que eles próprios representam: é apenas uma luta contra a administração de uma cidade corrupta? Contra o regime islâmico autoritário? Contra a privatização dos espaços públicos? O desfecho dessa situação está em aberto, e será resultado do processo político atualmente em curso.

O autor considera, todavia, que a dimensão assumida por esses fatos, em decorrência dos muitos eventos, nos permite “sonhar” em direções opostas: na possibilidade de emancipação, expressa sob a forma de manifestações indignadas contra a ordem hegemônica, espalhadas no mundo; e por sonhos “destrutivos e obscuros”, que alicerçam as “loucuras ideológicas” dos muitos agentes da sociedade civil (ŽIŽEK, 2012a, p. 09).

A discussão eclodiu tanto na mídia em geral quanto nos meios acadêmicos, que buscaram, em certos momentos, esclarecer e entender, no atual curso da história, um momento no qual o processo de mobilização alcança um elevado nível de abrangência.

Žižek (2012e, p. 22), com apelo numa abordagem mais geral, trata a questão em uma visão que lhe confere afirmar que:

Não faltam anticapitalistas hoje, estamos até mesmo testemunhando uma abundância de críticas aos horrores do capitalismo: livros, investigações jornalísticas aprofundadas e reportagens de TV

---

<sup>59</sup> Para uma leitura mais aprofundada sobre os movimentos, ver: CASTELLS, (2013, p. 17).



repletas de empresas que poluem cruelmente nosso meio ambiente, de banqueiros corruptos que continuam a receber recompensas gordas enquanto seus bancos têm de ser salvos com dinheiro público, de fábricas clandestinas nas quais as crianças fazem hora extra etc., etc. Existe, entretanto uma armadilha para toda essa abundância de críticas: uma regra não questionada delas, tão cruel quanto possa parecer, é a moldura liberal democrática da luta contra esses excessos. O objetivo (explícito ou implícito) é democratizar o capitalismo, estender o controle democrático para a economia por meio da pressão da mídia, inquéritos parlamentares, leis mais severas, investigações policiais honestas, etc., etc. Porém, jamais questionar a moldura institucional democrática do Estado de direito (burguês). Isso continua sendo a vaca sagrada na qual mesmo as formas mais radicais desse "anticapitalismo ético" (o Fórum do Porto Alegre, o movimento de *Seattle*) não se atrevem a tocar.

Notamos, todavia, que esses movimentos não estão orientados na perspectiva da emancipação humana, ou seja, por um horizonte de ruptura radical com o sistema vigente. Eles apenas denunciam o crescente descontentamento e a indignação popular, mas não questionam a forma de organização social orquestrada pelos mentores do capitalismo. Apesar de conter uma insatisfação e ter em si um potencial emancipatório, é fato que esses protestos no Brasil, e suas reivindicações, não chegam a superar a pauta democrático-liberal burguesa.

É conveniente assinalar, todavia, que conseguiram incomodar e abalar algumas esferas de poder hegemônico, sem, contudo, romper com as profundas raízes da estrutura real do capitalismo global. Há de considerar inclusive as repercussões junto à mídia, rendendo repressões, notadamente de grupos mais conservadores, que não deixaram de envidar esforços para obter a criminalização<sup>60</sup> dos atos e dos sujeitos, e/ou apostando na desmobilização da força dos protestos que invadiram as ruas, na tentativa de obscurecer seu potencial revolucionário, de caráter ingênuo, contingente e/ou focalizado; ou seja, no entender de Žižek (2012e, p.18) a ideologia hegemônica tentou “transformar os protestos em um gesto moralista inofensivo”.

Cumprir levar em conta que esses fenômenos considerados por Žižek (2012e) como revoltas populistas - que surgem como reação aos antagonismos sociais - não devem ser totalmente desconsiderados, pois, são responsáveis por produzirem um vazio no campo da ideologia hegemônica. Assim, será necessário

---

<sup>60</sup> Para Chauí (2013), os meios de comunicação trataram as manifestações indo do movimento da condenação inicial e celebração final, com a criminalização dos vândalos.

tempo para preencher de maneira significativa esse vazio, pois eles encarnam um potencial detonador, um embrião que aponta para o novo.

É preciso, no entanto, ter cautela, pois no círculo vicioso de produção e reprodução do capital, que se aperfeiçoa e segue seu percurso sem se preocupar com os aspectos humanos ou ambientais, esse apontar para o novo pode funcionar como uma mera fantasia espectral. Este eclodir de protestos e reivindicações promovido por atos de resistência, além de não deflagrar uma transformação global, pode acabar se transformando em mais uma “tragédia grega do novo milênio” alerta Žižek (2012a, p. 104). Nas apreensões do autor, a emergência desses conflitos reflete uma crise social profunda expressa como sintomas da sociedade de consumo.

Cumprido destacar o fato de que, a luta encetada no interior da sociedade capitalista, denuncia claramente que os sujeitos já compreendem o capitalismo como um problema. Devemos estar cientes, no entanto, de que as lutas anticapitalistas, em termos de movimentos do consumidor, sozinhas, não serão suficientes. Na visão de Žižek (2012e), as posições de rupturas, ou mesmo os ‘lugares de resistência’, sozinhos, podem se configurar apenas em iniciativas que circulam dentro do próprio sistema, provocações (anticapitalistas), que servem somente para denunciar os horrores gerados pelos excessos do capitalismo.

Citando Žižek (2006, p. 184):

Precisamos fazer mais do que organizar uma multidão de foco de resistência ao capitalismo. Há uma necessidade básica de traduzirmos essa resistência num projeto mais global – caso contrário, estaremos criando instâncias reguladoras que controlarão apenas os piores excessos do capitalismo.

Segundo Žižek (2013, p. 28), tais experiências, sendo constituídos nos limites internos do sistema capitalista, operam para a legitimação e conformação dos modos já existentes de operação da realidade, uma vez que não possuem o poder de desmistificar a lógica do poder da ordem hegemônica na atual conjuntura, quanto não conseguem desenvolver de modo consequente a luta contra essa mesma ordem. São, portanto, meras transgressões, no sentido em que “o Mestre é o ingrediente constitutivo da própria ordem simbólica, por isso, as tentativas de superar a dominação só geram novas figuras do Mestre”.

No entender da Psicanálise, os protestos representam de fato “atos históricos, que provocam o mestre, solapam sua autoridade” (ŽIŽEK, 2012a, p. 89), mas permanecem manifestações vazias que nada exigem e que não possuem nenhuma força radical que possa levar a substituição da ordem capitalista vigente. Por isso, continuarão funcionando como mais uma forma de clamor a um novo/mesmo mestre.

Ademais, Žižek (2012a) considera imprescindível evidenciar que esses conflitos não podem ser descritos como uma luta de classe<sup>61</sup>, pois eles não ocorreram entre classes sociais distintas, mas entre sujeitos que se encontram frequentemente na mesma posição social. Portanto, no apreender de Žižek (2012a, p. 65), gera-se um quadro de violência, além da violência dos excessos do capitalismo, fazendo emergir uma nova faceta, que ocorre entre os dois pólos de camadas sociais dominadas:

[...] aqueles que têm êxito atuando dentro do sistema contra aqueles que são frustrados demais para continuar a fazer isso e só são capazes de atacar o outro polo da mesma comunidade. O conflito que sustenta os motins, portanto, não é simplesmente um conflito entre divisões da sociedade em sua forma mais radical, ele é o *conflito entre a não sociedade e a sociedade*, entre os que, não têm nada a perder e os que têm tudo a perder, entre os que não correm risco nenhum na comunidade e os que correm os maiores riscos.

A propósito, uma observação pertinente deve ser feita, conforme destaca Žižek (2012a, p. 61): o aumento da violência e dos muitos atos de protesto insurgidos e espalhados no mundo, não pode ser justificado apenas pela baixa condição social dos manifestantes. Isso nos conduz a questões bem mais complexas, pois o que vemos despertar como consequência das contradições

---

<sup>61</sup> Žižek (2012a, p. 39) considera que, no campo do marxismo, a luta de classe como um dos elementos antagônicos e estruturantes que sobredeterminam todos os outros e, como tal, configura-se, portanto, como o “universal concreto” de todos os outros campos sociais. No entender de Žižek, esse elemento funciona, na realidade, como “princípio estruturador que nos permite explicar a própria pluralidade ‘inconsistente’ dos modos como os outros antagonismos podem ser articulados em uma cadeia de equivalência”. Ao analisarmos como são articuladas, por exemplo, as lutas feministas, as lutas contra o racismo com outras lutas que configuram o cenário social, percebemos que a forma destas se relacionarem com seus antagonismos acabam definindo, ou mesmo, sobredeterminando o modo destas se relacionarem com as outras lutas. Tal inculcação nos remete à análise do modo como o antagonismo de classe pode ser entendido como um elemento dúbio que, se por um lado, funciona como uma constelação específica da própria luta de classe, por outro pode se configurar, ao mesmo tempo, como uma ferramenta ideológica. O exemplo disso são as lutas feministas que tanto podem ser articuladas em uma cadeia de luta aos ideais de emancipação, quanto podem funcionar para alimentar o interesse da classe média alta em afirmar sua superioridade sobre as classes mais baixas.

candentes do desenvolvimento do sistema capitalista é uma crise que abrange instituições como: família e escola, Estado, instâncias criadas para dar funcionalidade a esse mesmo sistema.

Cumprе salientar que o problema não é a violência em si gerada pelos protestos, mas o fato de esta não ser assertiva e configurar um espetáculo encenado por atores sociais desprovidos de toda a sorte material e espiritual, o que Nietzsche, denominou de “ação reativa, não ativa”. O perigo é que ela se torne uma fúria impotente e desespero disfarçado de força; inveja mascarada de carnaval triunfante, não se enquadrando no rol dos ataques que possam prejudicar de fato nosso estilo de vida (ŽIŽEK, 2012a).

Por isso, Žižek (2012a) reconhece ser impossível identificar nessas revoltas a expressão da emergência de um “sujeito revolucionário em desenvolvimento, nos termos marxistas”<sup>62</sup>, uma vez que, no entender de referido autor, elas se enquadram muito mais em um tipo de “violência destrutiva”, que Hegel denominou de ‘populacho’. Hegel (apud Žižek, 2012a) se utilizou dessa expressão para se referir àquelas pessoas ou grupo, que, por estarem fora do espaço social organizado, expressam suas vontades e/ou seus desejos por meio de uma violência destrutiva, ou seja, de forma violenta e irracional.

No entender de Žižek (2012e, p. 17),

[...] os manifestantes são violentos porque querem dar um basta no modo como as coisas são feitas – mas o que é essa violência quando comparada àquela necessária para sustentar o suave funcionamento do sistema capitalista global.

A verdade é que a linguagem utilizada pelos manifestantes pode ser considerada violenta (carros incendiados, ocupações etc.), mas essa violência gerada não significa nada, quando comparada àquela destinada à manutenção do sistema capitalista global. De fato, os atos anteriormente citados refletem a insatisfação dos milhares de pessoas que, estando fora do espaço de organização social, brigam para participar ativamente dos lucros produzidos pelo capitalismo e, portanto, expressam sua indignação por meio de uma violência desprovida de sentido. (ŽIŽEK, 2012a)

---

<sup>62</sup> Para Marx (2009), a figura do proletariado é o que se torna capaz de encarnar o papel de sujeito revolucionário da história da humanidade. Para uma leitura mais aprofundada, ver: MARX; ENGELS, (2009).

Nesses termos, Žižek (2012a), ao tomar como exemplo específico as revoltas ocorridas no Reino Unido, que emergem como um tipo de violência destrutiva sob a forma de explosões irracionais, associa essas situações ao conceito marcuseano da ‘dessublimação repressiva’<sup>63</sup>, forma esta denominada por G. W. F. Hegel como “negatividade abstrata”, ou seja, um estágio no qual as “pulsões humanas, poderiam ser dessublimadas, destituídas de sua cobertura civilizada e ainda assim, manter seu caráter repressivo”. (apud ŽIŽEK, 2012a, p. 60). Em outros termos, estas explosões irracionais aparecem como um estágio no qual os sujeitos se despem de sua capa civilizatória (racionalidade) e exibem a autêntica fúria de seu lado inumano, demonstrando suas insatisfações mediante a prática de atos violentos e irracionais<sup>64</sup>.

No entender de Žižek (2012a, p. 60), são homens reproduzindo comportamentos que se assemelham aos de “feras naturais”, ou seja, um tipo de conduta própria desse momento histórico específico que estamos vivendo, produzida pela própria ideologia hegemônica. Estas condutas, segundo Žižek (2012a, p. 60) são associáveis ao que ele denominou de “nível zero do sujeito capitalista” que se encontra dominado pelo poder do capital. Žižek (2012a, p. 84), em sua leitura lacaniana, observa que,

Na medida em que o protesto permanece no nível de uma provocação histórica ao mestre, sem programa positivo para que a nova ordem substitua a antiga, ele funciona de fato como um pedido (recusado, é claro) por um novo mestre.

As análises de Žižek (2012a) apontam que esses eventos, por não possuírem um programa político a ser seguido, demonstram meramente um descontentamento da sociedade com o sistema capitalista global, mas sem uma proposta de mudança qualitativa. Para mencionado autor, é precisamente nesse ponto que se encontra a atonia dos movimentos, o fato de não possuírem alternativa expressa de mudança. Isto equivale, no entender do autor, a ecos de uma “revolta

---

<sup>63</sup> O conceito de ‘dessublimação repressiva’ foi apresentado por Marcuse em 1960 para explicar a ‘revolução sexual’, pois, para o autor, as pulsões humanas podem ser destituídas de sua cobertura civilizada, mas, mesmo assim, podem manter seu caráter repressivo.

<sup>64</sup> No contexto societário recente, é possível perceber que muitos sujeitos apresentam atitudes que parecem ir de encontro ao processo de humanização historicamente construído desde a instituição do racionalismo moderno. Um exemplo disso pode ser verificado nos constantes saques, depredações e assaltos às lojas, bem como nos carros incendiados em decorrência desses protestos ocorridos pelo mundo todo.

sem revolução”. Essa “revolta sem revolução” apreendida por Žižek (ŽIŽEK, 2012a, p. 83) pode ser identificada nas reivindicações que ecoam anseios por “direito a moradia, emprego, cultura, saúde, educação [...]”, dentre outras bandeiras de lutas legítimas e válidas, em tempo de acirramento dos antagonismos sociais, mas que não tem como horizonte a superação da ordem vigente.

No entender do autor, a “ilusão democrática, a aceitação dos mecanismos democráticos” (2012a, p. 92), dentre outras estratégias de manipulação se configuram atualmente em um dos mecanismos de sustentação que visam a impedir qualquer possibilidade de uma mudança radical. Isto que evidencia a dificuldade encontrada nos movimentos para a formulação de uma proposta alternativa de mudança. Em afinidade com Žižek (2012a, p. 92), podemos destacar que a dificuldade de estabelecer um programa concreto tem causas complexas, que podem ser descritas, levando em conta dois pontos basilares:

Primeiro, as consequências sociais destrutivas do sistema capitalista global: centenas de bilhões foram perdidos em especulações financeiras sem controle etc. Segundo, a globalização econômica está pouco a pouco, porém inexoravelmente, solapando a legitimidade das democracias ocidentais. Por causa de seu caráter internacional, processos econômicos não podem ser controlados pelos mecanismos democráticos, que por definição, limitam-se aos Estados-nação. Dessa maneira, as pessoas entendem cada vez mais as formas democráticas institucionais como incapazes de apreenderem seus interesses vitais. Por baixo, da profusão de declarações (muitas vezes confusas), o movimento Occupy Wall Street implica duas ideias básicas: (1) o descontentamento com o capitalismo *enquanto sistema* (o problema é o sistema como tal, não sua corrupção particular); (2) a percepção de que a forma institucionalizada da democracia representativa multipartidária não é suficiente para combater os excessos capitalistas, isto é, a democracia precisa ser reinventada. Isso nos coloca no cerne dos protestos de Wall Street: como expandir a democracia para além de sua forma política multipartidária, que é obviamente impotente quando confrontada com as consequências destrutivas da vida econômica? Existe um nome para a democracia reinventada além do sistema representativo multipartidário? Sim, *ditadura do proletariado*.

É válido garantir, portanto, que os conflitos em diversas partes do mundo podem somente traduzir as insatisfações dos “ditos indignados”, por não usufruírem plenamente os benefícios dos bens produzidos socialmente. Por outro lado, é certo que, em uma sociedade pautada pela lógica do consumo, estes eventos também guardam em si um caráter de protesto dirigido à ideologia que, por um lado, nos incita a consumir vorazmente, e, por outro, nos priva incondicionalmente da possibilidade

da participação desse banquete. De certo modo, no entender de Žižek (2012a), eles representam a verdade da 'sociedade pós-ideológica', ao exibirem de forma concreta a força material da ideologia.

Na medida em que os "sujeitos agentes" do tempo presente aspiram, como ditos sujeitos revolucionários, apenas à substituição de um governo por outro, esses movimentos são somente um movimento da sociedade civil, pressionando os atuais partidos políticos à realização de seus apelos por melhores condições de vida e trabalho, não constituindo assim uma revolução propriamente dita na acepção mais radical do termo.

Ao que parece, os sujeitos estão reclamando a possibilidade de participação plena nesse espaço social que, por sua natureza já, é excludente; um espaço que se retroalimenta das desigualdades sociais produzidas em seu cerne.

Dessa forma, assinalamos que por intermédio do conceito de "dessublimação repressiva", é possível apreender a dinâmica que se estabelece na forma social de hoje, quando, por um lado, favorece certas possibilidades que podem ser descritas como "liberdade" e satisfação de falsas necessidades. Essa certa ampliação de possibilidades, entretanto, é utilizada como instrumento de poder e de dominação, apropriado pelo sistema, no intuito de manipular os sujeitos, suas consciências, seus desejos e necessidades.

Esses sujeitos-manifestantes são violentos? Os manifestantes são perdedores? São socialistas? Desrespeitadores da propriedade privada? Eles são comunistas? Ou os manifestantes são simplesmente sonhadores?

Desse modo, assevera Žižek (2012e, p. 17)

É verdade que **sua linguagem pode parecer violenta** (ocupação e tudo mais), mas eles são violentos na medida em que Mahatma Gandhi era violento. São violentos porque querem dar um basta no modo como as coisas são feitas – mas o que é essa violência quando comparada àquela necessária para sustentar o suave funcionamento do sistema capitalista global? [...] Eles **são chamados de perdedores** – mas não estariam os verdadeiros perdedores em Wall Street, e não teriam sido eles salvos por centenas de bilhões do nosso dinheiro? [...] Os manifestantes **são chamados de socialistas** – mas, nos Estados Unidos já existe socialismo para os ricos. [...] Eles **são acusados de não respeitar a propriedade privada** – mas, a especulação de Wall Street que levou à crise de 2008 acabou com mais propriedades privadas obtidas a duras penas do que se os manifestantes estivessem aqui as destruindo dia e noite – é só pensar nos milhares de casas desapropriadas. [...] Eles **não são comunistas**, se o comunismo

significar o sistema que entrou merecidamente em colapso em 1990 – e lembrem-se de que os comunistas que ainda detém o poder atualmente governam o mais implacável dos capitalismo (China). [...] O único sentido em que os manifestantes são comunistas é o de se preocuparem com os bens comuns – da natureza, do conhecimento – ameaçados pelo sistema. [...] Os manifestantes são descartados como sonhadores, mas, **os verdadeiros sonhadores são os que pensam que as coisas podem continuar indefinidamente como estão**, com apenas algumas mudanças cosméticas. Eles não são sonhadores, são o despertar de um sonho que está se transformando em pesadelo. Não estão destruindo nada, estão reagindo ao modo como o sistema gradualmente destrói a si próprio. (grifamos).

Devemos reconhecer e admitir, é certo, que nas intenções de análises mais profundas e críticas, pode-se ser acusado de incorrer em sérios riscos de *poetizar essas histórias*, de tornar ilustres sujeitos e narrativas, de enaltecer ou celebrar personagens e fatos. O que fica, todavia, em uma leitura apressada e/ou intencionalmente superficial, acrítica, ou ainda, levada pelo caráter imediato dos fatos, é que esses sujeitos foram acusados de serem vândalos, bárbaros e/ou terroristas.

Ante essa conjuntura, na atual fase, devemos ter cautela para que a energia dos movimentos não se traduza apenas em um conjunto de demandas concretas e imediatas. No entender de Žižek, os protestos insurgidos no mundo representam de fato a rejeição de uma massa de indignados perante as misérias do capital. Podemos considerar que, no mínimo, o que os manifestantes e seus protestos fizeram foi, pelo menos, “apenas lembrar os que estão no poder de olhar para baixo” (ŽIŽEK, 2012e, p. 18); um começo, e é preciso começar dessa maneira, com um “gesto formal de rejeição [...], pois somente um gesto desse tipo abre espaço para um novo conteúdo” (ŽIŽEK, 2012a, p. 88). O autor adverte, entretanto, para o cuidado que se deve ter para garantir que essas ações coletivas não se transfigurem em mais uma forma de manutenção e/ou de autoprodução do parasita gigante que é o capital.

Concordamos com o autor, quando este assevera que o capitalismo não é a única forma de organização social a ser pensada, mas que seria preciso sonhar com possibilidades e ou opções de mudanças, que só poderão ser constituídas pelos sujeitos ao encarnarem o verdadeiro potencial detonador de uma revolução, assentada na insatisfação pela certeza traumática de que não vivemos no melhor



mundo possível. Esse “[...] tabu já foi rompido, não vivemos no melhor mundo possível, temos a permissão e a obrigação até de pensar em alternativas”. (ŽIŽEK, 2012a, p. 82).

As análises de Žižek (2012b) sobre as formas habituais de reivindicações manifestadas, em algumas situações, sob a forma de “guerra ao terror”, luta pela “democracia e liberdade”, pelos “direitos humanos”, movimento dos negros, feministas, ecológicos, culturais, sexuais, dentre outras situações efetivadas no contexto societário recente, consideram que estas operam uma forma de luta fragmentada que não concretiza uma mudança significativa no modo de organização da vida em sociedade. Tais situações conflituosas podem até tentar desestabilizar a ordem perversa do capital, fazendo estremecer seus pilares de sustentação, não sendo, no entanto, impactantes o suficiente para romper com a ordem social vigente.

Corroboramos Žižek (2012a), quando este, em uma perspectiva de crítica a esses movimentos, reconhece haver uma fragmentação na luta dos menos favorecidos socialmente nesses casos citados. Reconhecemos, todavia, que isso não significa dizer que essas lutas devam ser desconsideradas. Ao contrário, estas lutas evidenciam que uma multiplicidade de lutas foi criada, ou até mesmo ampliada no seio do capitalismo global, mas que esses movimentos mascararam a percepção da real situação vivenciada, encobrendo, portanto, a verdadeira luta contra a ordem capitalista.

#### **4.1.1 Sujeito Suposto Saber: sintoma da sociedade do tempo presente?**

Nesta seção do estudo, damos especial atenção às possibilidades postas ou latentes, à emergência de um “sujeito agente” da transformação social, um sujeito prenhe de consequências políticas, apto para guiar as práxis sociais na contemporaneidade, ou seja, sobre as possibilidades concretas que viabilizem um despertar revolucionário. Como pensar o despertar de posições que possam romper com um sistema globalizado capaz de se adaptar a todas as culturas? Torna-se, portanto, oportuno a este debate indagarmos sobre as condições sociais nas quais se viabilize o aflorar de uma tomada de consciência.

No entender de Žižek (2012b), experimentamos um momento histórico no qual a falência dos Estados comunistas aniquilou o sonho de uma efetiva mudança

social, nos termos de uma virada revolucionária que pudesse transformar o modo de vida em sociedade, para conduzi-la por outra via que não a imposta pelo modelo vigente. Assim, sob este viés de análise, parece lugar comum, em nosso enredo societário, a ideia de que uma aniquilação radical do capitalismo seria algo impossível de ser efetivado, fazendo parecer que a realidade do sistema capitalista e todas as suas impossibilidades seriam a forma única de constelação social possível.

De acordo com Žižek (2011, p. 13) atualmente, a ideologia dominante

[...] pretende nos fazer aceitar a ‘impossibilidade’ da mudança radical, da abolição do capitalismo, da democracia, não restrita ao jogo parlamentar etc., para tornar invisível o impossível/real do antagonismo que transcende as sociedades capitalistas. Esse real é impossível no sentido de que é o impossível da ordem social existente, ou seja, seu antagonismo constitutivo – que, entretanto, de modo algum implica que não se possa tratar diretamente com esse real/impossível e transformá-lo radicalmente em um ato ‘maluco’ **[corajoso]**, que muda as coordenadas ‘transcendentais’ básicas de um campo social. (grifamos)

Em relação a inculcação dessa impossibilidade de mudança e da superação das formas de opressão do capital, aqui, postas em Žižek, recorreremos a Lacan e sua fórmula de superação de uma impossibilidade ideológica. Em Lacan (apud ŽIŽEK, 2012a, p. 13), esta não se traduz com suporte na expressão “tudo é possível”, mas no entendimento de que “o impossível acontece”.

Como assinala Žižek, o real do impossível lacaniano não corresponde a uma “limitação a priori”, ou seja, não configura limitação posta do modo realista de sua efetivação, mas deve ser compreendido no domínio de atitudes, de mediações que teriam condições de transformar suas coordenadas. No entender de Žižek (2012a, p. 94), nos recentes eventos, os manifestantes se transformaram em um “mito do partido que afirma agir em seu benefício” e não situados como possibilidade de serem os agentes da transformação.

Em uma visão lacaniana, a promoção dessas ações pode ser associada a um tipo de atitude que seja capaz de promover uma “intervenção no domínio do possível [...]”; no entender de Žižek (2011b, p. 13), “o ato [político] muda as próprias coordenadas do que é possível e, portanto, cria retroativamente suas próprias condições de possibilidades”.

Pelo viés psicanalítico, Žižek (2012a, p. 94) faz referência à expressão “sujeito suposto saber”<sup>65</sup>, utilizado por Lacan na clínica para designar o deslocamento do conhecimento do sujeito para outrem; outro que pode, inclusive, “acreditar” e “saber” por mim. Em linhas gerais, quando se transfere a possibilidade desse conhecimento, o lugar do sujeito que conhece, para Outro/Sujeito, se deposita nesse Outro a crença do lugar do conhecimento, e se atribui a este um “suposto saber” *a priori*. (ŽIŽEK, 2010).

A análise de Žižek, sobre as manifestações que surpreenderam o mundo mais recentemente, elaboradas com amparo no viés psicanalítico, faz referência aos sujeitos/manifestantes e aos intelectuais, caracterizando-os em dois grupos distintos. Para Žižek (2012a, p. 93), os manifestantes, por meio de suas demandas ao momento vivenciado, são uma espécie de sujeito que poderia assumir um “papel da vanguarda” - um agente desse processo que poderia conduzir a humanidade em seu percurso rumo à efetivação de outra ordem diferente da em que vivemos atualmente. Nas atuais circunstâncias, no entanto, elas, parecem desconhecer essa possibilidade.

Nesta situação, cabe a esta análise destacar ainda o papel dos intelectuais que, por seu turno, são aqueles que teriam condições (saber) de formular perguntas certas, ou mesmo pensar possíveis saídas para uma sociedade desencarrilhada e adoecida, preche de sujeitos desorientados. Os intelectuais<sup>66</sup>, mesmo tendo o saber para formular as perguntas que poderiam fazer frente ao atual momento histórico, não podem ocupar a posição de “sujeito suposto saber” (ŽIŽEK, 2012a, p. 93), pois não tem, efetivamente, condições de operacionalizar<sup>67</sup> as demandas dos sujeitos, traduzindo-as em medidas realistas de transformação social (pelas próprias determinações objetivas do sistema); por outro lado, o povo, como se

---

<sup>65</sup> Pelo viés estritamente psicanalítico, a expressão “sujeito suposto saber” diz respeito a uma ilusão criada pelo processo de transferência. (ŽIŽEK, 2011, p. 37)

<sup>66</sup> A problemática que envolve o saber dos intelectuais tem especial atenção em Gramsci, quando o autor afirma que todos embora todos os homens sejam intelectuais, caso se considerem as características do pensamento e da reflexão sobre as coisas, nem todos desempenham os mesmos papéis sociais. Para saber mais, ler GRAMSCI, (1978).

<sup>67</sup> Isto pode ser percebido na mobilização da sociedade civil, que visa a ampliar a pressão contra a aprovação do PL 4330 e MP 664 e 665, no sentido de garantir direitos legais adquiridos no processo histórico. Esse projeto é parte integrante de uma lógica neoliberal de Estado mínimo, e que tem implicações e consequências imediatas, atingindo diretamente o serviço público, em específico as universidades, na criação do Fundo de Previdência Privada (FUNPRESP), na criação da Empresa Brasileiro de Serviços Hospitalares (EBSERH) bem como na possibilidade de criação de uma organização social (OS) para contratar docentes pelo regime de CLT, precarizando ainda mais as relações de trabalho no atual contexto social.

suporia ante as recentes formas coletivas de organização nas ruas, é que poderia encarnar o espírito dessa nova figura. Isso, porém, no quadro atualmente dado, também não lhe é possível, uma vez que sequer desconfia de que seus sintomas sociais são, na verdade, respostas de protesto à condição de proletarização, de miserabilidade e instabilidade que vivem.

Ao se referir aos manifestantes, como a expressão da “nova figura do sujeito suposto saber”, Žižek (2012a, 94) a toma para designar uma possível condição na qual, os “sujeitos agentes” do atual momento histórico pudessem figurar como verdadeiros protagonistas da transformação, quando no enfrentamento das situações de reação às mazelas sociais produzidas no tempo presente, no cerne desse sistema, em um momento de crise agravada.

Para referido autor, as questões que impulsionaram os manifestantes mais recentemente não devem ser tratadas meramente como “demandas sociais urgentes”, mas como sintomas, compreendidos aqui como respostas limitadas; possíveis soluções aos muitos problemas, ou ainda, “questões para as quais devem ser produzidas respostas claras ou programas sobre o que fazer”. (ŽIŽEK, 2012a, p. 95). Tal fenômeno pode ser assemelhado à situação da clínica psicanalítica, na qual o paciente reconhece nos seus sintomas as respostas para seus problemas, mesmo que não saiba, ao certo, a quais problemas eles respondem. Daí cabe ao analista a difícil tarefa de formular as “perguntas certas” para a solução desses problemas.

Desse modo, no entender de Žižek (2012a), as atuais demandas dos manifestantes, conforme situamos de modo mais detido na seção anterior, não constituem um programa efetivo de mudança, uma vez que carecem de uma reflexão crítica radical e de um direcionamento que transcenda a esfera de anseios particularizados de determinados segmentos sociais.

Assim, pode-se considerar que as demandas pelas quais os manifestantes fazem ecoar mais aspirações, por meio de seus atos, que são somente respostas-sintomas às questões para as quais ainda temos de formular as perguntas certas. Nesse caso, para Žižek (2012a, p. 94), contudo, é o próprio povo que de fato poderá assumir as feições da “nova figura do Sujeito Suposto Saber”, mas, por enquanto, ele acaba acometido por uma anestesiante dose de alienação.

Como assevera Žižek (2012e, p. 25),

As multidões têm as respostas para questões que ainda não foram levantadas e a capacidade de sobreviver aos muros. As questões ainda não foram feitas porque isso requer palavras e conceitos que soem verdadeiros, e aqueles usados atualmente para nomear os fenômenos se tornaram insignificantes: democracia, liberdade, produtividade etc. Com novos conceitos, as questões logo serão levantadas, pois a história envolve precisamente esse processo de questionamento. Logo? Em uma geração.

No entender de Žižek (2012a, p. 130), uma fenda se abriu em meio aos movimentos ocorridos no mundo, após o ano de 2011, no entanto, “a abertura, sozinha, leva a o niilismo decisionista que nos força a saltar no vazio. Ou seja, tomar cuidado para que a consciência nos sinais do futuro não sucumba ao planejamento determinista”. Por enquanto, estes sinais continuam sendo apenas uma “aposta existencial” (no sentido psicanalítico), “aberto a contingências imprevisíveis”.

Portanto, ler os sinais de futuro é uma forma de garantir que a abertura para o devir, deixada no rescaldo dos movimentos, não se torne apenas um espaço vazio, mesmo reconhecendo que a fenda aberta em meio aos movimentos, sozinha, não seja capaz de nos dirigir a uma transformação radical do sistema.

Seria, então, adequado dizermos que estaria Žižek (2012b) afirmando que, sem o posicionamento engajado, portanto, é impossível mudar o estado das coisas ou mesmo desencadear potenciais emancipatórios que possam romper a ordem estabelecida em direção à mudança.

No entender de Žižek (2012a), as indagações que emergem a esse debate, portanto, são de enorme urgência, na agenda das discussões contemporâneas, tanto na ordem das questões políticas quanto acadêmicas. E estas discussões se aliam a questões tais como: quem seria o agente desse processo revolucionário ante um modelo de sociedade capitalista que, ao gerar os próprios excessos, detona as possibilidades de um novo apocalipse? Haverá aqui uma oportunidade potencial de transformação em meio a essa (des)ordem social, gerada pelo sistema?

Nesta situação, configurada em um quadro de desordem mundial, no qual se pode apreender a existência de uma crise do “núcleo orgânico<sup>68</sup>” do capital, de grandes proporções, é possível perceber que a tarefa da perspectiva emancipatória radical no presente tempo histórico carece de um posicionamento subjetivo engajado dos sujeitos - o lugar/condição/estado que os situem na possibilidade de

---

<sup>68</sup> Para saber mais, ver ALVES: In HARVEY, (2012e, p. 31-38).

encanar o verdadeiro espírito absoluto do agente da transformação - figura mítica/lendária que guardaria esta possibilidade.

Acima de tudo, torna-se imprescindível refletir criticamente sobre qual forma de organização social e política poderá substituir à existente, pois a simples rejeição ao governo não é suficiente. Buscar a possibilidade de reconstrução do novo, a partir do velho, é um esforço para tentar compreender esse momento atual, por meio da perspectiva dialética do velho e do novo.

Assim, afirma Žižek (2011b), “nossa época não é para quem tem nervos fracos”, vamos, pois, “ter que nos arriscar no abismo do novo”, entendendo, todavia, que, em sua análise, nossa situação é diametralmente oposta à do século passado, pois, na ocasião, “sabíamos o que tínhamos e o queríamos fazer (estabelecer a ditadura do proletariado e etc), mas precisavamos esperar com paciência o momento certo em que a oportunidade se ofereceria”<sup>69</sup>. No agora, temos a percepção de que: “não sabemos o que fazer, mas temos de agir, porque as consequências de não agir podem ser catastróficas”. (ŽIŽEK, 2011b, p. 14).

No paradoxo do tempo presente emergem questões que reclamam análises mais aprofundadas e cautelosas, necessitando, assim, de uma atitude de crítica, questões relativas ao âmbito das pesquisas e avanços no campo das novas ciências biogenéticas e tecnológicas, da política, bem como das “cadeias de mediações”<sup>70</sup> que passam a se interpor no surgimento de novas formas de existência/atuação dos sujeitos em várias instâncias da vida social e também por meio de sua formação cultural.

Nesse sentido, torna-se necessária e urgente, portanto, uma reflexão crítica em torno do impacto da educação na constituição do sujeito histórico, em um contexto em que a ciência e a tecnologia predominam como instrumento de “saber poder” – como fundamentos de um paradigma globalizante – e que constituem expressões (materiais e ideológicas) das relações sociais tecidas no capitalismo atual e dominador.

---

<sup>69</sup> Obra “Primeiro como Tragédia Depois como Farsa”; tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011b, p. 13/14.

<sup>70</sup> Mészáros (2009), em sua obra, identifica a igualdade substancial, a política radical e a educação como “cadeias de mediação” que podem criar condições de possibilidades efetivas para uma mudança de contexto na perspectiva da emancipação humana.

## **5 ATO POLÍTICO E EDUCAÇÃO: ELEMENTOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO REVOLUCIONÁRIO?**

Neste capítulo, demandamos discorrer sobre as possibilidades efetivas de uma mudança na forma de organização social com ajuda de uma ação educativa que esteja de fato comprometida com um viés crítico, ou seja, um ato educativo em consonância com um ato político verdadeiramente revolucionário, aquele de fato comprometido com uma proposta de ruptura com os impedimentos da ordem vigente, tendo em vista uma transformação profunda e efetiva.

Em meio às investidas do capital nas várias instâncias da vida social, imensos desafios são postos à práxis coletiva, ante a crise instalada que exacerba as contradições sociais, resultando em um aprofundamento da barbaria, na expropriação dos trabalhadores e na miséria. Estas consequências nefastas são engendradas mediante um espírito de competição voraz pelos que controlam as coordenadas sistêmicas, não sem lançar mão de dispositivos de mistificação da realidade (ŽIŽEK, 2012a).

Em um mundo em constantes transformações, onde se percebe um deletério processo de fragmentação das lutas, dos movimentos sociais e trabalhistas, cresce a marginalização social, vivenciada, principalmente, pela classe trabalhadora. Esta análise aponta para o caráter nefasto das tendências de sectarização e do esfacelamento das lutas sociais e políticas que emergem da base da sociedade.

Percebemos que, nas últimas décadas, o desenvolvimento produtivo e a revolução informacional, contribuem significativamente para uma mudança na forma de administrar os processos de trabalho com exigências por maior especialização e domínio do aparato tecnológico, que, conseqüentemente, impõe novos parâmetros à formação profissional e intelectual dos sujeitos. Nesse sentido, tomamos o ato educativo sintonizado com o verdadeiro ato político, qualificadamente revolucionário, como um meio entre outros para romper com a lógica estruturante do sistema capitalista, ou seja, com seus “significantes mestres” atados ao “fetichismo da mercadoria” e à forma social do capital.

## 5.1 A formação dos “sujeitos agentes” em tempos de obscurantismo ideológico

As reflexões empreendidas neste estudo nos conduziram por um caminho que não poderia ser outro, senão o de pensar, ante as atuais circunstâncias históricas, as novas cadeias de mediação que interferem na constituição dos sujeitos da história, como possíveis agentes da transformação social.

É necessário, portanto, considerar as transformações que deram início a um conjunto de mudanças importantes, mediante as quais se viabilizou uma participação mais ativa de vários agentes sociais nos mais variados espaços da sociedade, contribuindo para favorecer e/ou ampliar determinadas conquistas sociais para um espectro social mais ampliado.

Em meio à “crise de sentido” (BASTIAN, 2009, p. 26), porém, que se estabelece em um mundo de indecisões no tempo presente, uma análise apressada das condições atuais de existência - envolvendo adoecimentos, depressões, desemprego, precariedade das condições materiais e subjetivas de existência do vasto contingente populacional - pode ocultar as raízes estruturais dos processos de subjugação histórica. Assim, é notório o fato de que as atuais circunstâncias existenciais e materiais em grande medida são decorrentes de estratégias que expressam a ampliação do domínio do capital, necessárias ao enfrentamento das sucessivas crises da acumulação ampliada do capital.

A incontornabilidade que marca o sistema capitalista se caracteriza de forma irracional e destrutiva, ao desencadear suas crises sucessivas de proporções inimagináveis, inserindo no âmbito mais amplo da sociedade uma destruição total dos laços humanos, fato este que empurra a sociedade para uma demonstração de sua verdadeira natureza inumana, comprovando o quanto a humanidade pode ser capaz de promover atos monstruosos como os que foram efetivados no passado, como, por exemplo, em Auschwitz, e mesmo no presente, em que recentemente assistimos à crise humanitária dos imigrantes ilegais na Europa<sup>71</sup>.

Em meio ao surgimento de formas catastróficas que cercam a existência humana, é possível perceber que a proposta de uma sociedade mais justa e

---

<sup>71</sup> Nos últimos tempos, podemos testemunhar notícias sobre a morte de milhares de seres humanos no Mar Mediterrâneo. A notícia é que barcos lotados de homens, mulheres e crianças estão à deriva no meio do mar, pois países dessa região não estão permitindo os seus desembarques. ROSSANA; VENTURA, (2015).



igualitária ainda aparece como um ideário distante no horizonte, ou mesmo uma quimera.

Nesse sentido, como pensar na possibilidade de uma verdadeira transformação social, pela via da ação (individual e coletiva) mediante o qualificado “ato político” revolucionário? Este ainda faz parte de um imaginário possível de ser atingido? Como pensar em possibilidades concretas de luta que possam romper com as coordenadas sistêmicas dominantes?

A aposta de Žižek (2012b), para um possível despertar revolucionário, ou mesmo para a efetiva concretização desta dita atitude revolucionária é alicerçada na ideia de uma ação contínua, uma luta repetida infinitamente contra as leis “férreas”<sup>72</sup> que regem o capitalismo, na busca da superação de tal ordem. Assim, para o enfrentamento das contradições do sistema, sobre as quais se ergue todo o edifício social, referido autor propõe uma luta contra o obscurantismo ideológico reinante na sociedade de hoje.

Desse modo, o autor defende a noção de que, no agora, o ato político propriamente dito não se traduz meramente na forma dos atuais levantes populares, como as mais recentes manifestações espalhadas pelo mundo. Não que esses movimentos não sejam importantes no despertar para novos tempos, mas é pela via do ato político realmente revolucionário que reside a possibilidade de um processo de emancipação social. Cumpre indagar, todavia, sobre as lacunas na formação/constituição dos sujeitos históricos no atual momento. É preciso apreender, portanto, as sutilezas postas no obscurantismo ideológico reinante, que assume a forma de novos grilhões que aprisionam e impedem a emancipação humana.

Nesse sentido, urge a necessidade de se promover o pensamento de viés crítico, comprometido tanto com os ideais revolucionários, quanto com a ruptura radical da base social econômica fetichizada que se interpõe como um dos grandes obstáculos ao enfrentamento da problemática estruturante da sociedade. Sob este aspecto, é necessário também haver uma luta política com os agentes do capital que visam cada vez mais a aperfeiçoar esse sistema e não erradicá-lo em sua essência.

---

<sup>72</sup> Para saber mais, ver: MARX, (1983).

Estudos de Rech (2012, p. 344) sobre o ato político/educativo com vistas à emancipação humana na abordagem zizekiana consideram ser necessária uma prática educacional que esteja na contracorrente da reificação social capitalista, de tal modo que estes atos pedagógicos sejam capazes de romper com a “rede intersubjetiva alienante”; ou seja, o ato propriamente educativo é aquele que assume,

[...] ao mesmo tempo, um ato político individual e coletivo de ruptura com situações opressoras cristalizadas, de injustiça, de marginalização social, enfim de falta de liberdade de emancipação social. O autêntico ato pedagógico é também um ato político de subjetivação criativa, de redesenho simbólico em que o sujeito faz valer aquela *partícula do Real* e aquela dinâmica pulsional que funciona nele como um espinho na garganta da linguagem inserindo-o corajosa, arriscada e incomodamente em uma dinâmica coletiva intersubjetiva de transformação profunda e criativa da sociedade.

Pela via do ato político, qualificadamente revolucionário, importa considerar que todas as iniciativas não deixam de estar presas às condições contingenciais, mas sob uma perspectiva que aponte para uma ruptura com o círculo vicioso do sistema, transcendendo uma mera “política de ‘resistência’, que parasita o que nega, para uma política que abre um novo espaço fora da posição hegemônica [...]”. (ŽIŽEK, 2012a, p. 87).

Como Žižek (2011a, p. 311) mesmo destaca,

[O] ato não só está enraizado em suas condições contingentes, como são essas mesmas condições que fazem dele um ato: o mesmo gesto, realizado num momento errado – cedo ou tarde demais –, [deixa de ser, ou] não é mais um ato. Aqui o paradoxo propriamente dialético é que aquilo que torna o ato “incondicional” é sua própria contingência: se o ato foi necessário, isso significa que foi totalmente determinado pelas condições, e pode ser deduzido a partir delas [...]. O vínculo entre a situação e o ato político, portanto, é claro: longe de ser determinado pela situação [...], o ato é possível em razão do não fechamento ontológico, [...] das lacunas de uma situação.

Sob este prisma, podemos asseverar que o verdadeiro ato político revolucionário deve ser um ato capaz de romper com o eixo estruturante da sociedade do capital. Nesse sentido, para atuarmos como verdadeiros protagonistas de uma nova ordem social, é preciso romper com o tabu (mercado, ideologia, consumo, desejo, fantasia), intervindo no real dos antagonismos básicos que subjazem ao capitalismo global de hoje.

Segundo Žižek (2012a, p. 82), é preciso rejeitar qualquer noção de continuidade, e começarmos do zero. Precisamos voltar ao ponto de partida, ‘começar do princípio’ repetidas vezes, e não do ponto em que se conquistou na primeira tentativa, pois “[...] Há um longo caminho pela frente e em pouco tempo teremos de enfrentar as questões verdadeiramente difíceis – questões não sobre aquilo que não queremos, mas sobre aquilo que *queremos*”. Por isso, Žižek (2012a) defende a posição de ser necessária uma nova forma de representação política, o que denominou de modernização política, uma proposta que possa ir ao encontro do projeto político capitalista global de nossa época e de seu discurso ideológico.

Depreende-se que a proposta de modernização política, abordada por Žižek (2012a), não tem como horizonte exaltar o passado<sup>73</sup>, mas sim problematizar o presente e suas afirmações, minando seus alicerces, com duas estratégias de confronto que, em seu entender, ainda se encontram vivas: o Marxismo e a Psicanálise. De acordo com o autor, estas duas vertentes de pensamento podem ser utilizadas como críticas radicais ao presente, porquanto compreendem que a relação entre teoria e prática se insere no campo da dialética, insurgindo como censuras ao contexto atual.

Como transcender, porém, ao “universalismo” para desmistificar as formas de vida naturalizadas do capitalismo que obscurecem e tentam naturalizar a exclusão desencadeada pela lógica vigente?

Ao orientar nosso pensamento, buscando dar a resposta a tal questão, destacamos notadamente a importância social e histórica conferida à educação, quando em leituras otimistas se atribui à educação a possibilidade de poder contribuir para um processo de liberdade e autonomia dos sujeitos e para uma emancipação social.

Žižek (2012a) atribui à educação, pela via do ato político/educativo, a oportunidade de estabelecer um processo educacional efetivo e contínuo, capaz de contribuir para a formação de sujeitos críticos e criativos, não conformados à rede simbólica alienante; sujeitos capazes de adotar uma atitude de enfrentamento das contradições originárias do capitalismo e que tenham como horizonte a emancipação humana (ŽIŽEK, 2012).

---

<sup>73</sup> A propósito, também Badiou (apud ŽIŽEK, 2012a, p. 102) considera que as décadas anteriores foram épocas não “eventivas”, justamente por não nos permitirem localizar no horizonte um potencial emancipatório radical que fosse capaz de promover uma mudança significativa no modo de organização social vigente.

Žižek (2012a, p. 16) observa na “juventude educada”, leia-se aqui escolarizada, porém, na condição de “inempregáveis”, associada à moderna tecnologia digital amplamente disponível, a possibilidade de figurarem como legítimos representantes desses sujeitos apropriados, por assim dizer, a desempenharem um papel organizador fundamental, na perspectiva de uma situação propriamente revolucionária. É destes setores da “inteligência supérflua” em associação com uma vasta massa excluída dos processos de integração social que podem surgir os futuros movimentos emancipatórios em escala global, em meio ao caos estabelecido pela ordem vigente.

Hoje, os manifestantes que estão nas ruas reivindicando não são em sua maioria sujeitos de baixa condição social e à margem da sociedade, mas uma ampla parcela social de juventude educada, mas “inempregável” (ŽIŽEK, 2012a, p. 15). Esses sujeitos que, na atual conjuntura, são responsáveis por criar um quadro de desordem explosiva podem desempenhar um papel fundamental rumo à mudança radical, uma vez que, no entender de Žižek, nem sempre a mudança radical é somente desencadeada pelo pobre.

A propósito, um “mapeamento cognitivo” de nossa realidade nos faz perceber que o “pano de fundo inerte da história” (ŽIŽEK, 2012a, p. 15) volta a ser um possível agente de luta na perspectiva da transformação social; do caos à possibilidade de emancipação, da ocorrência de um “ato maluco”, atos de sujeitos espinhosos que no agir em ruptura entendem que a mudança deve se dar no confronto contra a bem assentada realidade. Esse é, no entender de Žižek (2012a), o inimigo real. Esse sujeito que teria a condição de realizar um ato político dessa ordem se assenta no esteio de uma educação, destarte, a escolarização, tornando a transformação revolucionária um horizonte possível.

Žižek (2012a, p. 15) adverte, no entanto, para a noção de que

[...] a pior maneira de resolver essa lacuna [**escolarização versus desemprego**] é subordinar a educação diretamente às demandas do mercado – se não por outra razão, isso ocorre porque a dinâmica do mercado torna *obsoleta* a educação dada nas universidades. (grifamos).

No entender de Žižek (2012b), podemos citar como exemplo a reforma do ensino superior ocorrida na União Europeia, amplamente conhecida pelo Acordo de

Bolonha, que visa, tão somente, a subordinar o ensino superior às necessidades do mercado. É uma tendência que se expressa ainda no Reino Unido, onde se pretende extinguir os cursos voltados às áreas das Ciências Humanas, ou, no mínimo, reduzir gradativamente o incentivo de bolsas nesses cursos, fato que torna ainda mais forte a tendência do capitalismo atual, que se exprime mediante o investimento exclusivo em áreas especializadas, consideradas úteis ao enfrentamento das demandas de mercado no corpo social.

Com arrimo nas reflexões de Rech (2012), podemos objetar que, ao se subordinar diretamente a educação à demanda do mercado - atrelando a esta a missão de reproduzir e massificar conceitos que se coadunem com as necessidades específicas de formação de mão de obra requisitada de modo exclusivo pelo mercado, opera-se, com efeito, um processo de inversão de valores que tende à privatização do conhecimento e de seu assujeitamento aos interesses privados, encerrando, assim, a autêntica função educacional.

Ao analisarmos os valores estabelecidos com suporte numa sociedade de mercado, indagamos sobre as estruturas institucionais contemporâneas de educação, que contribuem na conformação de um tipo de sujeito sintonizado com a perspectiva ideológica vigente, necessário às demandas do tempo presente.

Segundo Žižek (2012a), no cenário educacional contemporâneo, assistimos ao desmantelamento crescente dos aparelhos ideológicos do Estado<sup>74</sup>, no qual a escola burguesa clássica, organizada sobre os preceitos de liberdade, igualdade e fraternidade deixa de ser uma rede compulsória, organizada e mantida pelo Estado, em favor de uma escola que privilegia menor custo e maior eficiência, mantida por uma política de Parceria Público-Privada (PPP).

Cabe considerar, todavia, o fato de que mencionado autor não desconsidera a existência dos aparelhos ideológicos, pelo contrário, em sua visão, continuamos mais do que nunca dentro de sua esfera, endossando a tese de que também a economia funciona como aparelho ideológico do Estado. Na visão de Žižek (2012b), isto ocorre porque estamos num estágio de 'naturalização' da economia (a lógica do mercado e da concorrência), em que o mercado se impõe

---

<sup>74</sup> De acordo com Althusser (1970), a escola burguesa clássica é um dos principais aparatos que contribuem para disseminação e reprodução da ideologia dominante do Estado.

cada vez mais como ideologia hegemônica, sendo, ele, portanto, o derradeiro horizonte possível.<sup>75</sup>

Em meio a esse encadeamento, nota-se que a exclusão social, além de ser um processo contínuo, permanece oculta por um movimento que escamoteia as formas de subjugação. Nesse sentido, a ideologia capitalista tende a naturalizar suas formas de opressão e de exclusão.

Para Žižek (2006, p. 25), nesse contexto, evidencia-se que a exclusão social continua cada vez mais

[...] mistificada e sem nome (como na referência condescendente ao 'mundo em desenvolvimento'). [...] essa mistificação é ampliada pela profunda capacidade do capitalismo de ingerir seus próprios excessos e sua negatividade, de redirecionar (ou direcionar mal) os antagonismos sociais e de absorvê-los numa cultura de afirmação diferencial.

As ideias de Žižek (2012b) conduzem-nos à compreensão de que, dentro das coordenadas sistêmicas, não existem opções de emancipação social, restando-nos somente uma tomada de decisões compatível com as da esfera hegemônica. Por isso, o autor ressalta a importância de radicalizar a um nível existencial a noção de sujeito proletário, um sujeito reduzido ao ponto evanescente do *cogito* cartesiano, capaz de decidir sobre uma proposta efetiva de mudança das coordenadas sistêmicas, o que significaria o verdadeiro processo revolucionário, ou mesmo a própria revolução.

Para Žižek (2012a, p. 18), a mudança no papel do desemprego combinado ao fator da alta produtividade é que poderá fornecer elementos para se pensar uma nova perspectiva emancipatória. Para ele, somente hoje, com a “ascensão do ‘trabalho imaterial’ ao papel hegemônico”, é que se pode vislumbrar uma possível reviravolta revolucionária ‘objetivamente possível’, pois é perceptível a ideia de que a produção não está mais ligada, apenas, aos “objetos materiais, mas

---

<sup>75</sup> Essa questão para Žižek (2011) trata-se de um processo de legitimação ideológica utilizado como estratégia consciente, que defende essa forma de sociabilidade como sendo a melhor, ou, até mesmo, a única forma possível de se viver, nos impondo a aceitação do capitalismo de forma inexorável, legitimando-o como expressão direta da “natureza humana” e, portanto, algo impossível de ser transposto, sob a alegação descabida de que, ao se tentar transpor tal lógica, poderíamos incorrer no risco de piorar cada vez mais a situação. Argumentamos que esse imperativo ideológico é difundido no intuito de garantir as condições estáveis para o perfeito funcionamento do sistema, assegurando, assim, suas condições simbólicas intactas.

às novas relações sociais (interpessoais) em si”, ou seja, diretamente relacionada à produção “biopolítica”, da vida.

É preciso reconhecer, entretanto, as estratégias do capitalismo, que visam a privatizar o ‘conhecimento comum’, não deixando de considerar que até mesmo o saber científico é cada vez mais “dominado, pelo verdadeiro mestre, o capital” (ŽIŽEK, 2012a, p. 61), e por sua circulação autopropulssora que continua sendo, mais do que nunca, o derradeiro real da vida contemporânea, nuclearmente moldada pelo desenvolvimento econômico do presente. Assim, no entender de Žižek (2012a), há um processo em curso, que torna ainda mais ampla a “*privatização do intelecto geral*”, pois se percebe que a ascensão do intelecto geral para sua verdadeira função coletiva e social é cada vez mais incompatível com as atuais formas de educação manifestadas no novo capitalismo.

Žižek (2012a) reconhece a fragilidade e os limites de uma transformação social como decorrentes do sistema educacional que se estabelece sob o marco do sistema capitalista, pois, um modelo educacional submerso às coordenadas sistêmicas do capital é impotente para demover os sujeitos do seu estágio de alienação; ou seja, mesmo que sob algum aspecto essa educação funcione como possibilidade de desalienação do sujeito, este último permanece sem escolhas<sup>76</sup>.

Dessa forma, podemos considerar que nossa principal tarefa se dirige no sentido de fomentar a emergência de novos “sujeitos agentes”, sujeitos revolucionários capazes de promover ações que visem a romper com todo tipo de violência (que se configura de forma perversa) na atual forma de ser do capitalismo contemporâneo. É preciso reconhecer a educação como um ato político emancipatório, igualmente como o filósofo Adorno<sup>77</sup> e Žižek o fizeram, mesmo percebendo o descompasso entre a educação e o paradigma da transformação

---

<sup>76</sup> Para Žižek (2011b, p. 22) aradoxalmente, a sociedade é um espaço que propicia possibilidades limitadas de escolhas, pois temos de reconhecer que estas escolhas são assistidas e que nem todos podem escolher, pois, enquanto uma pequena parcela escolhe, outros ficam com os riscos. Na verdade, “somos forçados a viver como se fôssemos livres”. De forma antagônica percebemos que ao mesmo tempo em que o sistema possibilita certas condições “favoráveis” para que os sujeitos possam escolher “livremente”, de acordo com seus desejos, entretanto, estes, jamais poderão ser concretizados, em virtude das próprias determinações objetivas do sistema. Ademais, percebemos que esse sistema é, ao mesmo tempo, liberdade e determinação; determinações estas que não se resumem a limitar apenas a liberdade dos sujeitos, já que essa liberdade é uma “falsa liberdade” que só acontece como resposta às situações que esse mesmo sistema estabelece.

<sup>77</sup> Em Adorno (1995), a educação exerce papel fundamental na formação de sujeitos críticos, autônomos, resistentes e empoderados, sujeitos capazes de proporcionar uma mudança efetiva em seus contextos, e, portanto emancipados.

social radical que seria de fato urgentemente necessário na atual conjuntura histórica.

## **5.2 Žižek: considerações sobre a educação na sociabilidade do capital**

As transformações políticas, econômicas, tecnológicas e sociais, principalmente as percebidas na esfera produtiva, em certo sentido condicionaram uma mudança significativa na vida em sociedade. A economia transformou-se. As atividades de serviços e o setor financeiro junto com a atividade industrial assumiram grande importância e centralidade na vida das pessoas. Essas mudanças, além de reordenarem a vida em sociedade, conformaram novos modos de operar e gerir os processos sociais, que demandaram uma adequação das pessoas aos desafios impostos pelas novas tecnologias (*tecnociência*), pelos novos mercados, pela concorrência, bem como pela exigência de maior produtividade e de melhor desempenho de parte dos trabalhadores para garantir os ganhos do capital.

Nesse sentido, percebemos que o reordenamento do espaço produtivo e os novos modos de operar os processos de trabalho exigem maior qualificação e mais habilidade na execução das tarefas, concedendo aos trabalhadores, sob a óptica do sistema capitalista, somente o benefício de permanecer empregado. Tal fato, além de conferir certa vantagem, acarreta uma espécie de concorrência, promovendo, assim, atitudes individualistas e, conseqüentemente, uma perda de identidade de classe.

A incorporação da ciência e da tecnologia de modo cada vez mais intenso, bem assim a flexibilização e a descentralização produtiva, exigiram novas habilidades<sup>78</sup> essenciais ao atendimento de uma demanda cada vez mais individualizada. É sabido que essas transformações no modelo produtivo, com a incorporação cada vez mais intensa do paradigma tecnológico e científico

---

<sup>78</sup> Atualmente, é comum que se cobre dos trabalhadores um repertório de novas habilidades e maior qualificação profissional que possivelmente seriam observados por critérios averiguados pela educação escolar. Nesse sentido, verifica-se, na atualidade, uma busca desenfreada por maior qualificação e elevação do nível de escolarização, sob o argumento de que esta é condição *sine qua non* para uma ascensão social. Com o avanço da tecnologia e da ciência, a esfera produtiva passa a exigir que o trabalhador se adeque às novas demandas estabelecidas pelo mercado profissional. A emergência do modelo flexível de produção forçou a qualificação e a formação profissional, dos trabalhadores (as) como exigência imediata, bem como o surgimento de um perfil profissional flexível e com um elevado nível de cognição. Dessa forma, muitos foram os investimentos na área de treinamentos, qualificações e métodos de trabalho, com o intuito de facilitar e a cooperação dos funcionários para o melhor desempenho de suas funções, atendendo, assim, as demandas do mercado.



influenciaram também mudanças no meio educacional, especificamente no que tange ao atendimento à formação de um “novo” sujeito capaz de dominar os novos procedimentos tecnológicos.

Ademais, evidencia-se o fato de que a educação no atual estágio da sociedade assume a função de reproduzir práticas inerentes ao sistema capitalista, como competição, preparação para o trabalho, mérito, capacidade e/ou habilidade. Desse modo, a educação se faz espaço de reprodução e adaptação dos sujeitos à lógica do sistema.

Esse aspecto evidencia o estabelecimento de uma dinâmica que tende à racionalização, à individualização e a uma forte precarização das condições materiais de vida e trabalho, podendo esta última tendência ser descrita pelo alto índice de desemprego, pela perda de direitos trabalhistas e pelos cortes salariais, bem como por via do disciplinamento dos corpos e controle da massa de trabalhadores.

No entender de Rech (2012), nestas circunstâncias, reprimem-se os vínculos de sociabilidade para atender às demandas do mercado. Ademais, com base nas teorizações de Žižek, podemos considerar, pelos desdobramentos do contexto educacional, que se configura um princípio redutor de tudo, inclusive a educação, à força avassaladora do fetichismo da mercadoria.

Nesse sentido, é oportuno perceber os mecanismos de mercantilização da educação em sua forma atual. Eles evidenciam práticas em conformidade com as necessidades do mercado. Assim, portanto, a educação não pode ser compreendida com um fato isolado, mas como engendrada pelos diversos campos de atuação do mercado, envolvendo, inclusive, suas práticas de educação escolar e de formação, pautadas em concepções engendradas sob o lema do *saber fazer (savoir faire)*, em detrimento do *aprender a pensar*, ou seja, do refletir crítico sobre a realidade.

Nesse sentido, pensar a educação como prática relevante na sociedade atual impõe que se reflita sobre o paradoxo no qual ela se insere no contexto da contemporaneidade, quando a humanidade vivencia um quadro de transformações profundas por meio de mudanças sociais, econômicas, tecnológicas e culturais, subordinadas a um projeto societário capitalista no qual a educação é anunciada como via possível para a satisfação das necessidades intelectuais, espirituais e

materiais das pessoas, mas é realizada no contrassenso de uma radicalização profunda atrelada aos interesses de um projeto neoliberal capitalista.

As teorizações de Žižek (2012a) sobre a educação no contexto societário recente estão pautadas em uma fundamentação teórica crítica, em razão de ele perceber a vinculação da forma atualmente dominante de educação com os interesses e fins mercadológicos capitalistas, na chamada sociedade do conhecimento da era da globalização. Em seu entender, a educação em seu aspecto cultural está envolta em uma dinâmica paradoxal. Por um lado, ela funciona como uma instância que tende a adaptar os sujeitos às estruturas institucionais da rede simbólica alienante e, por outro lado, ela se direciona a uma perspectiva emancipadora e de transformação social e política.

Žižek (2012a) nos evidencia a ideia de que a educação sob o marco da sociedade do capital comporta duas dimensões contraditórias: a de ser uma instância alienante (massificadora e reprodutora de conceitos); e a de se constituir como uma dimensão que pode estabelecer um nexo de cultura; contribuindo, assim, para formar um sujeito alienado, completamente apassivado, ou, no caso de uma educação marcada por uma perspectiva emancipadora, pode se destacar o aspecto incômodo do sujeito resistente e recalcitrante em termos de adaptação à linguagem, aos marcos simbólicos e práticas alienantes do *status quo* cultural.

Podemos considerar, no entanto, que a educação ainda assume um papel de formação da subjetividade, que no entender do autor é sempre intersubjetiva, ou seja, é uma implicação em laços sociais que criam uma situação subjetiva. Portanto, a educação, deve, prioritariamente, favorecer um processo voltado para a formação de sujeitos críticos e emancipados, capazes de negar os impulsos destrutivos de uma *semicultura*.<sup>79</sup>

Ante o problema expresso, o debate empreendido nos remete aos pressupostos da instituição da sociedade moderna, onde originariamente a educação é concebida para assumir a tarefa de contribuir para que o indivíduo se torne emancipado. Este momento iluminista nos remete a uma revisão crítica do presente nas questões que emergem e que se desdobram em elementos culturais, traduzidos em objetos de dominação no âmbito de uma sociedade conduzida por dispositivos de poder.

---

<sup>79</sup> Adorno (1995) atribui a esse termo todo o peso do colapso da formação cultural que atinge os professores no contexto do capitalismo perverso.

Paradoxalmente, o desenrolar do processo social que se inspira na proposta de esclarecimento da razão (*Aufklärung*) respaldando-se na educação na formação cultural, conduziu fatalmente a humanidade à barbárie social<sup>80</sup>. Na sociedade moderna e contemporânea, essa contradição se evidencia de modo mais intenso, ao passo que a humanidade, em vez de alçar a “maioridade kantiana”, parece ainda atrelada às “condições da menoridade”, ou seja, reduzida a uma “formação inautêntica e insensível, hierárquica e dominadora”.<sup>81</sup>

Essas teorizações nos conduzem a uma via de compreensão do processo inverso do uso da razão esclarecida pela humanidade, pois, mesmo tendo o iluminismo libertado o homem dos mitos, este se tornou vítima do progresso da dominação técnica, que conduziu a um “novo engodo”<sup>82</sup> e a condições de teor imediato e a uma racionalização alienante travestida de racional. Ademais, quando a proposta de esclarecimento da razão, posta pelos ideais iluministas, não foi suficiente para livrar a humanidade dos grilhões que a aprisionam, impôs-se uma “racionalidade instrumental” que reduziu o potencial humano e fez a humanidade retroceder em termos de suas aspirações pela conquista da liberdade e da emancipação. Nessas circunstâncias, os avanços sociais ficaram circunscritos aos rigores de uma ordem institucionalizada do “capitalismo administrado”, pois este funcionou como um forte mecanismo que sufocou as resistências e as forças sociais críticas e artísticas, bem como as propostas educacionais e de formação cultural, voltadas para a autonomia e a emancipação subjetiva e objetiva.

Destarte, quanto mais a educação se afasta do plano de uma formação humana (*bildung*), que remete a uma formação integral, tanto mais se impõe um discurso afinado com o primado de uma identidade instrumental capitalista. Este modelo de afirmação unilateral de um “idêntico” que reprime e expulsa as manifestações do “não-idêntico”, utilizada para atender a situação social vigente, compromete os fundamentos de uma formação ética. Nesse sentido, a educação, quando restrita a conceitos técnicos, atende à lógica de mercado, comprometendo, assim, o processo formativo dos indivíduos que assim perdem a capacidade de interferir e pensar criticamente o contexto social que as cerca.

---

<sup>80</sup> Para saber mais ver: ADORNO, (1995).

<sup>81</sup> *Id.*, *Ibid.*: p. 21.

<sup>82</sup> *Id.*, *Ibid.*., p. 12.

Cumprе salientar, portanto, os interesses que subjazem ao fenômeno de massificação da educação, notadamente em uma época em que os valores da razão das luzes foram superados mediante uma racionalização portadora de um *logos* dominador, no qual a educação, a ciência e a tecnologia são consideradas passaportes para o mundo moderno marcado pelo dissenso perdido. Para essa análise, privilegiamos o exame do uso da razão como instrumento que teria a finalidade de libertar o homem do medo do desconhecido, tornando-o senhor de si e senhor sobre a técnica e a ciência. Esse ideário que predominou, e ainda povoa o imaginário social, transfigura-se em uma falsa promessa que levou os homens a mergulharem em regimes totalitários, tais como o nazismo e o fascismo, no campo do capitalismo; e o stalinismo, na contextura do socialismo.

Ao considerarmos a possibilidade de emancipação por meio de uma educação comprometida com a formação de uma consciência crítica, devemos necessariamente ir de encontro à ideologia da “indústria cultural”<sup>83</sup> que repassa valores de consumo fetichizados, cristalizados, que conduzem o sujeito ao processo do não pensar. É preciso, acima de tudo, lutar contra os efeitos negativos de um processo educacional pautado meramente numa estratégia de “esclarecimento” da consciência, sem levar na devida conta a forma social em que a educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos. A propósito, não basta apenas desenvolver habilidades, pois é preciso que se possibilite ao sujeito uma reflexão crítica sobre a realidade que vá além da mera reprodução de conceitos. Ensinar o sujeito a pensar sobre seu ambiente social, sobre sua vida, com todas as contradições aí implicadas, deve levar a pensar formas de ações que se colocam contra a disseminação da *semicultura* na sociedade.

Nesse sentido, cabe indagar: como é possível aos sujeitos apreender a realidade a sua volta? Ou mesmo: que tipo de conhecimento pode ser validado e qual o seu critério de verdade?

---

<sup>83</sup> A expressão “indústria cultural” foi utilizada pela primeira vez na publicação da obra “Dialética do Iluminismo”, de Horkheimer e Adorno (1995). Ela se define pela exploração dos bens considerados culturais. Adorno em diversas conferências radiofônicas destacava que essa expressão “indústria cultural” objetivava substituir o termo “cultura de massa”, justamente por se circunscrever em um campo complexo que satisfazia os interesses dos proprietários dos veículos de comunicação de massa. Os defensores desse termo acreditavam, no entanto, que este tratava de uma cultura oriunda espontaneamente das massas populares. Para Adorno (1995), que diverge frontalmente dessa interpretação, “a indústria cultural, ao aspirar à integração vertical de seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, em larga escala, determina o próprio consumo”, o que para esse autor obstaculiza a formação autônoma e crítica dos sujeitos.

Do ponto de vista filosófico, podemos considerar que as relações homem e mundo, pensamento e realidade, estão inseridas no processo de “desencantamento do mundo”, contribuindo para instituir um tipo de explicação racional, na base do conhecimento. Sob este prisma, quando nos referimos ao campo do conhecimento, não estamos restringindo nossa discussão apenas à relação que se estabelece entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, mas também consideramos a possibilidade do acesso ao legado cultural produzido em decorrência do processo de modernização do mundo; ou seja, trata-se também de conhecer a forma como se constituiu esse saber adquirido e acumulado historicamente com seus critérios de validação.

Dessa relação que se estabelece entre sujeito e mundo, é possível conceber a educação como uma formação que propicia aos sujeitos o acesso ao legado cultural<sup>84</sup> (bens materiais e espirituais socialmente construídos); acesso este que possa rimar com os ideais de homens livres na perspectiva da emancipação humana, pois esse viés de formação crítica constitui um novo horizonte na elaboração do ser humano ante a barbárie instaurada. Ser educado, todavia, é em seu aspecto mais essencial apropriar-se do legado historicamente constituído (conhecimentos, habilidades, valores) que são, em última instância, condição imprescindível para que cada pessoa se torne um componente essencial da espécie humana<sup>85</sup>. Nesse sentido, formar o homem integral é garantir-lhe o acesso pleno aos bens materiais e espirituais, para que ele venha a se tornar plenamente realizado.

As reflexões aqui expressas, que empreendem uma análise sobre a perspectiva mercadológica adotada pela educação no atual modelo societário, nos leva a perceber a necessidade de se promover uma constante atitude crítica ante o deslumbramento de muitos educadores ao atribuírem um poder extremado à educação, fato este que submete a risco o real compromisso da ação formativa e de seu papel social.

Dessa forma, as teorizações de Žižek (2012b) sobre a educação, no quadro da sociabilidade do capital, conduzem a um exame mais detido sobre o

---

<sup>84</sup> Conforme Saviani (2009), é comum em nossa sociedade se atribuir um valor extremado à educação, tanto com relação ao papel social que esta assume no processo civilizatório, quanto na possibilidade de a educação favorecer a formação social e cultural dos sujeitos. Historicamente, a educação assume papel preponderante para a formação desses sujeitos, pois, sendo a educação uma prática inerentemente humana, está em todos os lugares e ensina todos os saberes.

<sup>85</sup> *Id.*, *Ibid.*:

papel educacional na formação social, cultural e política dos sujeitos, em face do contexto de antagonismos de classe ante a influência dos aspectos socioeconômicos e políticos no âmbito da sociedade capitalista.

Aprender a educação como situada em um ambiente de contradição requer percebê-la também em uma relação específica, funcional à sociabilidade do capital, destacando que, assim, a sua constituição histórica contribui para a perpetuação das desigualdades sociais. É preciso, portanto, empreender uma análise crítica do papel da educação, compreendendo-a como espaço de contradição, mas sem perder de vista seu caráter ideológico, visando a realçar sua importância e valorização, na perspectiva de superar a ideologia dominante.

Nesse sentido, as reflexões aqui tecidas relativamente à educação conduzem tanto à compreensão de que ela pode ser capaz de promover um nexo de cultura, favorecendo, assim, o processo de formação humana, quanto ao entendimento de que ela pode ser um instrumento do poder dominante que visa a camuflar as estratégias ideológicas do sistema, conformando, assim, um determinado tipo de sujeito adequado ao atendimento da sociedade de mercado.

A propósito, podemos concluir que, para Žižek (2012b), a educação sempre cumpre dois papéis: o de ser uma instância alienante, massificadora e reprodutora de conceitos; e, por outro lado, o de constituir-se como dimensão que estabelece um nexo de cultura, podendo formar um sujeito incômodo, inconformado com a mera adaptação apassivadora à linguagem e à cultura dominantes.

## 6 CONCLUSÃO

*O tempo cronológico, uniforme e objetivo, dos relógios não coincide necessariamente com o tempo lógico de uma investigação. [...] O tempo lógico manifesta-se ou desdobra-se em três dimensões fundamentais: o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir. Entre o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir há todo um conjunto de avanços e recuos, suposições e hesitações, que mostram como, diferentemente do que acontece com o tempo cronológico, necessariamente impessoal e objetivo, há um sujeito, impossível de eliminar, ao nível do tempo lógico. (LACAN, 2001).*

Para nós que delineamos resumidamente os resultados de nossa pesquisa em uma conclusão, esse sofisma lacaniano, utilizado como epígrafe, parece-nos fazer todo sentido. Perpassada por múltiplos sentimentos que oscilam entre as pressões cronológicas e a satisfação em “concluir”, buscamos retratar, aqui, um pouco da angústia que foi harmonizar o *“instante do olhar”*, *“o tempo para compreender”* e *“o momento de concluir”*.

Isto posto, convém esclarecer que, neste ponto conclusivo, conduzimos nossa perspectiva, no sentido de responder às questões que despontaram quando se reflete sobre a problemática do sujeito e da educação, tal como apreendida em Žižek, buscando pensar criticamente sobre as suas atuais condições de existência, em meio à constante transitoriedade do capitalismo global (suas lacunas, reificações e contradições implícitas) que alienam e capturam a subjetividade no tempo presente.

Isto não significa assumir que, nos limites deste estudo, teríamos condições de dar respostas acabadas à complexidade de questões que envolvem o processo de constituição do sujeito na sociedade hodierna. Conforme identifica Žižek, por constituir experiência enigmática, é quase impossível se dizer toda a verdade sobre o sujeito, uma vez que, sequer, é possível a este se reconhecer como um eu racionalmente constituído.

Notoriamente, este estudo se expressa mais como uma contribuição, somando-se aos diversos construtos teóricos em curso, situados na área da Filosofia da Educação, bem como em outros importantes setores que se ocupam com deslindar a subjetividade no terreno do saber.

É oportuno retomar aqui os objetivos deste estudo, quando nosso propósito inicial foi o de investigar a concepção de sujeito tomando como motivação originária as reflexões de Žižek. É oportuno destacar a noção de que, ao enveredarmos por esse viés de análise, defrontamos um emaranhado de questões imbricadas na tessitura do objeto privilegiado para esta investigação.

Por isso, foi imprescindível analisar, neste ensaio, as estratégias ideológicas do sistema capitalista global (dominação, ideologia do consumo e adoecimento do sujeito), disseminadas pela lógica do sistema e de sua ideologia do consumo em tempos de capitalismo manipulatório, do ponto de vista ideológico, em meio a um contexto permeado por situações de instabilidade social traduzidas em uma constante perda de empregos, por atentados terroristas, pela barbárie, a fome, a miséria, dentre outras mazelas resultantes desse chão histórico.

Asseguramos que esse sujeito não pode ser compreendido como universo independente, dissociado do contexto histórico em que vive, devendo, portanto, ser apreendido na dinâmica contraditória e complexa de sua constituição. É preciso perceber, inclusive, esse sujeito, em um processo a *posteriori* - “devir eterno”, jamais concluso, fruto de momentos históricos específicos, ideais ou mesmo imprescindíveis à manutenção do sistema que o produz e o circunscreve.

Esse fato, em particular, nos fez dedicar especial atenção às questões que privilegiam a não desvinculação do sujeito de sua problemática social mais ampla, por corroborarmos as teses que compreendem as implicações das atuais circunstâncias históricas, que incidem na constituição/formação do sujeito contemporâneo, uma vez que suas coordenadas comprometem nuclearmente as condições materiais e subjetivas de existência desses indivíduos.

Conduzindo o debate por essa via de análise, podemos assinalar o momento atual como produtor de enfermidades e calamidades sociais, que colaboram para agravar ainda mais a degradação da condição humana, intensificada pelas intensas crises do sistema capitalista. A própria condição do sujeito é a de ser um “sujeito evanescente”, feito ser que resiste à rede simbólica alienante. Portanto, este sujeito se, por um lado, tende a ser persuadido e absorvido pelo *status quo*, por outro, expressa abertura para as possibilidades emancipatórias de sua condição de existência.



Dentre as conclusões de nossa investigação, destaca-se a ideia da emergência de um sujeito que se constitui em meio à transitoriedade do contexto histórico em que vive e do qual é produto; ou seja, o sujeito está inserido em um modelo social estruturado sobre a base do lucro e da competência, que compele o sujeito a adaptar-se ao processo de produção e reprodução do capital, ou seja, as suas coordenadas sistêmicas. O sujeito contemporâneo, de determinada maneira, é produto de uma sociedade, portanto, que tem a marca da instabilidade e que envolve uma crise de valores e paradigmas.

Assim o sujeito, que emerge no atual contexto, se caracteriza, na realidade, pela personificação de um sujeito hedonista, que visa exclusivamente à satisfação de seus desejos individuais e à busca de sua felicidade utilitarista. Além, pois, daquele sujeito racional, consciente de suas dúvidas/certezas existenciais, amplamente reconhecidas com o despertar racionalidade moderna, o que se evidencia é a existência de uma “lacuna” própria e constitutiva do ser que expressa seu lado obscuro e oculto, inerente, e indispensável ao seu desvelamento, o que não pode ser desconsiderado ao se procurar desvelar e compreender o sujeito da atualidade.

Essa lacuna é sua marca-característica, que tem a negatividade como seu fundamento existencial, circunstância que insere o sujeito em um enigma quase que indecifrável. É exatamente nesse aspecto que se alicerçam as concepções deste estudo, quando apreendemos o sujeito como uma experiência inacabada, não transparente e, muito menos, meramente acessível ao simples observar cotidiano; envolto em uma espécie de “loucura enigmática”, alicerçada ao *cogito* e à subjetividade, o que assenta o sujeito no campo de uma experiência de interpretação difícil, inserindo-o, portanto, numa dimensão paralítica.

Ao atribuir uma obscuridade à essência do sujeito, Žižek o situa em um universo do não conhecimento pleno de sua essência numênica, caracterizando-o como um ser inerentemente de falta, desejoso, incompleto, marcado por angústias constitutivas da sua condição existencial, impossível de ser suturada.

Podemos concluir, portanto, que o sujeito, em seu aspecto mais essencial, se define por estar perpassado por falhas e distorções negativas. Ademais, o sujeito é assinalado incondicionalmente pela capacidade de sofrer, bem como pela possibilidade de narrar essa dor, em virtude de estar cotidianamente imerso em

aparatos discursivo-linguísticos. O sujeito, portanto, é um ser de linguagem que conta a história de seu sofrimento, na tentativa de se reconstituir e se reposicionar na qualidade de sujeito, permanentemente tensionado pelo abismo infinito no qual ele está imerso cotidianamente.

Žižek destaca a emergência de três tipos característicos de sujeitos que podem representar as figuras emblemáticas no nosso tempo presente: o *sujeito proletário* de Marx, representado na efígie do sujeito trabalhador explorado, cujo produto de trabalho é usurpado, fato que o reduz a uma subjetividade sem substância e, portanto, como desrealizado, mas que, mesmo assim, ainda é expresso como um sujeito capaz de promover uma mudança na atual forma de organização social; o *sujeito 'mediatizado'*, completamente mergulhado na realidade virtual e, portanto, alienado; e o sujeito pós-traumático - aquele que sobrevive em meio a traumas e choques externos, o 'grau zero' do sujeito no atual estágio do capitalismo contemporâneo. Estes três tipos de sujeito são, por assim dizer, os legítimos representantes dessa nova ordem social estabelecida pelo capitalismo global contemporâneo.

Com âncora nesse arcabouço teórico, concluímos que esse sujeito se constitui em meio a essa transitoriedade, inserido em um modo de produção nomeadamente capitalista e que está completamente capturado pela complexidade dos dispositivos tecnológicos, burocrático-coercitivos e discursivos do sistema e, portanto, alienado por seus objetos de consumo. Ademais, ele é tensionado pelas consequências históricas que instituíram o capitalismo como um sistema único e ideal de organização social.

Experimentamos um momento histórico no qual o sonho de uma efetiva mudança social, nos termos de uma virada revolucionária, capaz de transformar o modo de vida em sociedade, para outra via que não a imposta pelo modelo vigente, parece distante ou mesmo uma quimera. Assim, sob este viés de análise, parece lugar comum, em nosso enredo societário, a ideia de que uma aniquilação radical do capitalismo seria algo impossível de ser efetivado, fazendo parecer que a realidade do sistema capitalista de todas as suas impossibilidades seria a única forma de constelação social possível.

Por isso, em nosso estudo, foi necessário dedicar especial atenção às possibilidades, postas ou latentes, à emergência de um "sujeito agente" da

transformação social, ou seja, um sujeito concentrado sobre as possibilidades concretas capazes de viabilizar um despertar revolucionário. Melhor exprimindo, o esforço neste ensaio direcionou-se no sentido de apreender as possibilidades de processos emancipatórios do sujeito - contidos nos anunciados movimentos de resistências, evidenciados no tempo presente, uma vez que partilhamos o ideal a considerar que muitas mudanças ocorridas ainda não representam conquistas efetivas, principalmente no campo da emancipação humana, mas que estas se mostram como situações históricas a requererem demandas imediatas à transposição do sistema, não sendo, no entanto, suficientes para romper com os processos de exploração aos quais todos os que pertencem às camadas sociais oprimidas e dominadas são submetidos hodiernamente na sociedade.

No que diz respeito à proposta de uma “educação desenvolvida” sob o marco da sociabilidade do capital, evidencia-se nela uma apropriação do ato de educar, formando sujeitos adequados à produção e reprodução das coordenadas sistêmicas. Isto porque se evidencia que, em uma sociedade na qual predominam os interesses dos que detêm o poder econômico e a decisão política, os modelos de escolarização refletem os anseios da ideologia dominante, contribuindo assim com a perpetuação do sistema.

Dessa forma, a educação funciona como instrumento que não contribui com práticas voltadas à emancipação social, estando esta última anulada pela preocupação unilateral com as demandas profissionalizantes, atendendo, assim, apenas à demanda do mercado de trabalho capitalista, intrinsecamente marcado pela dinâmica do lucro e da exclusão social, como marca de suas perversidades sistêmicas inerentes.

Desse modo, como visto, concluímos que somente uma proposta de educação vinculada ao “ato político”, ou seja, inter-relacionada a um projeto político mais amplo, comprometida com a formação de sujeitos críticos e politicamente potencializados, será capaz de fazer despertar, por assim dizer, o princípio filosófico e educativo do sujeito, aquele com efetivas possibilidades de romper com as coordenadas sistêmicas, promovendo, assim, a efetiva mudança radical.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALVES, Giovanni. **Lukács e o século XXI: trabalho, estranhamento e capitalismo manipulatório**. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.
- \_\_\_\_\_. Ocupar Wall Street e depois? *In* HARVEY, David. *et.al.* **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. Trad. Fernando Marcelino e Chrysantho Sholl. São Paulo: Boitempo Carta Maior, 2012a.
- \_\_\_\_\_. **Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ANTUNES, Ricardo. L. C. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ARANTES, Paulo Eduardo. **O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- \_\_\_\_\_, Paulo Eduardo. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- ARENDT, Hanna. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- AZEVEDO, Lena. Repressão: o Estado contra o povo. **Revista Caros Amigos: à primeira a esquerda**, [s.l.] ano 17, n. 200, nov. 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.
- BASTIAN, Hans Günther. **Música na Escola: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança**, tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BOTTON, Alain de. **Desejo de status**. Tradução de Rytá Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 17.
- CHAUÍ, Marilena. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo, in: **Revista Teoria e Debate** n. 113, jun 2013a. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo>>. Acesso em: 8 mar. 2014.
- CHESTERTON, G. K. **Ortodoxia**. Almiro Pisetta (Trad.). São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DANIELA, Fernandes. Relatório Tendências Mundiais para o Desemprego, 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140120\\_desemprego\\_oitrg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140120_desemprego_oitrg)>. Acesso em 17 mar. 2015.

DELEUZE, Giles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DERRIDA, J. Cogito e História da Loucura. Pedro Leite Lopes (Trad.) *In: Três tempos sobre a história da loucura*. FERRAZ, M.C.F. (Org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Breve biografia de Slavoj Žižek: Projeto Revoluções, [s.d.]. Disponível em: <[http://www.revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/biografia\\_comentada\\_de\\_slavoj\\_zizek\\_por\\_christian\\_dunker\\_0.pdf](http://www.revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/biografia_comentada_de_slavoj_zizek_por_christian_dunker_0.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2015.

ELIA, Luciano. **O conceito de Sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FINK, Bruce. **O Sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD Sigmund. **O Mal-estar na civilização**. Tradução Paulo César de Souza. — São Paulo: Penguin Clássicos Companhia das Letras, 2011.

GHIRALDELLI, Paulo Júnior. **Aventuras da Filosofia: de Parmênides a Nietzsche**. Barueri, São Paulo: Manole, 2010.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUERRA, Elizabete & TELES, Idete. **Lacunas do Real: leituras em Slavoj Žižek**; Florianópolis: NEFIPO, 2009.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre a origem da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1996.

HILTON, Japiassú e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2006.

JOAN, Dejan. **Antigos contra modernos: as guerras culturais e a construção de um fim de *siécle***; tradução Zaída Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 52 edição. Piracicaba SP: Editora Unimep, 1999.

\_\_\_\_\_, Immanuel. *Crítique of Pratical Reason*. L.W. Beck (Trad.) Lisboa: Edições 70, 1997.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1. O Processo de Produção do Capital. Volume I, tomos 1 e 2. São Paulo: Abril cultural, 1983.

MARX, Karl; Engels, F. (2009) **A ideologia alemã**. São Paulo: Ed. Exp. Popular, 2009.

MESQUITA, Renata Valério de. Rebeldia digital. **Revista Planeta**. Ano 41, n. 490, p. 36-41, ago. 2013.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

Organização Mundial de Saúde - OMS. Relatório Sobre Prevenção ao Suicídio, 2014. Disponível em: <<http://www.rets.epsjv.fiocruz.br/noticias/oms-publica-relatorio-sobre-prevencao-ao-suicidio>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

O Povo online, Fortaleza, 8 jan. 2013, Caderno Vida e Arte. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2013/01/08/noticiasjornalvidaarte,2984097/o-filosofo-mais-perigoso-do-mundo.shtml>>. Acesso em: 8 jan. 2013

RECH, Hildemar Luiz. Artigo: Reflexões Atuais sobre o Fetichismo da Mercadoria, a Forma do Capital, Trabalho e a Educação (*In*: **Revista FIPED**, 2014).

\_\_\_\_\_. Sujeito, Ideologia, Cultura e Educação em Adorno e Žižek 2011. Fortaleza. **Relatório de Pesquisa do Projeto PIBIC/UFC**, 2011.

ROSSANA, Reis e VENTURA, Deisy, **Carta Digital Capital**. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/mediterraneo-um-mar-de-hipocrisia-2718.html>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1998.

SAFATLE, Vladimir. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação política. Campinas SP: Autores Associados, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Relatório de Pesquisa do Projeto PIBIC/UFC**, 2012. Fortaleza, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Relatório de Pesquisa do Projeto PIBIC/UFC**, 2012. Fortaleza, 2012.

WELLTON Máximo. Número de brasileiros na extrema pobreza aumenta pela primeira vez em dez anos. Agência Brasil, 2014. Disponível em: <

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-11/numero-de-brasileiros-na-extrema-pobreza-aumenta-pela-primeira-vez-em-dez>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **O Mais Sublime dos Históricos: Hegel com Lacan**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1991.

\_\_\_\_\_. O espectro da ideologia. *In*: ŽIŽEK, Slavoj (org.); **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

\_\_\_\_\_. Como Marx inventou o sintoma? *In*: ŽIŽEK, Slavoj (org.); **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

\_\_\_\_\_. **Bem-vindo ao Deserto do Real**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Às Portas da Revolução**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. & DALY, Glyn (orgs.), **Arriscar o Impossível: Conversas com Žižek**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Visão em Paralaxe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Órgãos Sem Corpos: Deleuze e consequências**. Tradução Manuella Assad Gómez: Ed José Nazar. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008b.

\_\_\_\_\_. **O Sujeito Incômodo: O Centro Ausente da Ontologia Política**. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores, 2009.

\_\_\_\_\_. **Como Ler Lacan**, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa das Causas Perdidas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011a.

ŽIŽEK, Slavoj. **Primeiro como Tragédia Depois Como Farsa**; tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011b.

\_\_\_\_\_, Slavoj. **O Ano em que Sonhamos Perigosamente**; tradução Rogério Bertoni. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Vivendo no Fim dos Tempos**; tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012b.

\_\_\_\_\_.; GABRIEL, Marckus. **Mitologia, Loucura e Riso: a subjetividade no idealismo alemão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012c.

\_\_\_\_\_. **O amor impiedoso (Ou: sobre a crença)** Tradução Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012d.

\_\_\_\_\_. O Violento Silêncio de um Novo Começo. *In*: **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. [David Harvey...et al.]; [Tradução João Alexandre Peschanski...et al.]- São Paulo: Boitempo Carta Maior, 2012e.

\_\_\_\_\_, Slavoj. **Menos que Nada**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

## APÊNDICE A – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BORNHEIM, Gerd. **Introdução ao Filosofar**: o pensamento filosófico em bases existenciais. Rio de Janeiro: Ed Globo, [s.d.]

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**; tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevalco, 2ª ed. 3 reimp. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Singular**: ensaio sobre a ontologia do tempo presente; tradução de Roberto Franco Valente. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LESSA, Sérgio & TONET, Ivo. **Proletariado e Sujeito Revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

MÉSZÁROS, István. **Estrutura Social e Formas de Consciência**: a determinação social do método. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009

PIERO, Christopher Kul-Want. **Entendendo Slavoj Žižek**: um guia ilustrado. São Paulo: Leya, 2012.

RUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RUIZ, Erasmo Miessa. **Freud no “Divã” do Cárcere**; Gramsci analisa a Psicanálise. Campinas São Paulo: Autores Associados, 1998.

SADER, Emir. **A Vingança da História**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

TONET, Ivo. **Sobre o Socialismo**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação Contra o Capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.



## ANEXO A – METÁFORAS ZIZEKIANAS

### ❖ Metáfora 01

Por que perder tempo com piadas dialéticas? Porque elas nos permitem apreender, em sua forma mais pura, como a ideologia funciona em nossa época supostamente pós-ideológica. Para detectar as famosas distorções ideológicas, é preciso perceber não só o que é dito, mas a interação complexa entre o que é dito e o que não é dito: o não dito está implícito no que é dito – queremos café sem creme ou sem leite? Há um equivalente político dessas linhas: Uma piada bastante conhecida na Polônia socialista conta que um consumidor entrou em uma loja e perguntou: “Você não deve ter manteiga, ou tem?”. A resposta: “Desculpe, esta é a loja que não tem papel higiênico; a do outro lado da rua é a que não tem manteiga!” E o que dizer de uma cena que acontece no Brasil, onde pessoas de todas as classes sociais dançam juntas nas ruas no carnaval, obliterando por alguns instantes as diferenças de raça e classes? Mas obviamente não a mesma coisa um desempregado se entregar á dança, esquecendo-se de suas preocupações com o sustento da família, e um rico banqueiro soltar-se e se sentir bem porque é mais um no meio do povo, esquecendo-se talvez que tenha recusado um empréstimo para um trabalhador pobre. Os dois são iguais na rua, mas o trabalhador dança sem leite, e o banqueiro sem creme... A publicidade da outro exemplo notável da ausência como fator determinante: com que frequência lemos nos rótulos dos produtos a frase “sem adição de açúcar” ou “sem conservantes ou aditivos” – isso sem falr “sem calorias”, “sem gorduras” etc.? A armadilha é que, para cada “sem”, temos de aceitar (consciente ou não) a presença de um “com” (Coca-cola sem calorias e sem açúcar? Sim, mas com adoçantes artificias que representam um risco a saúde...). (ŽIŽEK, 2012b, p. 46)

### ❖ Metáfora 02

Um homem entra em uma cafeteria e pede um café sem creme; o garçom responde: “Desculpe, o creme acabou, só temos leite. Posso trazer café sem leite?” em ambos os casos o cliente receberia café puro, mas esse café é acompanhado a cada vez de uma negação diferente: primeiro café sem creme e depois café sem

leite. Temos aqui a lógica da diferencialidade, em que a própria falta funciona como característica positiva. (2012b, p.45)

### ❖ **Metáfora 03**

Todos nós conhecemos a cena clássica dos desenhos animados: o gato chega a um precipício e continua caminhando, ignorando o fato de não haver chão sob suas patas; ele só começa a cair quando olha para baixo e percebe o abismo. O que os manifestantes estão fazendo é apenas lembrar os que estão no poder de olhar para baixo. (2012a, p. 18)

### ❖ **Metáfora 05**

Conta uma velha piada da antiga república democrática Alemã que um trabalhador alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que todas suas correspondências serão lidas pelos censores, ele diz para os amigos: “Vamos combinar um código: se vocês receberem uma carta escrita com tinta azul, ela é verdadeira; se a tinta for vermelha, é falsa”. Depois de um mês, os amigos receberam a primeira carta, escrita em azul: “Tudo é uma maravilha por aqui: as lojas estão abastecidas, a comida é abundante, os apartamentos são amplos e aquecidos, os cinemas exibem filmes ocidentais, há mulheres lindas prontas para um romance – a única coisa que não temos é *tinta vermelha*”. (2012b, p. 95)